REVISTA DA SEMANA

14 de Fevereiro de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil



NO TEXTO:

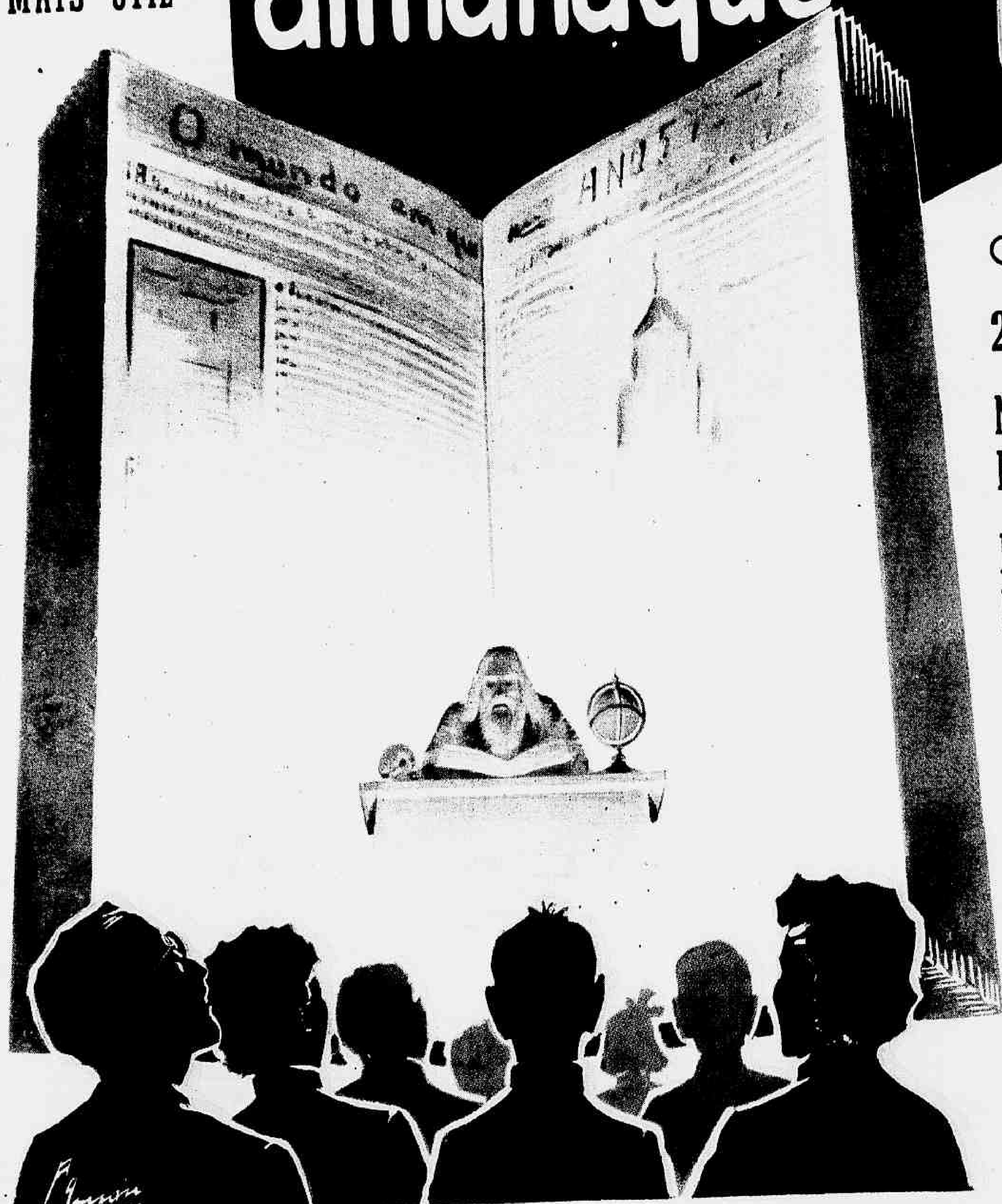
O MONSTRO E OS MÉDICOS
O CLAMOROSO CARNAVAL CARIOCA
OS CAMINHOS DA LIBERDADE



JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS **MIL** ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953



CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

AS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

NAS BANCAS DE JORNAIS, **EM TODO O BRASIL**

PREÇO **25** CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO

O povo vai para os teatros aprender as músicas melhores e ver em que param as modas das fantasias. O rádio batuca o dia inteiro em casa mas os olhos se alimentam melhor com as côres da ribalta. Carnaval de palco, ensaio.

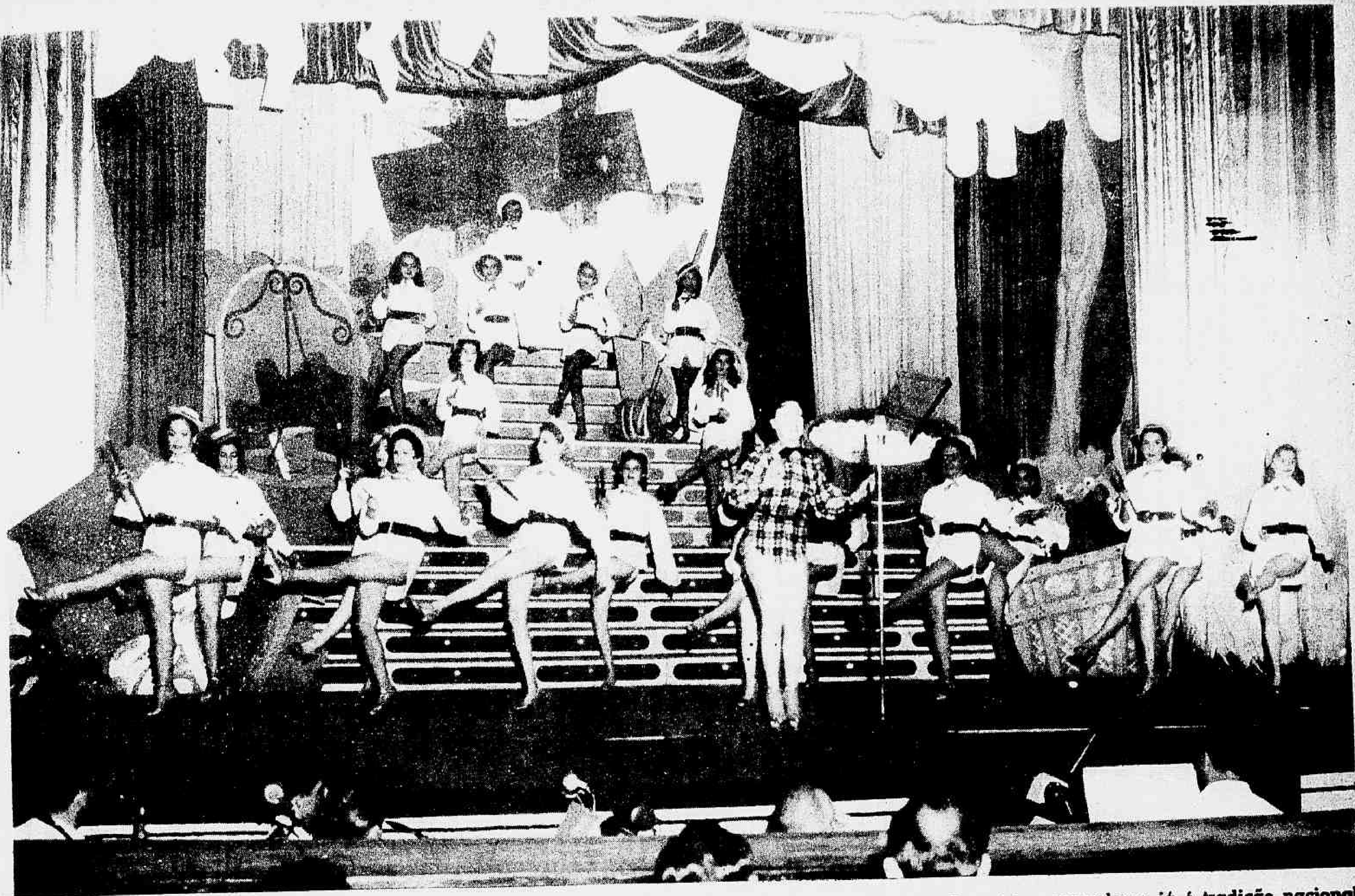


CARNAVAL de CAMAROTE

Texto de
NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES

Fotos de
A. MIRANDA e A. FERREIRA


A serpentina rolando traz o prenúncio do carnaval. E as meninas seminuas fazem um prólogo perigoso. Nas boites também o ambiente torna-se eminentemente carnavalesco. Como aqui no «Night and Day», onde se deu «Viva o Carnaval»!



Virgínia Lane comandou «Lá Vem a Cobra Grande» com muita verve. Ela tem malícia, sal e pimenta. A revista carnavalesca já é tradição nacional.

O ENSAIO GERAL DA CIDADE E' NOS PALCOS ★ "LÁ VEM A COBRA GRANDE", "CARNAVAL DO MIL", "EU SOU TARADA!" E "VIVA O CARNAVAL" ★ PARABÉNS PARA ARI BARROSO

QUANDO rei Momo dá os primeiros ares de sua graça e a cidade sente a brisa invisível do Carnaval é porque o ano entrou e fevereiro vem trazendo no bôjo do seu sol quente o ronco da cuíca e o tilintar dos guizos e das gargalhadas.

E' então quando as músicas de carnaval começam a experimentar o público para ver qual é que vai «pegar». Nos morros os ensaios aceleram o ritmo. Deixa-se de lado a batucada pura da macumba para colorir a batucada carnavalesca. O pito de mestre de cerimônia entra na fôrça do seu prestígio. Cetins e sêdas baratas são cortadas aos metros para a fantasia das Escolas de Samba e dos grupos de parentes ou amigos. E os músicos procuram tirar o melhor partido dos acontecimentos do ano ou então procuram a graça da gíria para conquistar os corações dos foliões, que digamos de passagem constituem 90% da população carioca.

NOS TEATROS

Êste ano as revistas carnavalescas não foram nem muito numerosas nem de grande qualidade. Nem sequer conseguiu lançar um sucesso do calibre de «Sassaricando» que tanto êxito alcançou no ano passado quando saiu do palco e da voz de Virgínia Lane para se derramar sôbre tôda a cidade, e, através do rádio sôbre todo o país.

«Lá vem a Cobra Grande», apresentou um sucessão de quadros que recordaram o carnaval de alguns anos atrás. O vestuário pobre e uma falta de energia vital deixou que êles transcorressem meio opacos. Excepção feita de Virgínia Lane que fêz o que pôde. Outro defeito, a nosso ver, da «Cobra Grande» foi o acúmulo de quadros carnavalescos mais ou menos iguais sucedidos logo depois por outro acúmulo de «sketchs» alguns engraçados, principalmente quando toma parte Ankito que é um grande cômico, não inteiramente aproveitado. Um dos quadros que mereceu a aprovação irrestrita do público foi o dos «Cossacos». Bem apresentada, apesar de bem simples, pelo espírito da letra e pela sátira bem urdida, conquistou



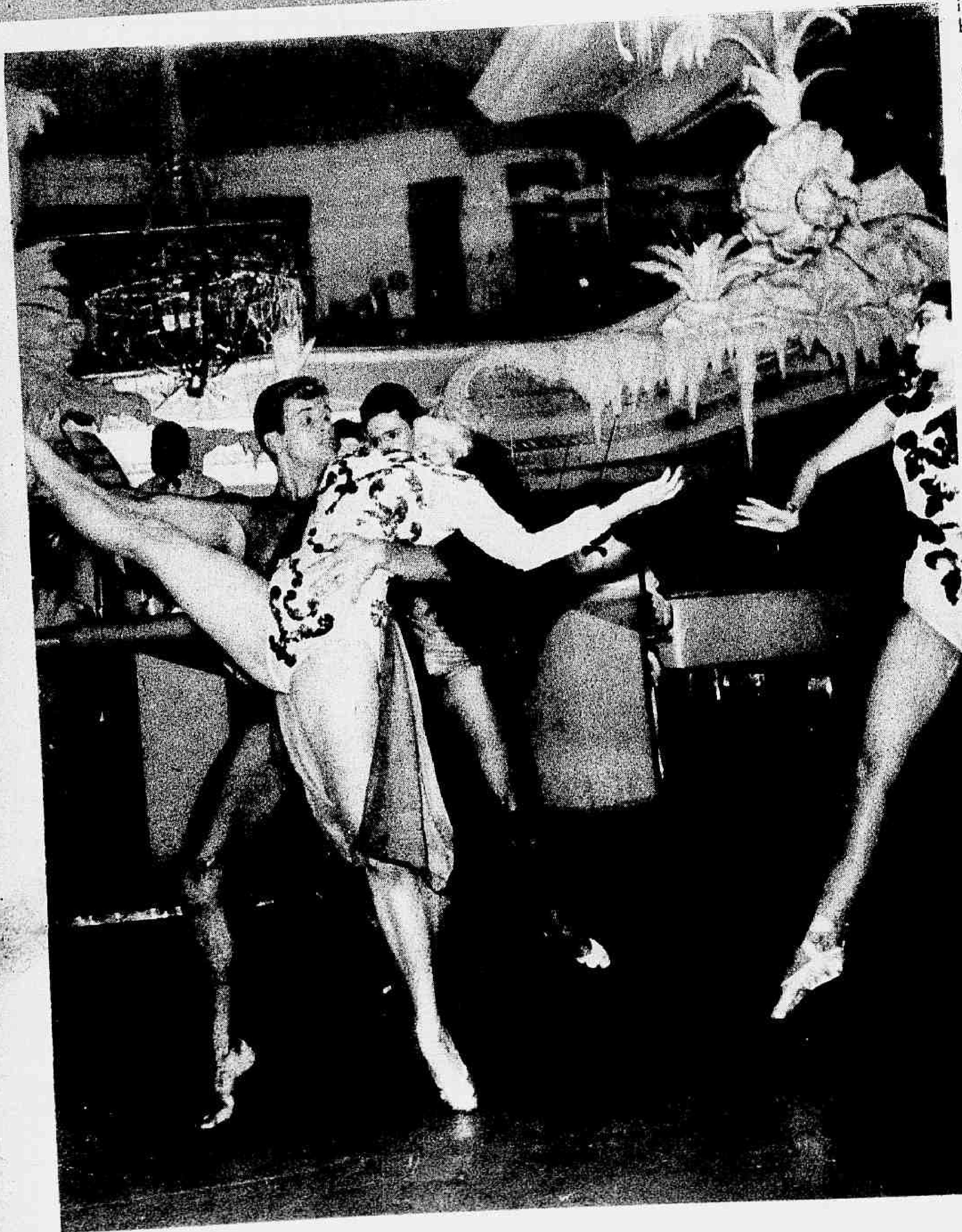
Os Cossacos abafaram por ocasião do carnaval no Teatro Carlos Gomes: — «E' feio ver mais um cossaco cheio».



No Carnaval do Mil, Spina fêz uma impagável Elvira Pagã. E com esta sua notável criação conseguiu salvar a [illegible]



Rei Momo, já sem coroa, no meio da folia, dá uma umbigada. Dercy Gonçalves apara e grita: Eu sou tarada! E com o nome de burleta, vêm os nus alegóricos.



inteiramente as simpatias. Pena que a música (que é boa) não tenha sido suficientemente divulgada.

Ainda no Carlos Gomes, Aracy Côrtes fêz sua reaparição e o fêz com a simpatia de alguém que sabe ter classe. Contando com um «back-ground» como poucos, a veterana atriz mantém a juventude da voz e soube tirar partido de músicas gravadas por ela em outros tempos, mas que tendo marcado época ainda têm vida e ainda agradam.

EU SOU TARADA!

Dercy Gonçalves, ela, sòzinha já é um carnaval. Gozadíssima, basta abrir a bôca que logo o povo cai na gargalhada. Foi para o Teatrinho Jardel em Copacabana e lá mostrou como é possível fazer carnaval

(Cont. na pág. 41)



Ari Barroso misturou bem o clássico com o barroco. Em matéria de carnaval de palco fêz o melhor. Em cena: Eva Lanthos e Jurema, dois corpos esculturais. Wellington Brandão fêz um impagável «barnabé» de touca. Carioquíssimo.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 7 ★ 14-2-53

SUMÁRIO:

Carnaval de Campeões 3/ 6
O Novo Eldorado Verde 15/17
O Monstro e os Médicos 20/21
Os caminhos da liberdade ... 23/26
Nem mortos nem feridos 28/29
A luta sangrenta dos Samurais 31/34
Carnaval com papel de sêda . 49/53
De sereia a Rainha 52/53

●

A maior glória de Patrocínio .. 7
Também tu, palhaço (conto) .. 11
A Bem-Amada (Romance) ... 12/13
Semana Literária 35
O clamoroso carnaval carioca .36/37

●

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Êste mundo e o outro 14
Lido... Visto... Ouvido... .... 18/19
A Revista há 50 anos 22
Conta-me teus sonhos 22
Passatempo 42
Último flash 54

●

Sinfonia colorida 27
A luz da psicanálise 38
A saúde do bebê 39
Arabelle 40
A moda para 1953 43
Modelos em desfile 44/45
Camisolas 46
Calor 42
A celulite do rosto 42

●

CAPA:
Elizabeth Taylor (Foto M.G.M.)

★

EXPEDIENTE

Diretro: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental ortuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS DARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$350,00
Seis meses .... Cr$180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão 69 — Telefone: 34-1569.

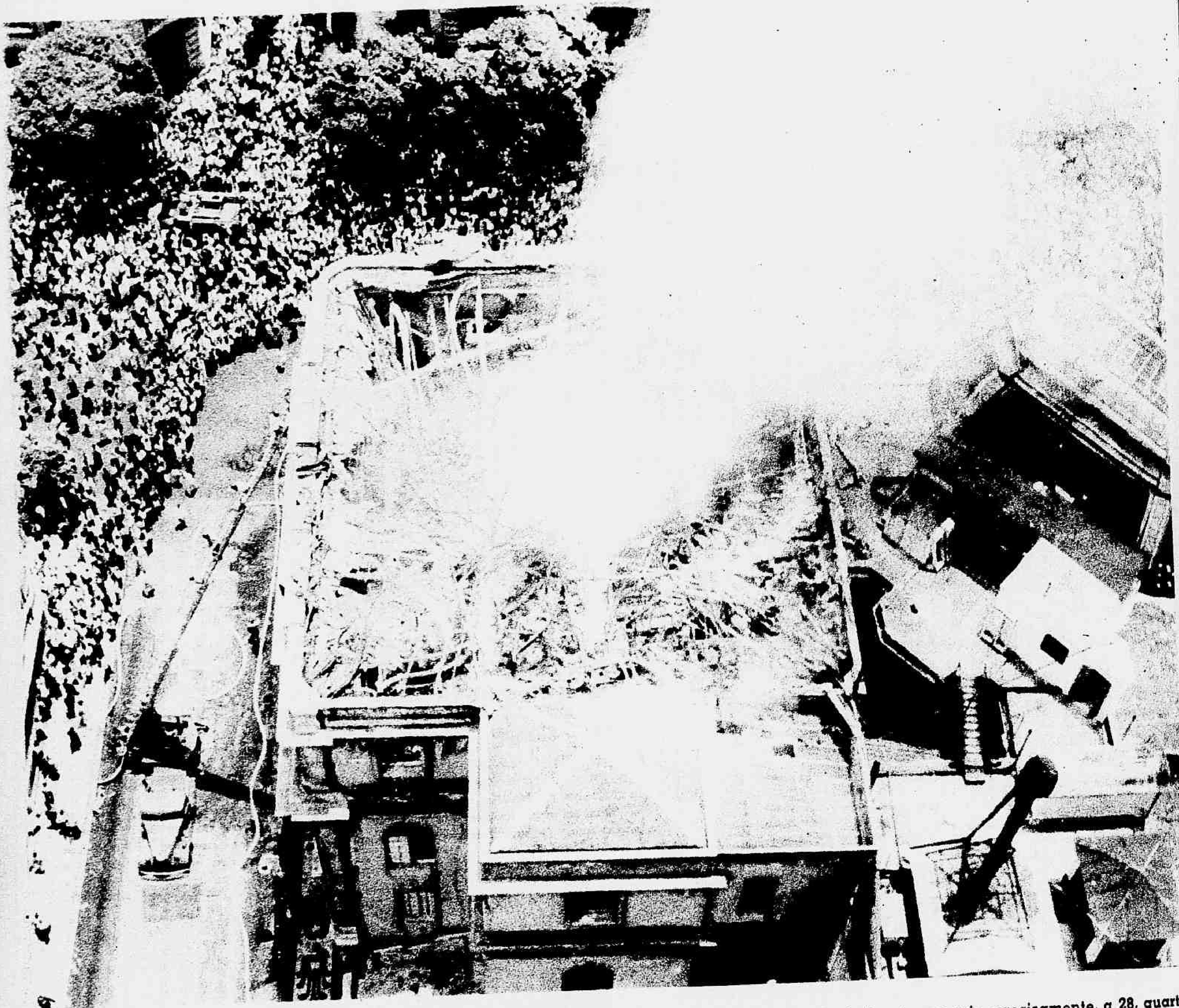
A maior glória de Patrocínio



TODOS os grandes homens têm seus motivos de orgulho. Uns se ufanam das batalhas que venceram; outros, assentam sua vaidade na conquista das letras; os cientistas, se orgulham das suas descobertas e invenções. José do Patrocínio, um dos maiores brasileiros de todos os tempos, foi jornalista vibrante, foi escritor, romancista, panfletário, abolicionista e republicano, orador de grandes recursos verbais, revolucionário contra Floriano e homem de grande cultura conquistada na Faculdade de Medicina de onde não saiu diplomado porque não quis, preferindo a Farmácia. José do Patrocínio ainda não tem um monumento no Rio. Até agora, o que lhe puderam dar em memória do quanto lhe deve o Brasil e, particularmente, o povo carioca, foi uma placa em rua modesta de bairro semi-suburbano. O grande brasileiro, porém, não exigiria mais, se fôsse vivo. E' que José do Patrocínio nunca se envaideceu pela fulgurância de sua vida no cenário político e social do país. Venceu muitas batalhas na imprensa; enfrentou as maiores dificuldades e terçou armas na arena do jornalismo nacional, sempre vitorioso. Era um gênio a expandir luz como uma estrêla; um espírito vulcânico e incansável, sempre disposto a abraçar, desinteressadamente, as idéias nobres de emancipação do povo, de democracia e de liberdade. Ídolo das massas, o seu sepultamento foi, até hoje, o maior do Rio, mesmo em confronto com o de Chico Alves. E isso a 29 de janeiro de 1905! Pois o de que mais se orgulhava Patrocínio, era de ser filho de escrava com um padre. Certa vez Eduardo Prado, monarquista de escama grossa, procurou humilhá-lo: «Você assinou a Ata da Proclamação da República, com o nome de José **Carlos** do Patrocínio. De onde lhe veio êsse **Carlos?»** Patrocínio percebeu a direta e respondeu com chispas nos olhos e um ciclone na voz: «Êsse nome eu o herdei de meu pai, o vigário João Carlos, da cidade de Campos dos Goitacases, insigne latinista, eloqüentíssimo orador sacro. Êle não quer que eu o diga; mas eu não tenho motivos para esconder, pois me orgulho de ser seu filho com minha mãe, a escrava Justina, de origem abissínia, de cabelos finos. Sou José **Carlos** do Patrocínio, **Carlos** que muito me honra, pois sou filho de um homem que tem a glória de erguer na ponta dos dedos a hóstia consagrada e vestir a batina de um sacerdócio probo e divino». Era assim, José do Patrocínio. Quando se lançou à campanha abolicionista, predicando fugas de escravos, fundando associações libertadoras, foi acerbamente atacado pelos escravistas e coberto com os mais torpes insultos. Como lhe não podiam atacar a honra tentavam humilhá-lo divulgando sua origem. Mas perdiam o tempo, pois que a maior glória de Patrocínio era exatamente essa origem: filho de um sacerdote católico dos mais eminentes pelo saber, pelo brilho da parenética de que Vieira se orgulharia, com uma escrava cujos grilhões Patrocínio destruiu com o produto de seu suor de filho gratíssimo, sempre vendo naqueles que lhe deram a vida, almas puras, dignas de respeito e veneração. E a preta Justina subiu tanto no conceito dos maiores espíritos nacionais, que o próprio Ruy presidiu a um banquete em sua homenagem, e quando faleceu a venerável quitandeira de Campos nos braços do filho, pegaram nas alças do seu caixão, as mais altas personagens do Rio, Ministros de Estado e pensadores de escol. José do Patrocínio assinou, pela primeira vez, **José Carlos do Patrocínio**, na Ata da proclamação de 15 de novembro, documento que se encontra no livro de Evaristo de Morais, «Da Monarquia para a República». E, por causa dêsse **Carlos**, deu Patrocínio as mais belas lições de moral, na grandeza de seu caráter. A morte de José do Patrocínio passou a 29 de janeiro e nenhum jornal a registrou. Que teria havido nas Escolas?

RENATO DE ALENCAR

P.S. — Na crônica anterior saiu um mendingando em lugar de mendigando e um presenteie, que devia estar no plural. — R. de A.

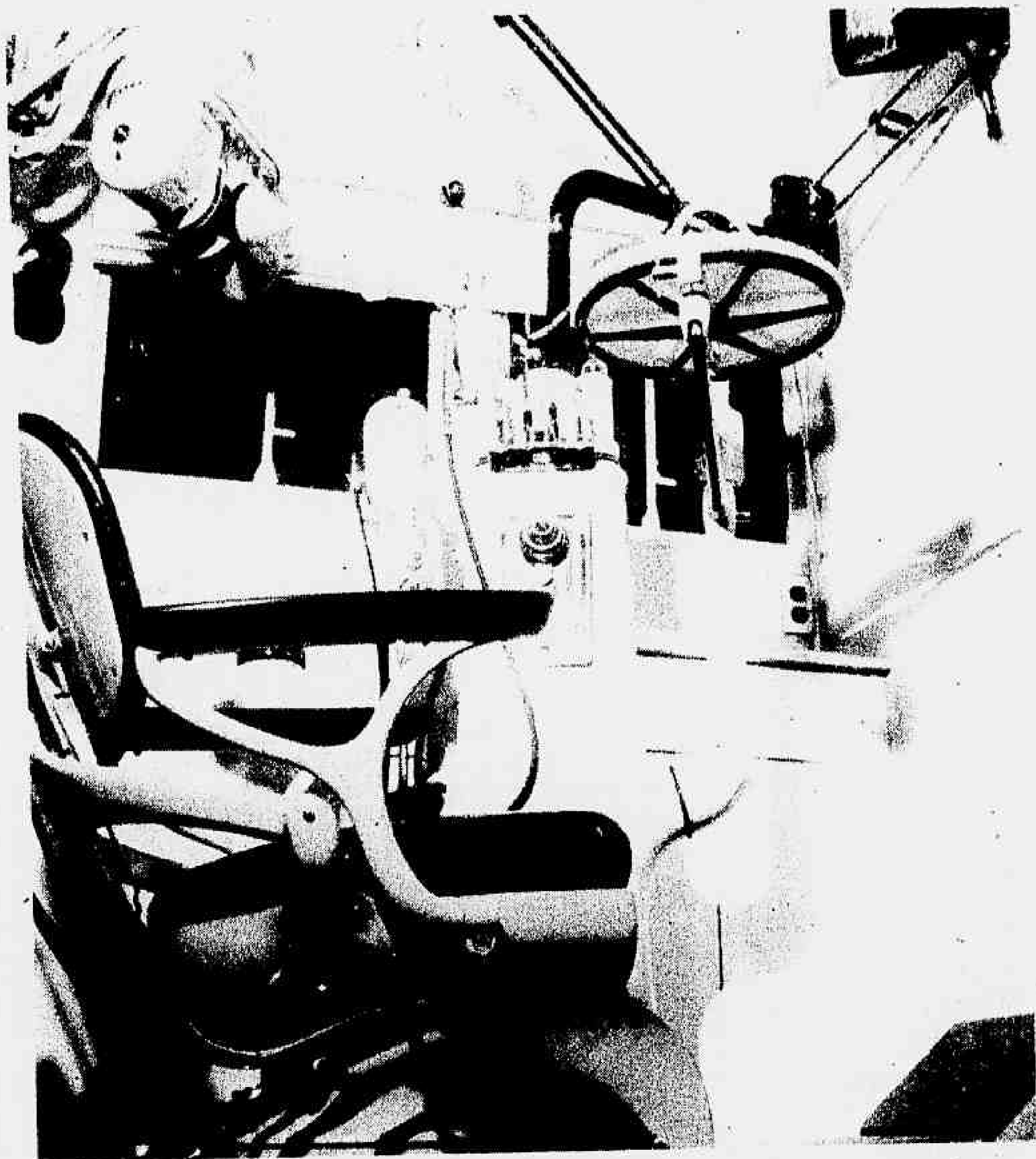


NOS ÚLTIMOS dias do mês de janeiro, ou seja, precisamente, a 28, quarta-feira, tôda a cidade do Rio de Janeiro foi sacudida com a notícia que correu mundo às 13 e pouco: incêndio na sede do Jóquei Clube! De início chegaram a dizer que o fogo devorava uma das alas da Escola de Belas-Artes! Mas, nem foi no Museu de Belas-Artes, nem pròpriamente na sede do Jóquei, e sim numa de suas dependências, no 4º andar do edifício do antigo Derby-Club, hoje incorporado ao Jóquei, que lhe fica vizinho. O incêndio, causado por um curto-circuito, ficou circunscrito ao último andar, atraindo enorme multidão de curiosos. Os bombeiros agiram com presteza e as chamas foram dominadas em pouco tempo.



A SEMANA EM REVISTA

EDMUR, ATACANTE do Vasco, sagrado campeão de 1952, casou-se sábado 31 de janeiro. O enlace se realizou na igreja de Santana, em Niterói, sendo a nota social mais interessante daquele fim de semana. Edmur, que fêz rápida e justa ascensão no esporte do futebol, começou como juvenil do Flamengo e jogou diversas partidas nos aspirantes. Serviu a Tamoio de S. Gonçalo e ingressou depois no Canto do Rio. Reconhecendo nêle um bom jogador, o Vasco obteve o seu passe. Enquanto au mentava o prestígio de Edmur em nossos gramados, crescia o seu amor eleita de seu coração, até que, a 31 de janeiro de 1953, «amarrou-se» atacante, tendo como padrinho a Ademir, que se vê na foto com a espôsa



POSSUI O RIO o seu primeiro Hospital Ambulante, montado com todo o rigor científico e prático aos fins a que se destina. E', aliás, o primeiro do Brasil, e foi oferecido à L. B. A. (Legião Brasileira de Assistência) por uma organização comercial desta cidade. O Hospital Ambulante poderá prestar os mais eficientes serviços aos que precisarem de socorro imediato, pois está provido de tudo o que é necessário à assistência e intervenção cirúrgica em um pequeno nosocômio. Nesta página oferecemos aos nossos leitores uma fotografia do veículo e um detalhe de seu completo aparelhamento de emergência, excelente inovação nos nossos recursos para salvar os enfermos.



A PERSONAGEM da SEMANA



AOS cinqüenta minutos do
dia 1 de fevereiro corrente,
falecia em sua residência na
rua Ana n. 56, o jornalista Or-
lando Vilar Ribeiro Dantas, di-
retor-presidente da Emprêsa S. A.
«Diário de Notícias» e diretor
do mesmo jornal desde a sua
fundação a 12 de junho de 1930.
Nascido a 11 de fevereiro de
1896 em Ceará-Mirim, Rio Gran-
de do Norte, do casal João Ri-
beiro Dantas e Joaquina Vilar
Ribeiro Dantas, foi aos onze
anos tentar a vida no Recife,
onde lutou, sofreu e venceu fazendo-se homem. Sempre dedicado
às lides da imprensa, fundou uma emprêsa gráfica, dedicando-se
ainda a representações comerciais. Embalde procurou fundar no
Recife uma indústria de artefatos de borracha. Lançou o «Dire-
tório Comercial Brasileiro», iniciativa de grande utilidade para o
Brasil. Vindo para o Rio em 1922, além de dirigir uma revista de
economia, firmou contrato para chefe de publicidade do «Jornal».
Foi à Argentina a serviço do jornal, e, em junho de 1930 fundava
o «Diário de Notícias», órgão que é um dos paradigmas de digni-
dade da imprensa brasileira. Em 1948, Orlando Dantas foi aos
Estados Unidos a fim de receber o prêmio jornalístico «Maria Moors
Cabot», na Universidade de Colúmbia, das mãos de Eisenhower.
Deixa viúva e filhos, um dêles, João Portela Ribeiro Dantas, seu
sucessor na direção do jornal. Com a morte de O. R. Dantas, a
imprensa sul-americana perde um dos seus mais autorizados e
mais destacados elementos: um organizador extraordinário, um
comandante, uma grande figura, no verdadeiro sentido.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovariarios use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

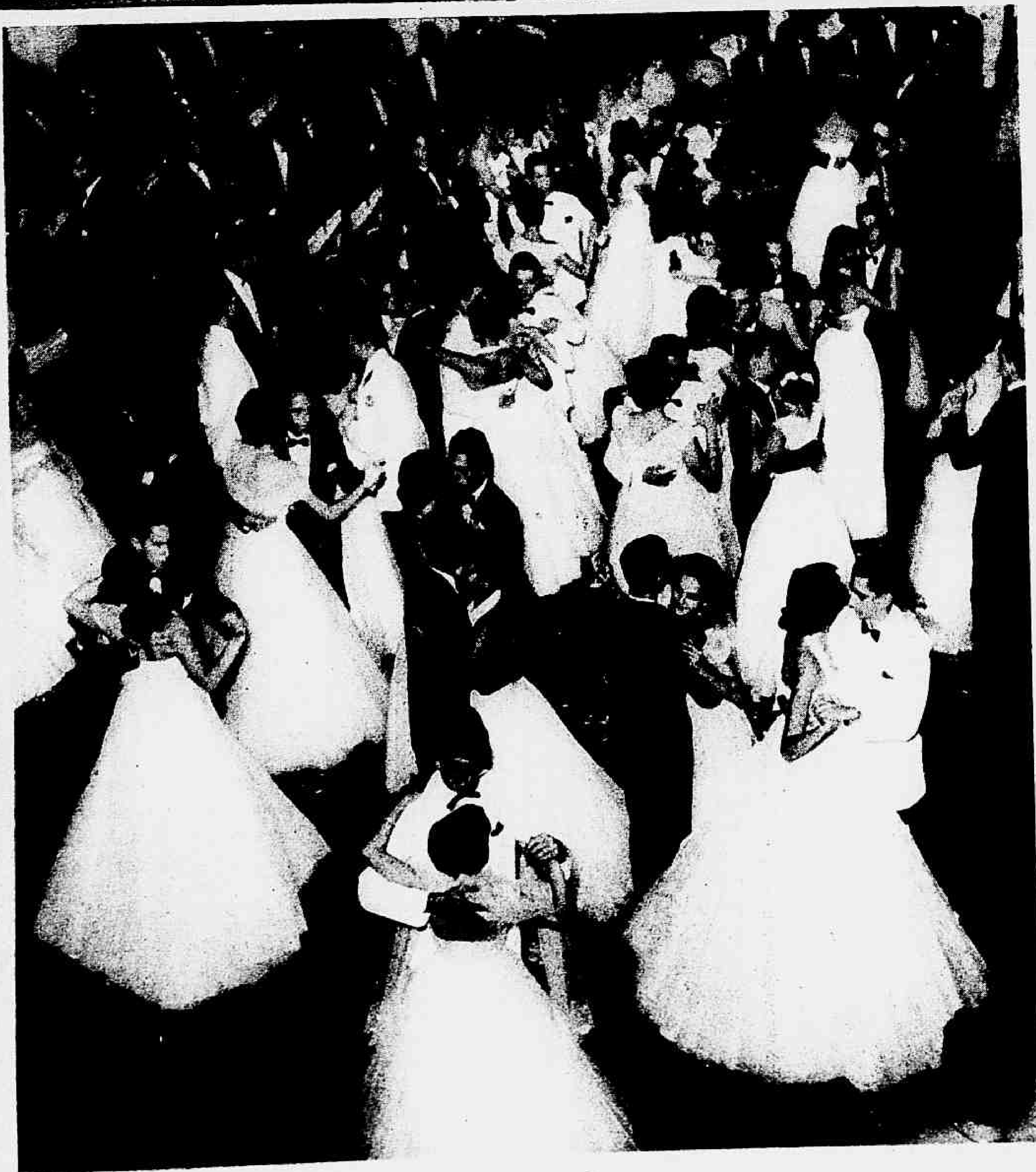
Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

**Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira**





AS NOVAS GERAÇÕES

NENHUMA festa é mais memorável do que as de terminação de curso. E' ali que as gerações que surgem para a vida ativa e objetiva da sociedade podem dar balanço no seu aproveitamento espiritual e escolher a estrada da vida. E, quando algumas dezenas de anos depois, as mesmas personagens se reencontram numa encruzilhada da existência, quanta recordação dos bons tempos da colação de grau! Pois é de uma festa dessas as fotos que estampamos nesta página, a do fim do curso dos alunos do Colégio Jacobina em 1952, no baile realizado nos salões do Fluminense, quando se reuniram os que conquistavam as láureas da cultura. São as novas gerações que surgem, construindo castelos onde nasce a esperança, e, por vêzes, até o Amor...



Também tu PALHAÇO!

NEM Taurus, o atleta, com seus poderosos músculos; nem Zido, o trapezista, com seus malabarismos; nem mesmo Bingo, o elegante, com sua prodigiosa capacidade de fazer coisas, nenhum dêles gozava do prestígio de Zé Manco no coração da petizada: Zé Manco, o palhaço capenga.

Zé Manco ria dentro e fora do picadeiro, era um palhaço feliz; pudera não, sôbre ser o cartaz da "troupe", rivalizava ainda com Zido no coração de Elzie, a trapezista; com vantagem, digamos.

O palhaço tinha inimigos contudo; entre êles, de um modo geral, os pais, êstes, não viam com bons olhos a longa temporada do circo, que já se estendia, aliás, por diversos meses, sobrecarregando-lhes as despesas em demasia. Era um nunca mais acabar de circo; circo pra cá, circo pra lá; Zé Manco pra cá, Zé Manco pra lá.

Nem todos os pais, porém, assim pensavam; havia um, por exemplo, o sr. Oliveira, rico negociante e homem de fina educação, para quem as palavras circo e Zé Manco, longe de serem desagradáveis, soavam como a mais doce das músicas.

O negociante tinha suas razões para gostar do circo, ou melhor, sua forte razão, e esta era Afonsinho, seu filho.

Capenga como Zé Manco, Afonsinho delirava com a presença do saltimbanco na arena: o palhaço, para o garôto, era mais do que uma simples diversão, era um ídolo, um herói. O sr. Oliveira, depois de correr mundo procurando cura para seu filho e, vendo baldados seus esforços, buscava um lenitivo para o menino; êste lenitivo ia desde um simples brinquedo até a uma viagem, fôsse o que fôsse o garôto tinha que esquecer sua infelicidade, por momentos que fôsse, mas tinha; e a verdade é que muitas vêzes o negociante o conseguira. Esta era a forte razão do sr. Oliveira para gostar do circo, mais pròpriamente do que do circo, do palhaço capenga.

Afonsinho não perdia espetáculo e menos ainda as palhaçadas de Zé Manco; que gozado que era! que nariz, que bôca e sobretudo que pernas! como eram tortas! e como pregava peças aos outros... era um nunca mais acabar de piadas e tombos; e não escapava ninguém! desde os empregados até ao gerente, o velho Rizini, que se mostrava aliás muito zangado; uma vez até, quase Taurus o agrediu, não fôsse aparecer Elzie, a insinuante trapezista e Zé Manco seria espatifado pelas mãos do atleta; mas ela sempre aparecia nestas horas salvando-lhe o pêlo; como ela gostava do palhaço! pudera não, pois êle era tão gozado!...

Realmente, Zé Manco não parava, as peças sucediam-se umas após outras, nos companheiros de "troupe"; nestas ocasiões, Zé Manco fazia a delícia da petizada, tomando-lhes inteiramente o coração.

*

Em que pesasse o horário, o espetáculo só começava, quando a criançada cobria todo o perímetro de arquibancadas; então a charanga arrebentava por todos os lados, enchendo com sua estridência, todo o anfiteatro e, por pior que estivesse, mexia sempre o sangue e os nervos dos presentes; dos presentes porque alguns números empolgavam também os adultos. O primeiro: — Elzie e Zido, os trapezistas — era um dêles; não tanto por Zido que, embora fizesse diabruras, não chegava nunca a ofuscar Elzie, a verdadeira atração da dupla.

O primeiro número era anunciado, os tambores rufavam e Elzie aparecia: coberta por longa capa vermelha, que logo entregava a um ajudante, deixava ver então, senão um corpo bem feito, pelo menos jeitoso para uma estrêla de picadeiro. Loura, esbelta e graciosa, coberta agora apenas por curta malha negra, provocava a primeira sensação na multidão; passava então aos gestos, pulos e arabescos aéreos, esvoaçando qual exótico pássaro louro, de trapézio para trapézio, ou de Zido para o trapézio e vice-versa, terminando por perigoso salto mortal; era a segunda sensação.



Esta era a única ocasião em que Zé Manco não trabalhava e não atrapalhava, limitava-se, como um espectador, a assistir o número. Mudo e inerte como uma estátua, postava-se no lado esquerdo da entrada do palco e acompanhava então, com o coração em reboliço, as evoluções da moça; era porém diferente êste reboliço do dos espectadores: amava Elzie e enciumava-se de vê-la nos braços do outro.

Afonsinho não perdera êste detalhe, não o do amor de Zé Manco por Elzie, mas o do local de observação do palhaço: o lado esquerdo da entrada do picadeiro; disto o garôto tirou logo proveito: a sua cadeira e a do pai passaram a ser, pouco depois, as mais próximas possíveis do local em que o palhaço ficava.

Não tardou que Zé Manco notasse o menino, não tanto por sua constante presença senão por suas insistentes provocações; acabaram por se fazer amigos. Se no princípio o palhaço apenas correspondia às brincadeiras do menino, já a esta altura a coisa tinha evoluído, pois, não só sentia nêle um amigo, mas, mais do que isto, um estímulo;

(Cont. na pág. 41)

Conto de HILTON FARIA

Ilustração de RAMON

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

SIM. Nossa casa, ou melhor, a dêle, não a minha, está em South Kensington. Ali vivemos durante três anos. Mas, nesta temporada alugamos aqui na ilha, o castelo de Silvânia, por um par de meses, pois o proprietário está ausente.

— Assim, estive muito perto de você, senhorita Beucomb, uma vez que a modesta casa de meu pai fica a poucos passos do castelo.

— Mas, se seu pai quisesse, poderia ter uma vivenda muito melhor.

— Acha? Eu nada posso dizer, pois meu pai não me fala de seus negócios.

— Meu pai, — prorrompeu ela abruptamente — está sempre a repreender-me por minha prodigalidade. E agora mais que nunca. Diz que, na cidade, vou tão loucamente que excedo a pensão que marca.

— Disse-lhe isto esta tarde?

— Sim, e então estalou entre nós dois uma discussão violenta, e êle quis encerrar-me em meu aposento todo o dia; mas, por fim, fugi e não hei de voltar nunca mais à sua casa.

— E que vai você fazer agora?

— Primeiro irei ver minha tia, que mora em Londres. Agora, com a sua ajuda, tomarei o trem logo que chegue à estação.

— Mas... com êste furacão?

— Ficarei aqui sentada, até que passe a borrasca.

E ambos se sentaram sôbre as rêdes de pescar. Pierston sabia que o velho Beuçomb era o mais rancoroso inimigo de seu pai, e que havia acumulado grande fortuna devorando os modestos comerciantes de pedreiras, havendo encontrado no pai de Jocelyn, um concorrente difícil de ser vencido, pois que era então o principal êmulo da **Best-Bed Company.** A Jocelyn pareceu estranho que o destino o houvesse colocado em situação de desempenhar o papel de filho dos Montescos com aquela filha dos Capuletos.

Por mútuo instinto falavam em voz baixa. E, em virtude do fragor da tormenta, eram obrigados a aproximar-se muito um do outro. Alguma ternura se interpôs em suas atitudes e modos de falar, enquanto decorriam os minutos, os quartos de hora, uns atrás dos outros, e ambos esqueceram o tempo. Era já muito tarde quando se levantaram, alarmados com a situação.

— Chova ou não, é-me impossível permanecer aqui mais tempo — disse ela.

— Regressemos à vila — respondeu êle tomando-lhe a mão. — Eu a acompanharei. Já perdi o trem.

— Não. Quero continuar para a frente e hospedar-me em Budmouth, se puder chegar até lá.

— E' tão tarde, que você não encontrará nenhuma casa aberta, exceto a baiuca que fica perto da estação, onde não é conveniente você pernoitar. Mas, já que está assim tão decidida, eu lhe farei companhia. Não me é possível deixá-la nesta situação. E' muito perigoso a uma jovem ir sòzinha até lá, numa noite destas.

Persistiu ela em continuar a caminhada e ambos se puseram na estrada sob a violência do temporal. À sua esquerda o mar arrebentava suas ondas tão perto dêles, que parecia estarem ambos a atravessar as vagas como os filhos de Israel. A fúria do mar era tão violenta contra as pedras à margem da estrada em que iam, que a espuma jogada para o alto vinha cair-lhes sôbre a cabeça. Grande quantidade de água salgada escorria por entre as pedras, formando riachos que atravessavam o caminho e iam desaguar no outro lado do istmo.

Até agora os dois não haviam notado como a fúria do temporal era perigosa. Não era incomum ver-se uma tempestade assim lançar ao mar incautos transeuntes daquela estreita língua de terra, perecendo os mesmos afogados sem qualquer meio de salvação.

O vestido da senhorita Beucomb oferecia maior superfície ao vento que a roupa de Pierston, colocando-se a jovem em maior risco, pelo que lhe era impossível recusar o auxílio que êle lhe oferecera. Primeiro lhe deu o braço; mas o vendaval era tão forte que êles se viram separados como dois tenros galhos. Então Pierston a segurou fortemente pela cintura, a que não fêz ela objeção alguma.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem escultor Jocelyn Pierston, vindo de Londres à pequena cidade em que residia seu pai, numa ilha, encontra-se com Avicia, a quem conhecia desde a mais tenra idade e se apaixona por ela, pedindo-a em casamento. Mas, certas tradições locais criam obstáculos e Avicia se excusa a ir despedir-se dêle num lugar afastado da povoação. Desesperado, recebe êle uma carta da noiva desculpando-se pelo não ir ao encontro na hora da despedida. Mas, ao dirigir-se ao ponto do embarque, Jocelyn se encontra casualmente, com uma jovem do mesmo lugar, a qual brigara com o pai e fugia de casa. Sobrevém uma tempestade com chuva forte e muito vento, e os dois procuram refúgio sob a quilha de um barco à beira-mar.

De momento começou Pierston a sentir uma sensação indefinível, e, se bem que tivesse suas experiências de homem, não deixou de sentir-se meio perturbado com o contato mais íntimo com a sua nova amiga. Talvez isso significasse uma transmigração de sua Bem Amada. Entretanto ainda não havia ocorrido tal coisa, e, ao pensar em tudo isto, verificou também, o quanto estava ela bem abrigada sob tão macias e caras peles. Os únicos pontos enxutos de suas roupas eram os do lado esquerdo dela e o direito dêle, pois o mútuo contato os resguardava da chuva.

Logo que puderam atravessar a ponte dos barcos, conseguiram resguardar-se mais um pouco do aguaceiro; êle, porém, não deixou de ampará-la, até que ela demonstrou desejos de equilibrar-se por si mesma. Passaram pelas ruínas do castelo e, havendo deixado muito atrás a ilha, andaram milha e mais milha até chegar às vizinhanças da próxima povoação costeira, onde, sem parar, entraram já cansados, atravessando a ponte do molhe à meia-noite, molhados até aos ossos.

Pierston tinha pena de sua companheira e, se bem que estranhasse sua determinação, admirava-a. As casas que davam para o mar, serviam agora de proteção contra o vento e a chuva. Momentos depois chegavam à estação terminal da nova estrada de ferro. Conforme dissera Pierston, só se via ali uma casa aberta, uma pousada sem condições de comodidade e que não podia servir de hospedagem a uma senhorita como aquela. Era ali que pernoitavam os que esperavam o correio na manhã e os passageiros que vinham em botes, pelo Canal. Para entrar ali nada mais fácil. Bastava dar volta a uma maçaneta rústica, e, à luz do gás do corredor, ficar-se ali tôda a noite.

Só então pôde Pierston notar como era formosa aquela jovem, de aspecto galhardo e tão alta como êle, mostrando em seu rosto a florescência de juvenil feminilidade. Seu rosto, na realidade surpreendente, embora mais pela arrogância do que pela beleza, e o embate do vento, da chuva e da espuma do mar, haviam colorido suas faces com matizes de peônia.

Persistiu ela na resolução de marchar para Londres no primeiro trem da manhã, pelo que lhe fêz êle algumas advertências sôbre questões de menor importância, dizendo-lhe:

— E' conveniente, então, você subir aos seus aposentos e mandar que levem tôdas as suas coisas para enxugar ao fogão, do contrário, ao embarcar, não poderá usar nada. Vou pedir à empregada que tome essas providências e lhe mandarei alguma coisa que comer.

Ela aceitou êstes oferecimentos, embora sem nenhuma demonstração de agradecimento, e, logo que se acomodou em um dos quartos. Pierston mandou ligeira ceia por intermédio da sonolenta criada que fazia as vêzes de "porteira noturna" do curioso hotel. Por sua parte sentia Jocelyn uma fome voraz, e, enquanto punha suas roupas a secar, da melhor maneira que pôde, tratou também de matar a fome.

De começo estava indeciso sôbre a maneira de agir; mas, logo depois decidiu permanecer ali até a manhã seguinte. Com cobertores e umas chinelas que encontrara no armário, esforçou-se por acomodar-se. Súbito chegou a criada com uma porção de roupas de mulher. Eram as vestes e peles molhadas de sua inesperada companheira. Pierston se afastou do fogo, enquanto a empregadinha, ajoelhando-se diante das chamas, sustinha com os braços estendidos um dos vestidos da hóspede que estava lá em cima, começando a sair dos panos a secar, uma nuvem de vapor. Em certo momento a empregada deu um cochilo para a frente, mas se refez e tornou a cabecear.

— Estás assim com tanto sono, menina? — Perguntou Pierston.

— Sim, senhor; faz muitas horas que estou em pé. Quando não vem ninguém durmo na cama, noutro aposento.

— Pois eu vou aliviá-la desta tarefa. Anda e deita-te para dormir em teu aposento como se não houvéssemos chegado. Eu me encarregarei de secar as roupas da senhorita que está lá em cima. Pela manhã tu as levarás a ela.

A pobre moça deu graças a Deus, agradeceu aquela amabilidade e lá se foi para um quarto contíguo, de onde começou a roncar minutos depois. Jocelyn pôs mãos à obra, secando e estendendo as peças de roupa e as peles da bela Juno que estava no sobrado. Logo que acabou o trabalho, quedou pensativo: Voltava a notar a mudança iniciada durante a caminhada. A Bem Amada trocava de casa e se convertia na portadora de tôda aquela imaginação.

Dez minutos bastaram para adorá-la. E a pobrezinha da Avicia Caro? Já não pensava nela como antes. Não estava certo de haver visto a verdadeira Amada naquela amiga de infância, por muito que se interessasse pelo seu bem-estar. Porém, a amasse, ou não, começou a ver que o espírito, emanação ou idealismo a que se dava o nome de Amor, transferia-se furtivamente de uma distante presença, para aquela que estava perto, no aposento lá de cima.

Avicia, temerosa de suas próprias fantasias, não havia cumprido sua promessa de ir encontrá-lo nas ruínas solitárias. Mas, na realidade êle havia sido educado com mais independência do que ela, sujeita àquela tradição dos ilhéus inocentes com seus vetustos costumes.

CAPÍTULO VI

A senhorita Beucomb saía do hotelzinho para tomar o trem, que já chegava até ali e se havia inaugurado recentemente, como a propósito para aquêle acontecimento. Por sugestão de Jocelyn expediu ela um telegrama comunicando que havia ido para a casa de sua tia, a fim de, com o aviso, evitar as aflições do velho e anular qualquer providência de perseguição. Depois se encaminhara para a bilheteria e ali se despediram. Jocelyn foi buscar sua valise como se houvesse terminado ali aquela aventura.

Mas, ainda na plataforma seus olhos cruzaram e dêles saiu tal fulguração, com tão viva luz recíproca, que mais parecia um relâmpago telegráfico:

"Se vamos para o mesmo destino, por que não ficarmos no mesmo vagão?"

E assim fizeram.

Ela se colocou em um assento junto à janela, de costas para a locomotiva. Êle se sentou defronte dela. O condutor, julgando-os noivos, ao inspecionar a cabine, não colocou mais nenhum passageiro naquela dependência do carro. Os dois conversaram sôbre assuntos estritamente vulgares, sem que êle pudesse penetrar o pensamento dela. Mas, a cada parada em estações, temia insinuar-se. Antes de chegar à metade do caminho de Londres já estava patente de que se havia inclinado a amá-la. A Bem Amada tomava novo corpo e dominava tôdas as suas filhas, tôdas as linhas, transportando-se para aquela mulher. Aproximar-se da estação de Londres era como acercar-se do dia de Juízo. Como deixá-la entre a agitação das ruas de uma populosa cidade? Ela parecia estar inteiramente desprevenida para resistir ao tumulto das ruas. Jocelyn lhe perguntou qual o enderêço da tia.

— Bays Water — respondeu ela.

Logo que chegaram a Londres, Pierston chamou um carro e propôs que êle a levasse até a casa da tia, pois que sua residência estava muito distante do itinerário da sua. Por mais que fizesse não conseguiu certificar-se se ela estava a perceber seus sentimentos. Mas a companheira de viagem aceitou o oferecimento e subiu com êle ao veículo.

No trajeto lhe disse Pierston:

— Somos antigos amigos.

— Com efeito, somos — respondeu ela sem sorrir.

— Mas, hereditàriamente, somos inimigos mortais, querida Julieta.

— Sim... mas... como disse você?

— Disse "Julieta".

Ela começou a rir de forma algo altaneira e murmurou:

— Seu pai é inimigo de meu pai, e meu pai é meu inimigo. Sim, assim é.

Seus olhos colheram os olhares de Pierston, que exclamou fervorosamente:

— Minha querida rainha! Em lugar de ir a casa de sua tia, quer casar-se comigo?

— Ruborizou-se tôda com uma reação que parecia de cólera. Não era exatamente isso, mas denotava grande excitação. Não respondeu, e êle teve mêdo de haver ofendido sua dignidade. Talvez se houvesse aproveitado dessas circunstâncias como de um instrumento para suas intenções. Entretanto, prosseguiu:

— Porque, assim, seu pai não se atreverá a mandar buscá-la. Além disso a coisa não é tão precipitada como parece. Sabe você tudo o que a mim diz respeito: minha história e minhas esperanças. E eu sei tudo a seu respeito. Nossas famílias foram vizinhas na ilha durante séculos, se bem que você seja agora uma vizinha de Londres.

— Chegará você a ser acadêmico da Real? — Perguntou ela com ares meditativos e já acalmada em sua excitação.

— Espero ser e o **serei** se você fôr minha espôsa.

A senhorita Beucomb o fitou durante uns momentos.

Pierston prosseguiu:

— Pense você como lhe seria fácil aplainar os caminhos da situação em que se encontra. Nem molestaria sua tia, nem voltaria para casa de seu pai irritado.

Isto pareceu decidí-la e cedeu ao abraço dêle.

— Em quanto tempo nos casaremos? — Perguntou ela com evidente repreensão de ânimo.

— Poderíamos casar-nos amanhã mesmo. Esta tarde poderíamos ir ao Cartório de Registros, e a licença já estaria despachada amanhã pela manhã.

— Pois bem... Não quero ir mais para a casa de minha tia. Serei uma mulher independente! Censuraram-me como se eu fôsse uma garotinha de seis anos. Serei sua espôsa, se é tão fácil como diz.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

FANTASIAS

CRIAÇÃO DE DARCY



BARRACA DE MELANCIAS



INTERMEDIÁRIO (entre o govêrno e o povo)



PASSAGEIRO DA CENTRAL



TROCADOR DE ÔNIBUS

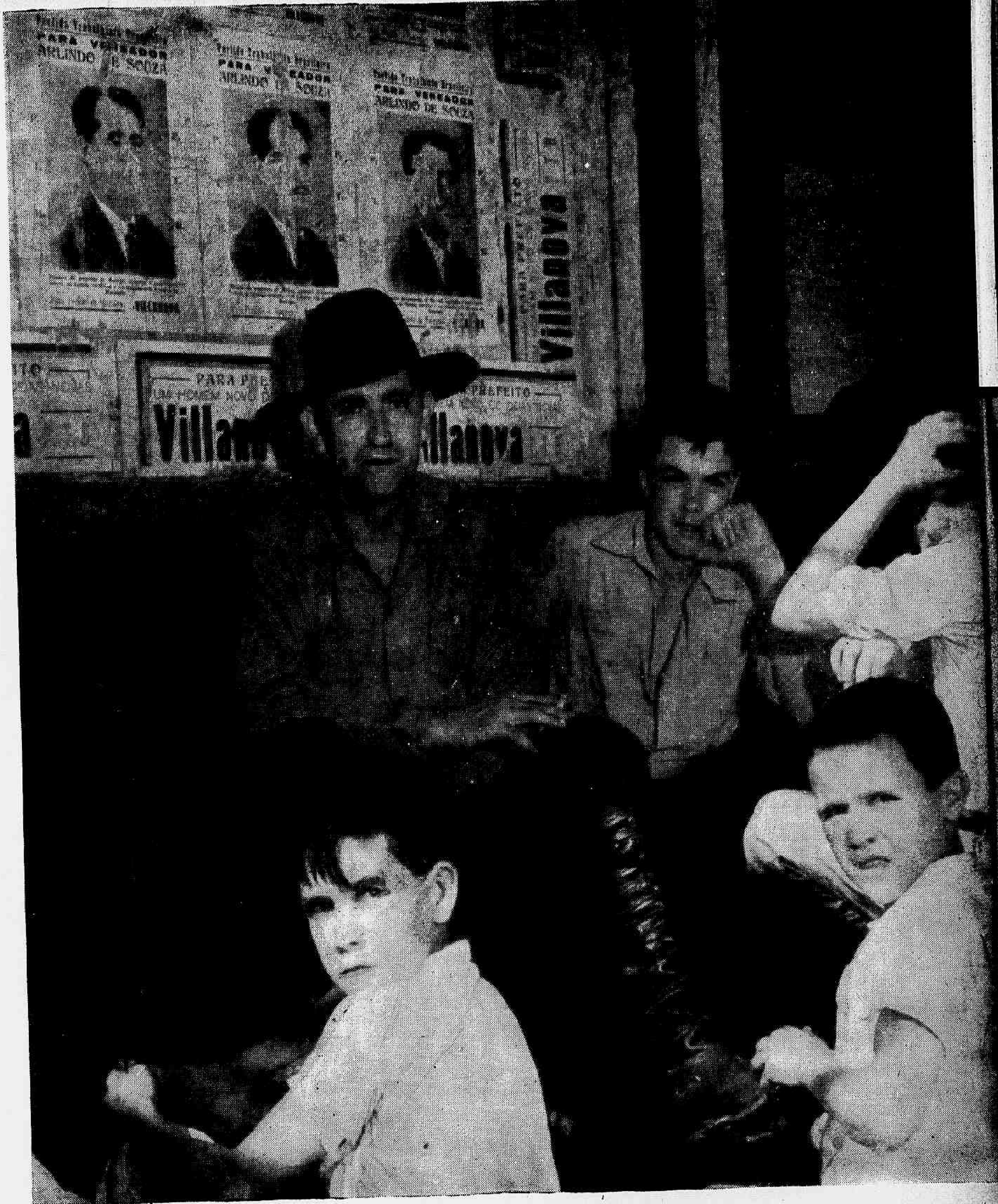


JUIZ DE FUTEBOL



FUNCIONÁRIO BARNABÉ (Em férias para repouso)

Napoleão, o vereador mais votado de Maringá, engraxa as botas. Na parede os cartazes da propaganda eleitoral recente, dão testemunho da renhida luta política entre os maiores partidos da nova e bela cidade.



O NOVO ELDORADO VERDE-III

AS PRIMEIRAS ELEIÇÕES ★ OS CARTAZES E A POESIA ★ DINHEIRO E DESPESAS ★ O BATON ANULA VOTOS.

Reportagem de VINICIUS LIMA

EM Maringá a influência da religião é quase nula. A igreja local é de madeira, enquanto as casas são de alvenaria. Nas primeiras eleições municipais venceu o candidato ateu. A luta eleitoral caracterizou-se pelo pitoresco. O candidato a vereador, dos mais votados, sr. Arlindo de Souza, venceu, graças a um plano, segundo dizem. Contratou trinta moças bonitas, comprou baton e mandou-as para a rua, para atrair os incautos e, com sorrisos, trocar-lhes as chapas, quando não fôssem dêle. Se o eleitor se mostrasse intransigente, as moças deveriam concordar com êle e marcar com baton o voto do antagonista. Resultado: voto com baton, voto anulado!

Os podres das partes diretamente interessadas na política, vieram à luz: «Você é bígamo», «você é ladrão de cavalo», etc. Dos candidatos a Prefeito de Maringá, quem mais se destacou na luta foi o Waldemar: mandou fazer um busto de barro roxo da terra. Aos comícios mandava o busto, como seu representante, e um amigo fazia o discurso, iniciando por esta fórmula: «Eu, Waldemar, candidato a prefeito desta cidade...»

Foi derrotado. Quebrou o busto e quer agora anular as eleições.

O PTB qualificou em Maringá 2.492 eleitores; a UDN, 2.510; o PR, 2.300. O total de eleitores inscritos foi de cêrca de 8.600. Um cidadão conhecido pela alcunha de «Galo Cego», que trabalhava para o PSP, é acusado de haver vendido seus eleitores qualificadós, ao PR. Cada eleitor custou aos partidos, só para a inscrição, Cr$ 50,00. Para transportá-los de seus sítios e fazendas até à cidade, gastaram os partidos, Cr$ 80,00, com cada um dêles. Além dessas despesas, gastou o PTB, Cr$ 200.000,00 com a qualificação de seus votantes. No dia das eleições, o candidato a prefeito por sinal, vitorioso, sr. Inocente Villanova Júnior, distribuiu 12.000 churrascos e 4.000 pães de um quilo cada um. Não cheguei a apurar o custo dos churrascos; mas, as vacas lhe custaram Cr$ 33.000,00. Calcula-se que as eleições movimentaram importância superior a cinco milhões de cruzeiros, dos quais coube a Villanova um milhão, dispêndio

Povo de Maringá

Cuidado com os lobos vestidos com couro de carneiro.

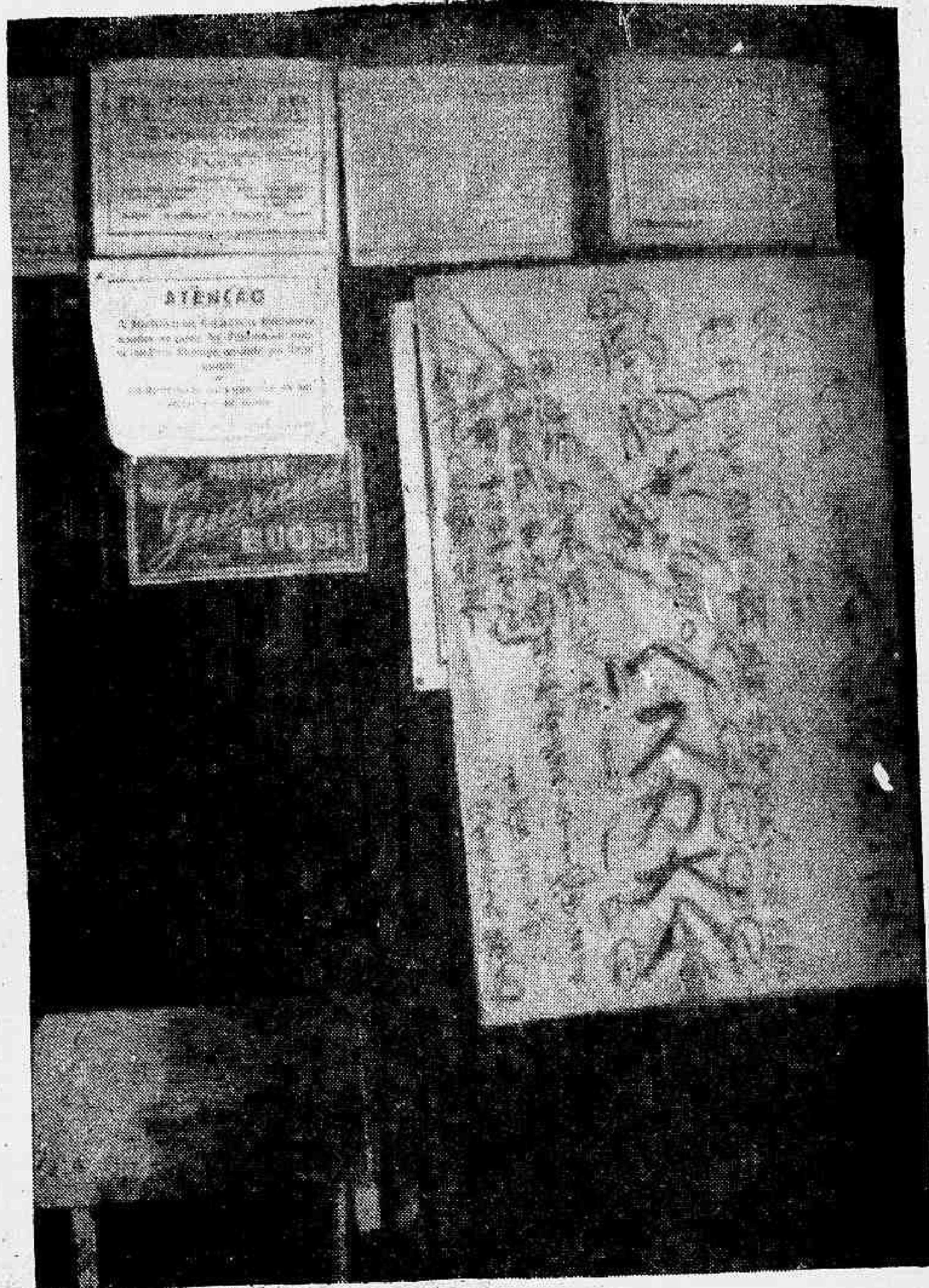
Ao ouvir o comicio do P. T. B., ontem na Vila Operaria, um dos seus oradores Snr Duque Estrada, foi infeliz porque se esqueceu do seu rabo e quiz falar do rabo dos outros

Na sua oração o infeliz não tendo argumentos fez ataque a policia com calunias, aproveitando de um inocente para tirar proveitos politicos

Atacou a pessoa do nosso mui digno Governador, homem que merece todo respeito, somente por que o Sr. Duque Estrada fez um requerimento de mil alqueires de terra e o honrado Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, não quiz ceder o despacho porque as terras devolutas do Estado não são para tubarões mas sim somente para homens da lavoura e que trabalham. O Snr. Duque Estrada não ficando satisfeito com a atitude do grande Governo quer atirar-lhe lama com calunias e mentiras.

Mas se esqueceu o Snr. Duque Estrada do passado negro de sua vida [illegible] Duque Estrada sentou em cima do rabo para falar do rabo do [illegible] esqueceu que o homem que tem dois casamentos, sem primeiro [illegible] meira esposa, não é honesto e que tambem, o homem que tem dois [illegible] bem não pode ser honesto. Pergunto [illegible] Snr. Duque Estrada [illegible] verdadeiro nome; se é Duque Estrada [illegible] Sr. [illegible] com o mesmo nome? Macaco [illegible]

Um folheto que diz bem do vigor da batalha. Mas em matéria de política é isso mesmo. E aquêle que tiver dúvidas que experimente.



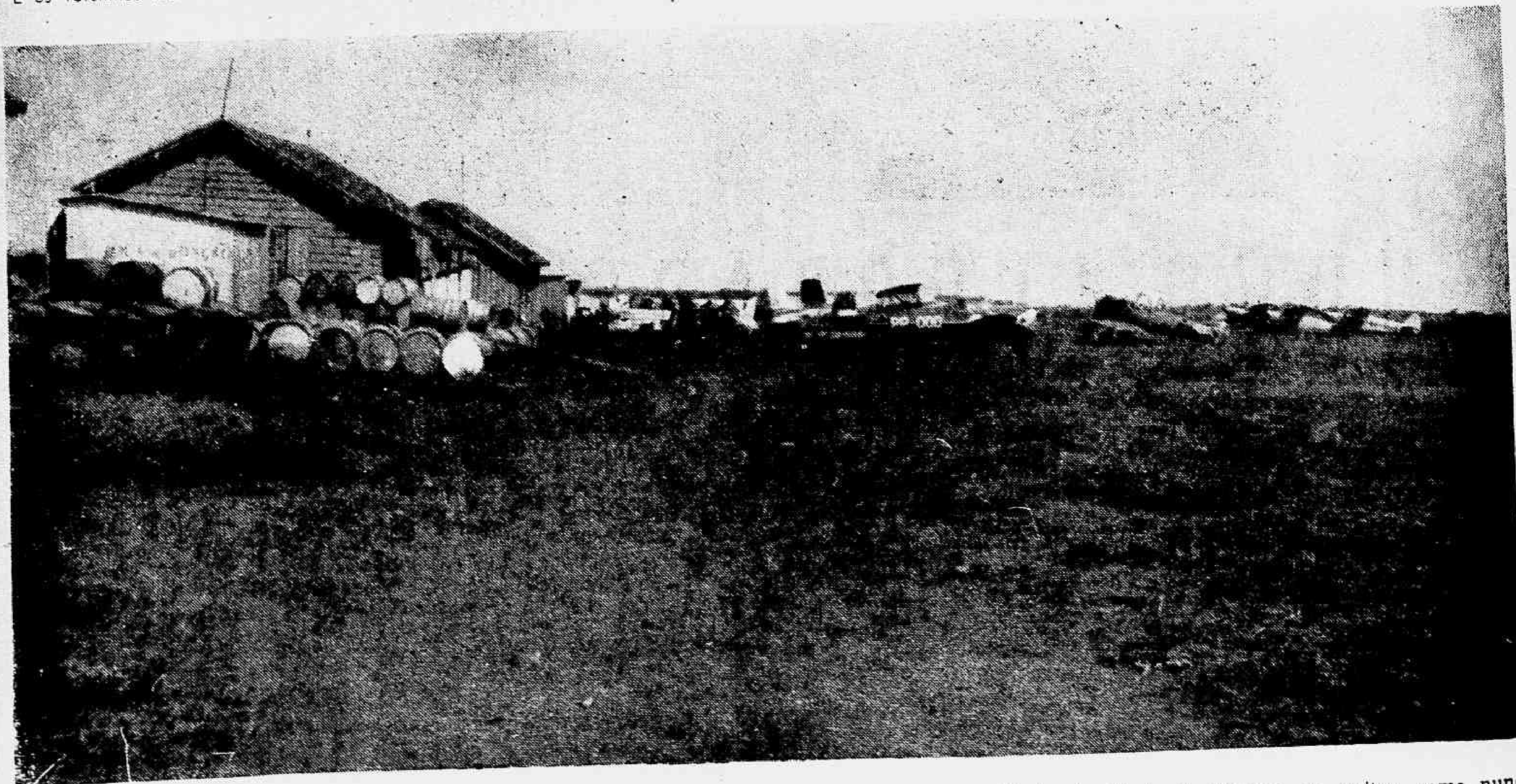
O Estado do Paraná já é a terra da promissão. Em Maringá, durante as recentes eleições, houve até cartaz eleitoral em japonês...

êsse que não será coberto pelos seus salários de quatro anos de govêrno. O PTB movimentou em Maringá 90 viaturas com eleitores no dia 9 de novembro. Morreu apenas uma pessoa. Villanova, foi eleito. E tudo acabou bem, para ventura de Maringá e felicidade geral da nação...

E os versinhos mal feitos e atrevidos também circularam largamente. Um candidato foi vítima dos seguintes:

«Quando vim p'ra Maringá
Era um pobre foragido.
Agora tenho remorsos,
Pois estou arrependido!

Roubei 50 cavalos,
Trinta éguas criadeiras,
Uma potranca, um badalo
E um burro de cocheira.
Cem galinhas e dois galos.
Vinte mulas marchadeiras.
A polícia deu em cima.



A democracia se nutre de votos à bôca das urnas, e Maringá, a nova, bela e próspera cidade do Norte do Paraná, se agitou como nunca nessa batalha democrática que foram as suas eleições, mobilizando dezenas de teco-tecos, transportando eleitores que iam cumprir o dever.

ATEU E SACRÍLEGO!

Quando Delegado de Policia em Mandaguari, **Waldemar** amarrou no Cruzeiro do Cemiterio um **trabalhador**, metendo-lhe o chicote em seguida! Desrespeitou o Campo Santo e violou a Santa Cruz, simbolo do cristianismo. Depois, abandonou a pobre vitima, durante toda noite, a mercê da tempestade que desabou logo após, como um protesto da Natureza contra o seu vandalismo!



DESHUMANO!

Ludibriando a boa fé da preta **Cezarina**, então muito doente, **Waldemar** tomou-lhe o sitio, deixando-a com seus filhos na peior miséria! Por causa disso, a pobre mulher **Enlouqueceu!**



SEM COMENTARIOS!

(A. P.)

Isto não é um cartaz de oposição política a qualquer candidato às eleições que se realizaram. E', isto sim, um pelourinho. Mas na já trepidante cidade de Maringá, no Norte do Paraná, quem tiver «rabo de palha», abre o ôlho, porque logo atrás vem alguém com um fósforo...

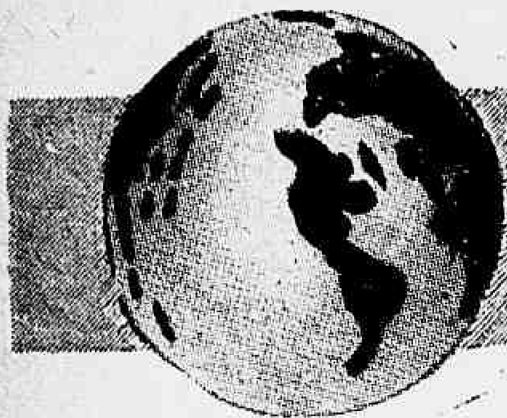
Eu fugi de Bauru (S. Paulo)
Procurei um novo clima,
Pois «eu sou como urubu».
Nunca mais volto a São Paulo...

(Aqui, impublicável — Pornográfico ...)

Imigrei p'ra Maringá
Sou candidato a Prefeito
Se um otário se descuida
Vou ficar daquele jeito...
De dinheiro ESTAREI FEITO

Tenho mêdo do Vigário
P'ra estragar minha eleição
Pois violei um sacrário.
Nunca mais tenho perdão:
Com a mulher de um otário
Fui pêgo de supetão
Lá dentro da igreja velha
Eu nela passava a mão!
Pode ser que eu vença
Esta grande eleição.
O P. R. é muito forte

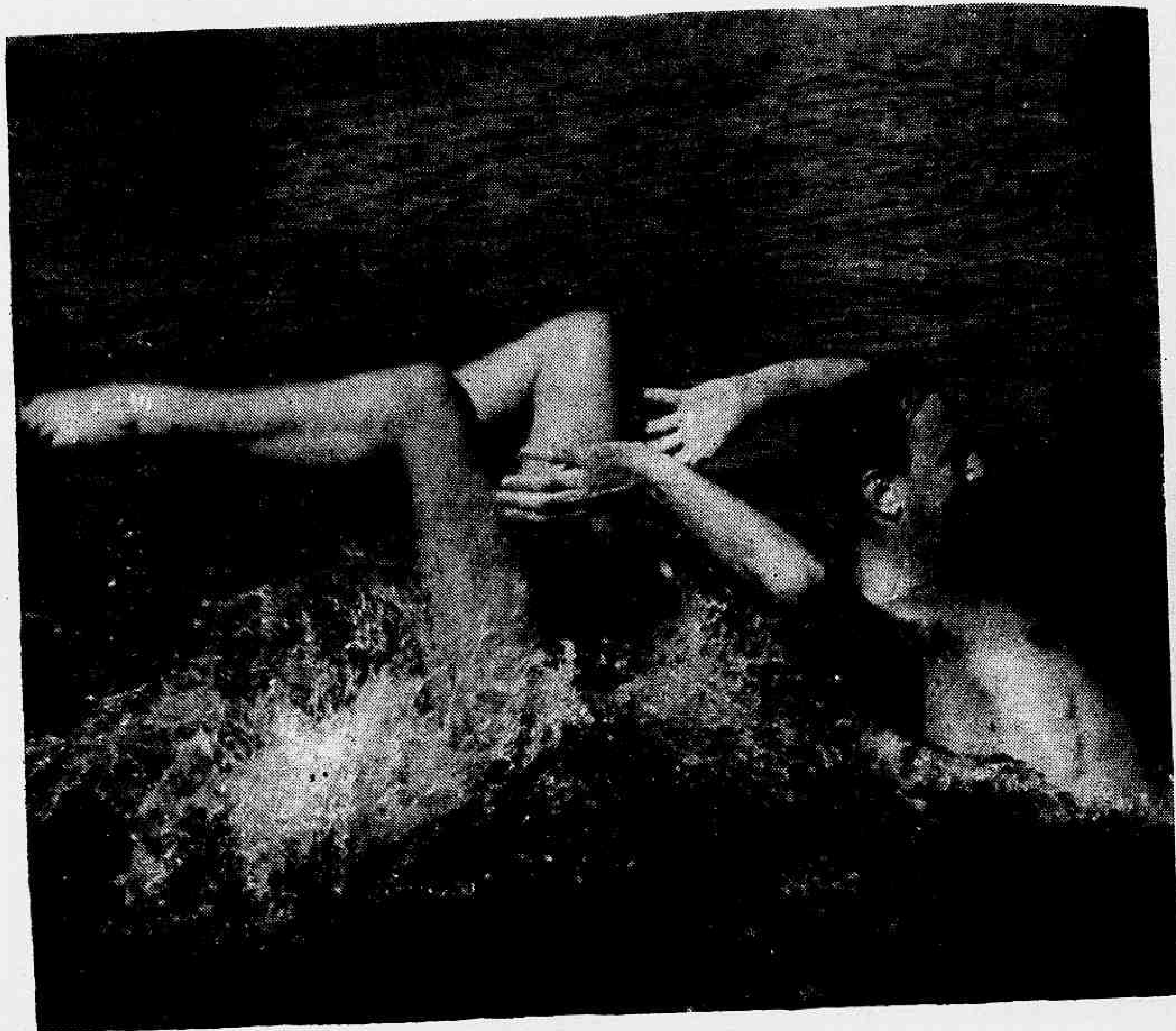
Eu tenho a sua proteção.
Com a moto-niveladora
Vou tapeando o «povão».
Lá na zona do Érico,
Eu tenho boa votação.
O Felipe, o João
São homens de coração.
O Basílio, nem se fala,
E' pura revelação!
A quadrilha está formada
E eu sou o capitão!...»



LIDO... VISTO...

A PROPÓSITO DO ECLIPSE

QUANDO se verificou o famoso eclipse total do sol de 1948, atraindo para o interior de Minas diversas delegações científicas do Brasil e do exterior, num quartel do sertão daquele Estado, o capitão deu a seguinte ordem ao 1º sargento: «Como deves saber, amanhã há um eclipse do sol, o que não acontece todos os dias. Mande formar os homens às 5 horas, na parada, em uniforme de passeio. Êles poderão observar êsse raro fenômeno e eu lhes darei as explicações necessárias. Se chover, não há nada a ver; então os homens deverão formar no quartel para exercício». O 1º sargento transmitiu assim a ordem ao 2º sargento: «Por ordem do capitão há um eclipse do sol amanhã, às 5 horas, em uniforme de passeio, com demonstrações do capitão, o que não acontece todos os dias; se chover não há nada a ver no exterior e o eclipse terá lugar dentro do quartel». O 2º sargento correu e disse ao cabo: «Amanhã cedo, às 5 horas, abertura do eclipse do sol. Os homens em uniforme de passeio. Se chover, o que não acontece todos os dias, o capitão fará o eclipse dentro do quartel». O cabo transmitiu aos soldados: «Amanhã, às 5 horas, o capitão fará um eclipse do sol em uniforme de passeio, se chover dentro da caserna, o que não acontece todos os dias»...



BAILADOS AQUATICOS

June Colon e John Moss formam um par que dança no Bournemouth Ice Rink, na Inglaterra. Antes de executar seus números, o casal faz experiências dentro d'água, a fim de verificar se tudo está perfeito. E aqui vemos o que resulta de uma queda: braços para um lado, pernas para outro, dando a impressão de que se trata de um Centauro de novo tipo. Quem quiser pode experimentar o brinquedo aí pelas nossas praias.

O QUE RELEMBRA ESTA GRAVURA?



Relembra o episódio que bem mostrava **a serenidade do Ministro João Luís Alves. Estourara uma revolta na esquadra. A cidade estava deserta e o comércio quase todo fechado. O Ministro, depois de comprar jornais, foi ao Café S. Paulo, entrou, sentou-se, tomou um cafèzinho, passou a vista pelos jornais e saiu para o trabalho. Na rua um amigo se dirigiu a êle angustiado:**

— Que desgraça, seu João Luís! O «São Paulo»!

— Qual nada, meu amigo. Acabo de vir de lá. Tudo em paz.

— Que diz?! Tudo dominado? Graças a Deus!

— Sim. E até tomei um cafèzinho. Venho de lá, do café «S. Paulo».

MELHORE O SEU PORTUGUÊS

ESTUDIOSA (Rio) — Na crônica da REVISTA de 31 de janeiro houve dois escapes de revisão. Um foi aquêle **mendingando**, em lugar de **mendigando**; o outro, foi o verbo **presenteie**, no singular, ao invés de sair no plural, **presenteiem**. Estas coisas são comuns em nossa imprensa. Na verdade, o verbo é **mendigar**, não **mendingar**; o substantivo é **mendigo**, não **mendingo**, como dizem por aí, nasalizando o **i** por influência da sílaba **men**, anterior. O autor da crônica não escreveu **mendingando**, e sim, **mendigando**. Tudo corre por conta do linotipista que compôs a crônica.

ISMAEL SOARES (Rio) — Na frase «fui em casa de meu irmão», a preposição **em** está errada. O correto seria: «fui **a** casa de meu irmão», mas sem crasear o **a**, que é preposição simples. Antes de **casa** quando tem o sentido de morada, residência, lar, não se emprega a crase: fui **a** casa de meu irmão, dirigiu-se **a** casa dos pais, etc. Só se emprega a crase nos casos em que a palavra **casa**, mesmo como residência, deve ser determinada: «fomos **à** casa ajardinada de meus pais»; dirigi-me **à** casa recém-construída de meu irmão», etc.

QUEM DISSE ISSO?

1 **Só a chegada dos exércitos americanos permitiu superar a diferença e ganhar a guerra.**

2 **Que queriam que eu fizesse entre Lloyd George, que se julgava o representante de Deus, e Wilson, que se julgava o próprio Deus!**

3 **Quando não se sabe o que é a vida, como se poderá conhecer o que é a morte?**

4 **Procure V. Excia. entre os políticos civis alguém para substituí-lo. O meu lugar é no Exército.**

5 **Do alto destas pirâmides 40 séculos vos contemplam.**

(Respostas na pág. 39)

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

GUERRA E CASAMENTOS

Quando Alexandre, o Grande, derrotou o exército persa de Dario, não saqueou nem humilhou os vencidos. Casou-se com a filha do rei batido, e ordenou que cem dos seus oficiais escolhessem suas espôsas entre as mais aristocráticas mulheres da côrte persa, realizando-se as bodas de maneira suntuosa. Mas não ficou nisso. A fim de não deixar os seus soldados em situação inferior, fêz-lhes um discurso e disse que, se os seus dez mil guerreiros quisessem também desposar outras dez mil mulheres persas, que êle, Alexandre, pagaria tôdas as despesas. E as festanças duraram quase uma semana, dispendendo-se somas assombrosas. Eram assim as guerras de antes de Cristo. Tudo terminava em casamento! **Nas de hoje... Quem quiser que arrisque a vida.**

O ESPÍRITO IANQUE

«The Homburg» foi o chapéu de copa mole usado por Eisenhower nas solenidades de sua posse, botando abaixo a tradição da cartola de alta e luzente copa eleita para tais cerimônias. O assunto provocou sérias preocupações da comissão organizadora do protocolo; mas Ike bateu o pé e repetiu: «Não vou de cartola, de jeito nenhum». E o seu «Homburg» pegou. Ninguém usou cartola. Era tudo no «Homburg». Um caricaturista do «Daily News» celebrizou o episódio com esta «charge» deliciosa: «A nau do Estado modêlo 1953», deslizando pelas águas do Potomac, o rio que banha a capital dos Estados Unidos. **E vejam os leitores como o «Homburg» de Eisenhower está repleto de aderentes e admiradores, todos contentes com a segurança e elegância do «barco»...**





O BISPO E O ELEFANTE

No fim do ano passado, Mgr. Touze, bispo auxiliar de Paris, celebrou missa solene nos domínios de um circo em sufrágio das almas dos artistas mortos e em ação de graças pela felicidade de todos os que estão vivos e felizes em seu trabalhos circenses. Depois do ato religioso o bispo percorreu as dependências do circo sendo muito festejado pelos elefantes, aos quais acariciou, sendo perfeitamente compreendido pelos animais. Vejam a expressão fisionômica dêsse. Só falta falar.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES
OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	— Homem-macaco
de 1 a 3	cultura inferior	— Selvagem
de 4 a 6	cultura média	— Estudante ginasial
de 7 a 11	cultura superior	— Universitário
de 12 a 14		— Um sábio
Tôdas as 15		— O gênio em pessoa

1 EM QUE ANO FOI ADOTADO NO BRASIL O SISTEMA MÉTRICO DECIMAL:

— 1889?
— 1822?
— 1862?

2 A QUEM SE DEVEU A EXTINÇÃO DO MERCADO DE ESCRAVOS QUE HAVIA NO VALONGO, RIO DE JANEIRO:

— Visconde do Rio Branco?
— José de Alencar?
— Princesa Isabel?

3 A QUE SE REFERIA A REVOLTA POPULAR DO RIO, 1880, CONHECIDA POR «IMPÔSTO DO VINTÉM»:

— Ao aumento de 20 réis nas passagens de bondes?
— Ao aumento nas bebidas?
— Ou sôbre entradas de teatro?

4 QUE NOME TINHA, ANTIGAMENTE, A ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA:

— Parque da Aclamação?
— Praça do Exército?
— Largo do Chafariz?

5 DESDE QUE ANO DATA O SERVIÇO TELEFÔNICO NO RIO:

— 1852?
— 1900?
— 1881?

6 COMO ERA O NOME TODO DO FAMOSO BARÃO DE DRUMOND, FUNDADOR DO PRIMEIRO ZOOLÓGICO DO RIO:

— José Batista Drumond Viana?
— João Batista Viana Drumond?
— Joaquim Viana Batista Drumond?

7 QUANTOS MILHÕES DE LITROS D'AGUA DEU PAULO DE FRONTIN, AO RIO, A 23 DE MARÇO DE 1889, EM SEIS DIAS DE TRABALHO:

— Cinco?
— Dez?
— Dezesseis?

8 DE QUE ARTISTA E' O QUADRO HISTÓRICO «O ÚLTIMO BAILE DA MONARQUIA»:

— Pedro Américo?
— Aurélio de Figueiredo?
— Horácio Hora?

9 QUAL O MAIS ANTIGO BAIRRO DO RIO:

— O da Misericórdia?
— O de São Cristóvão?
— O da Saúde?

10 QUAL DESTAS RUAS SE CHAMOU «CONDE D'EU»:

— Primeiro de Março?
— Frei Caneca?
— Ouvidor?

11 QUAL DÊSTES PALACIOS SERVIU DE SEDE AO GOVÊRNO PROVISÓRIO DA REPÚBLICA:

— O Itamarati?
— O Guanabara?
— O Catete?

12 QUANTOS METROS DE ALTITUDE TEM O «DEDO DE DEUS», NA SERRA DOS ÓRGÃOS:

— 2 000?
— 1 980?
— 1 695?

13 QUANTOS SÃO OS PARQUES NACIONAIS CRIADOS ATE' AGORA NO BRASIL:

— Quatro?
— Doze?
— Oito?

14 POR QUE NAPOLEÃO MANDOU JUNOT INVADIR PORTUGAL EM 1808:

— A fim de atacar, depois, a Espanha?
— Para forçar o fechamento dos portos aos inglêses?
— Para ficar com as minas da serra da Estrêla?

15 QUANTAS PESSOAS ACOMPANHAVAM A CÔRTE DE D. JOÃO VI, NA SUA FUGA PARA O BRASIL:

— Seis mil e duzentas?
— Dez mil?
— Quinze mil?

(Respostas na página 51)

O MONSTRO E OS MÉDICOS

O MONSTRO DE CAMPINA [illegible] ★ [illegible] MEDIO DOS CURANDEIROS: CHUPAR SANGUE DE [illegible] ★ [illegible] CONTRADITÓRIAS DOS ESPECIALISTAS ★ [illegible] DE AUTO-SUGESTÃO

Texto de RICARDO [illegible] — Fotos de O Globo [illegible]

PROF. ALOISIO MARQUES



«E' possível que [illegible] atual. Sempre as relações entre o espírito e o corpo foram objeto de observação [illegible] moderno da medicina psico-somática. Quando um indivíduo [illegible] emocional de sua personalidade [illegible] o sistema [illegible] tros nervosos [illegible]

[illegible]

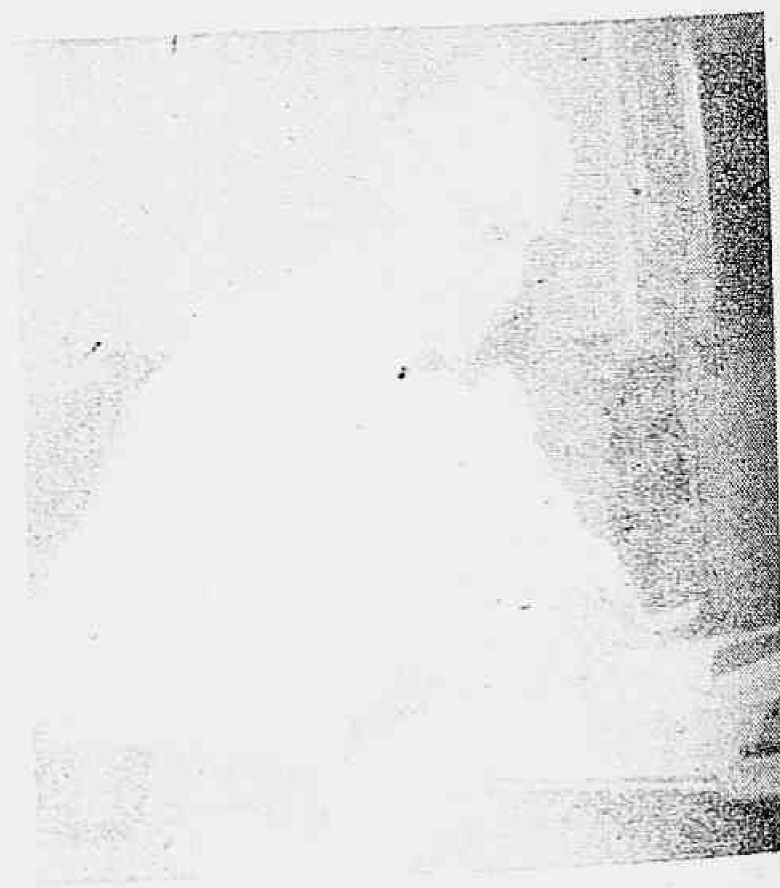
PROF. HENRIQUE ROXO



«A [illegible] [illegible]

PROF. ANTONIO AUSTREGÉSILO

PROF. DEOLINDO COUTO



[illegible]



O QUE O MONSTRO DIZ

Procurado por jornalistas o monstro foi encontrado todo entocado num canto da sórdida e arruinada tapera gemendo sua triste sina. Não tem mais esperança. Está totalmente tomado pela idéia de que a praga materna é a causa de seus males. Remorsos o comem por dentro. Relembra o dia do seu desatino. E não muda de assunto. Tornou-se uma monomania. «Não tem jeito, não. Estou perrengue por causa da praga. Vou acabar meus dias aqui na fazenda «Pé de Pato». Me mandaram comer carne crua e chupar sangue. E eu obedeço. Ninguém me livrará disto. Os médicos não curam praga de mãe. Eu tinha saído do ferro até que um dia mulher e bebida me viraram a cabeça. Até mesmo esqueci o quarto mandamento: Honrar pai e mãe.

O QUE DIZEM OS MÉDICOS

Em face do caso, que por certo não é o primeiro, nem será o último do gênero, porque êste nosso Brasil é a terra ideal do curandeirismo, do espiritismo, da charlatanería em tôdas as suas modalidades, fomos procurar médicos especialistas em doenças nervosas. E procuramos os professôres, homens de cátedra, cujas palavras devem merecer fé porque estão firmadas na ciência e apoiadas por muitos anos de experiência clínica. Temos conosco o parecer dos drs. Antônio Austregésilo que nos recebeu no Jockey Club, do dr. Aloísio Marques, diretor da Clínica de S. Vicente, do dr. Henrique Roxo. O primeiro discorda diametralmente dos dois últimos. Preferimos transcrever «ipsis litteris» as suas opiniões:

A REVISTA há 50 anos

(15-2-903)

CHRONICA É quasi certo que não teremos guerra. Nos conselhos da Bolivia predominou, afinal, a voz do bom senso; o verdadeiro patriotismo levou de roldão o alcatorio sentimento da cobiça. O direito demarcará no territorio litigioso as pretenções dos interessados. Brasil e Bolivia viverão em paz como sempre viveram, amando-se talvez, em todo o caso, respeitando-se. Uma energia serena, uma solicitude prompta, uma linguagem clara alcançaram este resultado. As portas do Templo de Jano, momentaneamente entreabertas, voltaram-se a cerrar-se. Os amadores de sensações fortes estão possessos. Alguns quasi se julgam roubados. Paciencia! Este sport é caro e barbaro. É natural que os governos prefiram o ping-pong da diplomacia.

Porque o facto deu-se, meus caros leitores: houve quem exultasse com a perspectiva da guerra, quem ao Eterno supplicasse um bocadinho de pancadaria pelo amor de Deus, e franzisse a testa á resposta, naturalmente negativa. Quando o telegramma decisivo do nosso Ministro das Relações Exteriores fazia prever o rompimento imediato das hostilidades, assisti á congratulações, abraços, quasi vivorio. Nesse meio tempo continuariam a definhar a agricultura, a industria e o commercio e centenares de vidas preciosas iriam perder-se nos seringaes do Amazonas. O Brasil só pode, só deve aceitar a guerra nas situações extremas, depois de esgotados todos os recursos diplomaticos. A mais pequena das nacionalidades sul-americanas possue territorio mais vasto que as suas energias potenciaes e não lhe é licito distrahir um ceitil em aventuras marciaes, a menos que o brio patrio absolutamente o exija. O regimen do direito é o unico que convem aos lusos e ibero-americanos, abarbados de terras vastas e ferazes, susceptiveis de alojar e nutrir todos os trabalhadores do Universo.

A America é simultaneamente um asylo para os insubmissos e um escoadouro para as actividades que o capitalismo europêo absorve e subjuga. Ha logar para todos, leguas de campina e serra para cada lutador. As nossas terras são colmeias e não cemiterios. Todo o sangue é preciso; uma gotta que se perca já faz falta; é uma seara perdida; é uma courella ao abandono. A natureza é immensa e forte; o homem é raro e fraco, queimado por sol inclemente. Vive-se muito em pouco tempo e os claros são bem difficeis de preencher. Promptos a morrer pela patria, os verdadeiros patriotas mais febris se sentem em viver para ella: é, pelo menos, tão nobre e muitissimo mais util. O Brasil acceitou com serenidade e constancia a perspectiva de uma guerra, mas encarou com sincero jubilo a boa nova da paz.

JACQUES BONHOMME

★



— Dai uma esmola a um pobre Prefeito.

CLUB ATHLETICO DIAS DA SILVA

As incessantes chuvas que cahiram no domingo passado não permittiram que se realizasse a corrida intima no Campo de Sant'Anna entre os socios deste club, o que prejudicará o seu resultado, visto ser esta a segunda transferencia. Hoje, á 1 hora da tarde, no mesmo local effetua-se essa corrida.

No programma ha uma pequena alteração, isto é a inscripção de mais dous corredores no record pedestre dos 100 metros. Brevemente este futuroso centro, que no curto espaço de 4 meses conta mais de 100 socios, passará a denominar-se club.

★

Falla-se de um pintor que adquiriu fama.

— Agora seus trabalhos o levantaram muito alto, disse um.

— Deus queira que não caia.

★

Hoje deve realizar-se uma corrida intima entre os socios que compõem esta sympathica aggremiação sportiva, ha pouco fundada e que actualmente vae progredindo a olhos vistos.

O intuito da corrida é a organisação do quadro de corredores, classificando-se por turmas, de accordo com as forças de cada um.

Assim, na corrida inaugural, as provas serão feitas de maneira a ter os "cyclemen" occasião de assistir a bellas luctas.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● ESTRÊLA DO MAR (São Paulo)

SONHO: Encontrava-me num vasto campo, dividido por uma cêrca de arame farpado; do outro lado da cêrca, como prisioneiro, vi o saudoso cantor Francisco Alves, com um terno branco e parecendo muito angustiado. Dirigindo-se a mim, êle me pediu que procurasse convencer David Násser a dar um outro espírito às reportagens que vem publicando sôbre a vida do Rei da Voz. Isso — explicava Francisco Alves — para que êle não se sentisse tão «arrepiado». Uma observação necessária: — Não conheci Francisco Alves, não conheço David Násser, não sou radiomaníaca, nem me preocupo particularmente com as atividades do nossos artistas e profissionais da imprensa. E, como sou médium, o sonho me parece uma mensagem.

INTERPRETAÇÃO: Sim, Estrêla do Mar, seu sonho é uma mensagem de paz e, ao mesmo tempo, a súplica de uma alma ainda prisioneira das sombras do Umbral. Você diz que é médium: ora, sendo o médium o aparelho receptor das comunicações enviadas pelas entidades do Invisível, é de supor-se que o nosso saudoso Francisco Alves a tenha escolhido para ser portadora de tão angustioso apêlo. A cêrca de arame farpado e o arrepio que êle sentia pelo que se passa em tôrno de seu nome, não significarão um estado de perturbação espiritual? Chico Alves ainda não conseguiu desprender-se totalmente das ligações materiais que o prendiam aqui na terra. Seria para êle um bálsamo suavizante se seu melhor amigo, David Násser, satisfizesse ao pedido que êle fêz em seu sonho. E você deve sentir-se bastante feliz se conseguir levar tranqüilidade e paz ao espírito do nosso querido cantor e êle, entre maviosas harmonias, plainaria no astral e cantaria um salmo de agradecimento a você e ao amigo querido. Ajude-o sempre, Estrêla do Mar, para que êle possa libertar-se ràpidamente dos grilhões (cêrca de arame) que, porventura, o estejam martirizando. E' evidente que êle está fazendo progressos no plano em que ora habita (vestes brancas), mas é verdade, também, que deseja sua ajuda para livrar-se dos espectros que o atormentam (o pedido feito a você).

● **MAGDA: Como resposta a sua cartinha, só posso dizer que sou muito pequenina para pretender «mudar o curso de um destino», mas que, aceitando os designios de Deus, nada mais sou do que um instrumento em suas mãos misericordiosas. E foi assim que procedi, quando interpretei seu sonho. Peço licença para publicar sua carta, desejando também a você tôdas as venturas que me desejou.**

«Limpe seu coraçãozinho de ressentimentos e ódios que só poderão trazer dor e sofrimento, ocasionando a verdadeira cegueira: a da alma». Ó Maria Paula! Essa frase sua foi para meu coração como a fonte d'água cristalina e fresca que um beduíno sequioso encontra no deserto. Você pode estar crente de que mudou o meu destino. Tenho as mãos trêmulas, os olhos cheios de lágrimas e, com tôda a sinceridade do meu coração aceite o meu muito obrigado, muitíssimo obrigada, e um feliz natal.»

● ISIS (Rio)

SONHO: Com a chave da minha porta, eu abria a casa de uma de minhas amigas e entrava, deparando com um ambiente em desordem: a casa estava cheia de homens adormecidos, todos de má catadura: um dêles, que acabava de despertar, me pareceu embriagado. Chamei por minha amiga que não me respondeu; o marido dela acendeu uma pequena lâmpada azul, tendo eu instado com êle para que fôsse chamá-la, acrescentando: — Diga a F. que sou eu. E que, com esta chave, abro tôdas as portas.

INTERPRETAÇÃO: Você deve sentir um desejo imenso de alijar os defeitos inerentes ao eu interior (bandidos adormecidos) e procura fazer com que êles não a importunem (chamar por sua amiga); para isso você possui o necessário conhecimento (chave que abre qualquer porta). A parte feminina do seu Ego (amiga que não atendeu ao seu chamado) está em estado letárgico, porém a parte superior, representada pelo homem (marido de sua amiga) está alerta e atenta ao primeiro apêlo. Você ainda teme que algo venha perturbar o seu sossêgo, despertando os sentidos adormecidos (bandido que se levanta), embriagando-a com as sensações dos fugazes prazeres da vida; porém a luz que seu Eu superior faz brilhar em sua consciência (lâmpada acesa) poderá evitar possíveis quedas. Seu sonho, Isis, longe de referir-se a problemas de seus amigos, diz muito de sua vida interior e de seu estado de aperfeiçoamento. Mereceria uma interpretação mais ampla o que não me é possível fazer nestas colunas. Aliás, creio que você não precisa de minhas fracas luzes.

MUITOS SÃO os caminhos da Liberdade! Mas os olhos da sentinela, como dois holofotes, varrem o pátio dos encarcerados. «Carne Sêca», entretanto, como um felino, fugiu da prisão percorrendo os caminhos indicados pelas setas.

OS CAMINHOS DA LIBERDADE!



3 000 PRESOS E 6 000 CRIMINOSOS FORAGIDOS, DOS QUAIS 1 500 SÃO ASSASSINOS ★ "PAULO CARVOEIRO" E "CARNE SÊCA", CAMPEÕES DE ONTEM E DE HOJE ★ GERME DA FUGA ★ A RELIGIÃO REGENERA ★ O EXEMPLO DE SING-SING

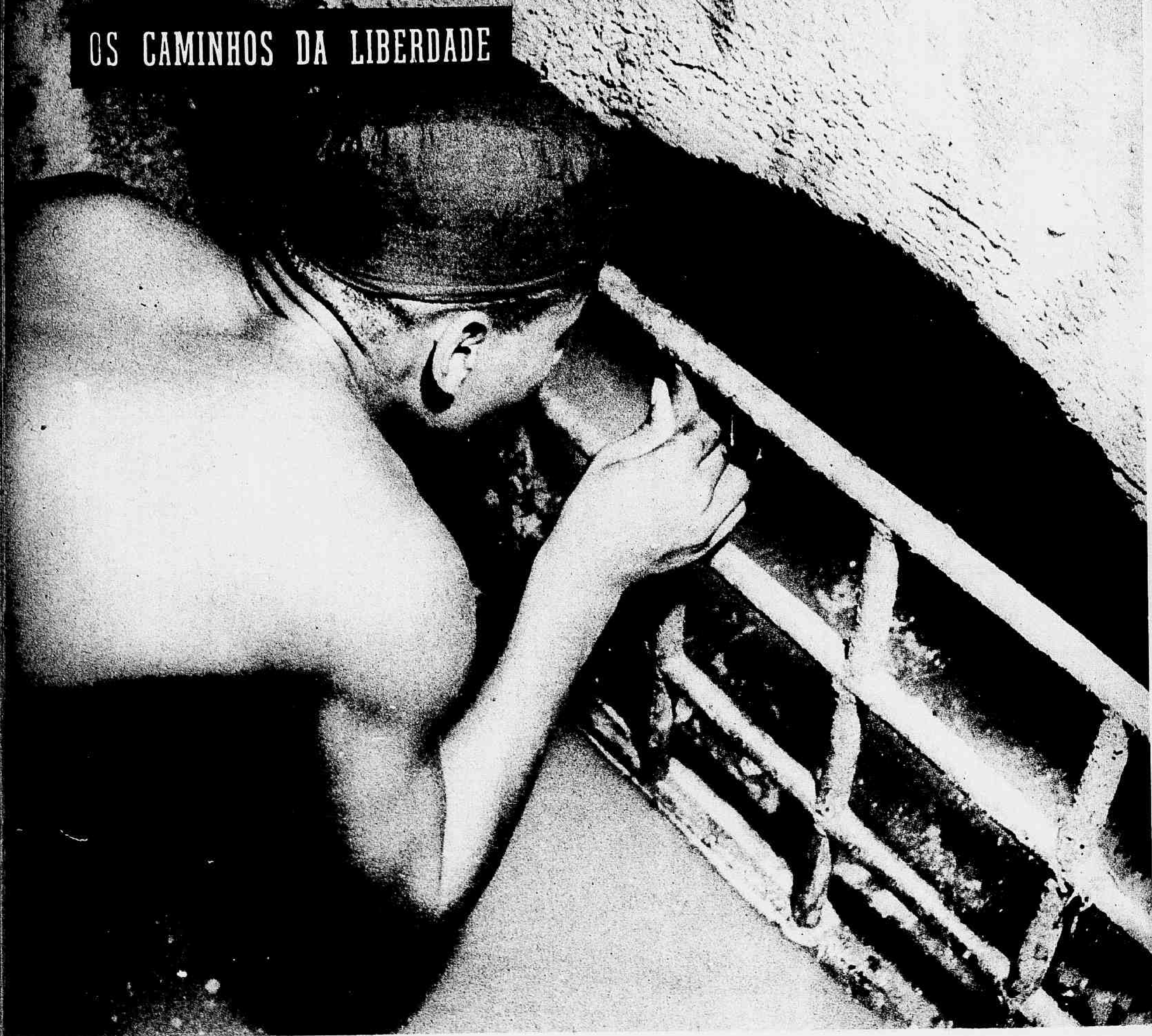
Reportagem de EDMAR MOREL **Fotos de ADIR VIEIRA**

TRÊS são os caminhos da liberdade do condenado: o indulto, a fuga e o cumprimento da pena até o fim. A família carcerária da Capital Federal, com uma população de três milhões de habitantes, é de 3.000 pessoas. A cifra é de 1%, a mesma de Chicago, considerada a capital do crime.

Acresce que, segundo estatísticas da Seção de Capturas da Delegacia de Vigilância, existem 6.000 criminosos em liberdade, no Rio, dos quais 1.500 são assassinos procurados pela Justiça. Uma vez capturados, cousa bem difícil, pela deficiência do nosso aparelho policial, haverá acomodações para todos, quando é sabido que as prisões estão cheias?

O sistema penitenciário do Rio, São Paulo e Minas é um dos mais adiantados e humanos do mundo, o que não acontece em Niterói, cuja Casa de Detenção é um atentado à dignidade humana, lembrando em tudo os miseráveis calabouços da Era Medieval.

O detento, seja qual fôr o seu delito, desde o dia em que transpõe as grades que o separam da sociedade, só tem um objetivo: recuperar a liberdade a qualquer preço. Os mais afortunados, com bons advogados, conseguem a revisão do processo, com bons resultados. Outros, todavia, apelam para a benevolência do Conselho Penitenciário, constituído na sua grande maioria por neófitos.





PELO ESGÔTO, andando de cócoras e numa extensão de dois quilômetros, os condenados buscavam a liberdade. Agora, a fuga tornou-se uma coisa impossível. Colocaram grades.

O C. P. sempre foi uma excelente instituição para encaixar afilhados da situação. Outros, entretanto, apelam para a fuga.

No passado, a evasão não tinha o sabor da audácia, nem rasgos de uma coragem que chega às raias da loucura. Prevalecia a astúcia.

O CAMPEÃO QUE DORME

Na época dos valentões, quando a malandragem desafiava e vencia legiões de policiais, surgiram «Sete Coroas», «Meia-Noite», «Moleque 31», Roca, Carleto e, por fim, «Paulo Carvoeiro». Quase todos morreram. Apenas, «Paulo Carvoeiro», com 66 anos de idade, dos quais 25 passados na cadeia, espera a liberdade em 1960. Foi o campeão da fuga pelo ardil e a sua escapada, mergulhado num carro-tanque de óleo, marcou um tento. Foi o terror dos morros, sem a perversidade de um «Meia-Noite». Certa vez fugiu da Ilha Grande com a farda de um guarda. «Paulo Carvoeiro» está completamente mudado. Há mais de oito anos que êle ostenta a ambicionada «Estrêla Verde», símbolo de bom comportamento. Os caricaturistas que usaram e abusaram dos seus bigodes e da vasta cabeleira grisalha, visitando-o, no presídio, verão que todos os traços continuam inalterados. Até aquêle sorriso franco e o olhar malicioso!

OS VICIOS

Nasceu morta ou está para nascer a autoridade que acabe com o jôgo, a maconha, a cachaça e outros vícios dentro do cubículo. No Brasil, para falar da própria Capital Federal, o problema assume proporções gigantescas e o próprio diretor da Penitenciária Central do Distrito Federal, Major Victorio Caneppa, declarou:

PRESOS DE BOM comportamento fazem a limpeza do esgôto. De meia em meia hora entra uma turma, em virtude do forte calor. Na fuga passavam longas horas dentro do boeiro.



A LIBERDADE, no Canal do Mangue, depois de dezesseis horas no fundo do esgôto. Muitos dos que tentaram a fuga recuaram, vencidos pelos gases, podridão dos detritos e da lama.

— «Pelos jornais e as estações de rádio o prêso acompanha o resultado do jôgo do bicho e do próprio turfe. O homem segregado da sociedade não abdica de seus direitos da vida livre, principalmente na questão sexual. O instinto sexual do detento é como uma fera cativa que procura sair por qualquer brecha.»

— E a maconha? A cachaça?

Caneppa, com 25 anos de experiência na vida carcerária, responde prontamente:

— «98% dos condenados fumam e ninguém pode impedir que dentro do maço de cigarros venha alguns misturados com maconha. E' claro que a aguardente não entra na cela, mas a própria casca do abacaxi e outras frutas são fermentadas e, em seguida, ingeridas pelo detento. As mulheres de vida livre usam de outros meios. Bebem, inclusive, água-de-colônia. À proporção que são descobertos os métodos de burlas, vamos aprimorando o combate ao vício.»

O jôgo e a fuga são germens lactentes que acompanham o prêso desde que êle transpõe os portões do presídio. No pátio, por exemplo, quatro ou cinco encarcerados colocam diante de si uma quantidade ínfima de açúcar. A sorte, no jôgo, vem nas asas da môsca. Ganha o lado onde o inseto pousar. Jogam até com o prefixo da «Hora do Brasil», quando o locutor anuncia: «São, precisamente, 19 horas e...» O jôgo é simples: ímpar ou par na terminação dos segundos?

Joga-se com os pés do diretor, quando êle pisa no pátio:

— Vai entrar com o pé direito ou esquerdo?

Victorio Caneppa, certa vez, anulou um grande movimento de apostas, saltando com os dois pés.

Em certos casos, principalmente nos presídios da Ilha Grande, onde a vigilância é escassa, os presos fabricam baralho com a cartolina da carteira de cigarros.



A ENXURRADA arrasta verdadeiras avalanches de lama. Tudo passava pelos esgotos da Penitenciária do Distrito Federal. A pequena grade externa evita o entupimento e a fuga.

OS CAMINHOS DA LIBERDADE



UMA FAVELA nos terrenos do Ministério da Justiça e Negócios Interiores e nos fundos da Penitenciária. Nos casebres, mariposas do amor fazem gestos obcenos para os detentos.



NUNCA FUGIU uma só mulher da prisão. Dinaura, que matou o espôso e, em seguida, incendiou o cadáver, aguarda o fim da pena a que foi condenada no presídio de mulheres.

OS NOVOS CAMPEÕES

A fuga pela astúcia teve em «Paulo Carvoeiro» o seu grande mestre. A artimanha ainda é usada por velhos chantagistas, como o célebre «doutor Junqueira», escroque desmoralizado pela polícia, mas que ainda consegue ludibriar incautos. O seu fraco é viúva.

Pela severa vigilância exercida através de um corpo de 300 guardas, os presos tentam recuperar a liberdade por meio de golpes espetaculares, inclusive saltando muros gigantescos, quando não entram nos boeiros. Êste caminho da liberdade é o mais perigoso, pois obriga o fugitivo a andar cêrca de dois quilômetros de cócoras a exalar gases venenosos. Atingem, geralmente, o canal do Mangue. Sete ou oito conseguiram êxito na proeza, entre êles «Carne Sêca», «Mineiro da Caveira», «Coqueiro» e mais dois ou três. Hoje, pelo esgôto, ninguém foge. O Major Victorio Caneppa mandou colocar várias grades no seu interior. O material e a mão de obra custaram 100 mil cruzeiros. Ademais, agora, sôbre os muros, sentinelas embaladas vigiam, dia e noite, os movimentos dos encarcerados. A única possibilidade de fuga é pelo muro do fundo do presídio, cuja parte externa, no morro de São Carlos, incrível como pareça, foi invadida por mais de 200 favelados. Os casebres estão dentro dos terrenos do Ministério da Justiça, de onde as mundanas fazem gestos obcenos para os presos.

Antigamente era muito pior. Havia uma horta, uma espécie de Q.G. da cachaça, do

(Cont. na pág. 38)



«LUIS SUJO», campeão de fugas frustradas, já tentou sair trinta e sete vêzes da Ilha Grande. Na última vez foi prêso por uma lavadeira. Hoje tem um bom comportamento.



«PAULO CARVOEIRO», o campeão de fugas pelo artifício, fugiu dentro de um carro de óleo. E' o último da geração passada dos valentões. Hoje em dia é um bom prêso.



«CARNE SÊCA», campeão da fuga pela audácia. Já conseguiu a liberdade pelo boeiro, pelos muros de quinze metros de altura e já tentou, também a evasão pela violência.



VESTIDO DE LINHO branco, muito decotado com enfeites de cristal. Usado por Mary Newkirk. Completa-o um chale malva.



MOONLIGHT AND ROSES é o nome dêste vestido em tafetá de sêda côr-de-rosa pálido, graciosamente rodado nos joelhos

Sinfonía colorida

A beleza da Baía da Guanabara, o colorido de nossa paisagem, tem merecida fama internacional. Entramos definitivamente na categoria das primeiras capitais do mundo. Daí que temos recebido visitas em primeira mão de todos aquêles que querem aliar suas qualidades à nossa indiscutível primazia como cidade linda. Enquanto Paris é a capital do mundo pela tradição de dois mil anos de civilização requintada, nós vamos conquistando com o correr dêstes últimos anos o renome bem merecido. E como a beleza atrai a beleza, vêm ao nosso encontro as mais lindas criaturas do mundo. Artistas, modelos, gente de bom-gôsto que só se contenta com o melhor, com o mais perfeito e selecionado.

Não há dúvida que o requinte dos requintes reside na arte de não dominar. As Ansco Girls, modelos elegantíssimas de Lord And Taylor, vieram ao Rio para nos mostrar o «chic» novayorquino. E conseguiram fazê-lo à perfeição. Apenas desembarcadas do Cliper da Pan-American Airways, sentiram logo a afinidade da paisagem com os modelos tropicais que iriam nos mostrar. E o desfile «Sinfonia Colorida» realizado em Quitandinha foi um «show» de elegância como poucas vêzes é dado assistir. À graça das modelos, alia-se um sapiente «savoir faire» de Katherine Bensabath, diretora do departamento latino-americano da firma Lord & Taylor, e do técnico em roupas tropicais Henry F. Calazans, que primaram por adaptar funcionalmente ao ambiente brasileiro o que há de mais delicado e vivo.

SEGUE NA PÁG. 30.



O AVIÃO DO FUTURO SERÁ PROTEGIDO POR UMA SÉRIE DE APERFEIÇOAMENTOS E O NÚMERO DE VÍTIMAS PODERÁ SER REDUZIDO EM MAIS DE 95%

NEM MORTOS NEM FERIDOS!

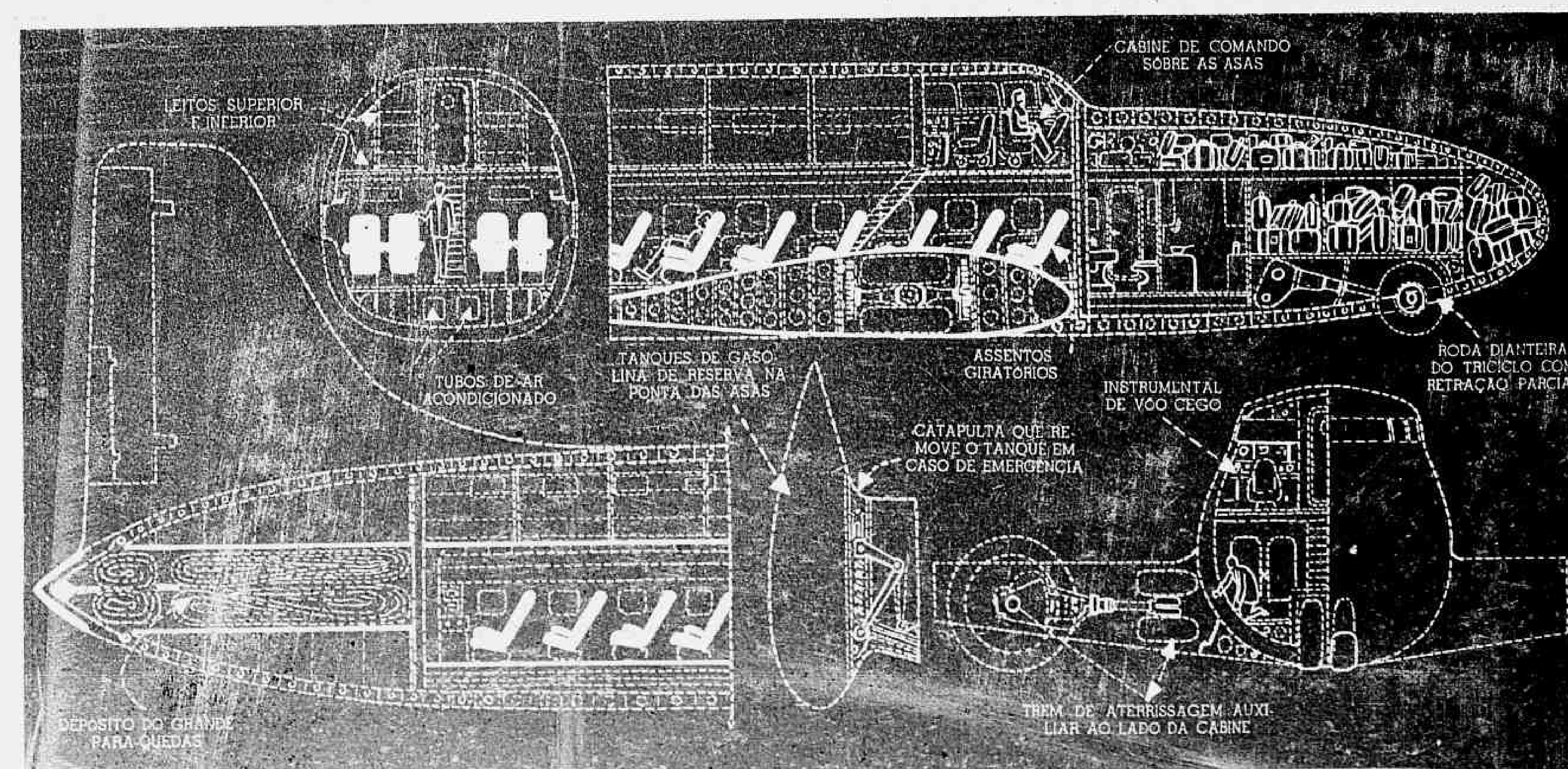
TEÒRICAMENTE CERTAS AS INDICAÇÕES DOS TÉCNICOS ★ AS EXPERIÊNCIAS FEITAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ENSINARAM COMO POUPAR VIDAS ★ QUERO-SENE SUBSTITUIRÁ A GASOLINA NOS GRANDES AVIÕES COMERCIAIS DE AMANHÃ

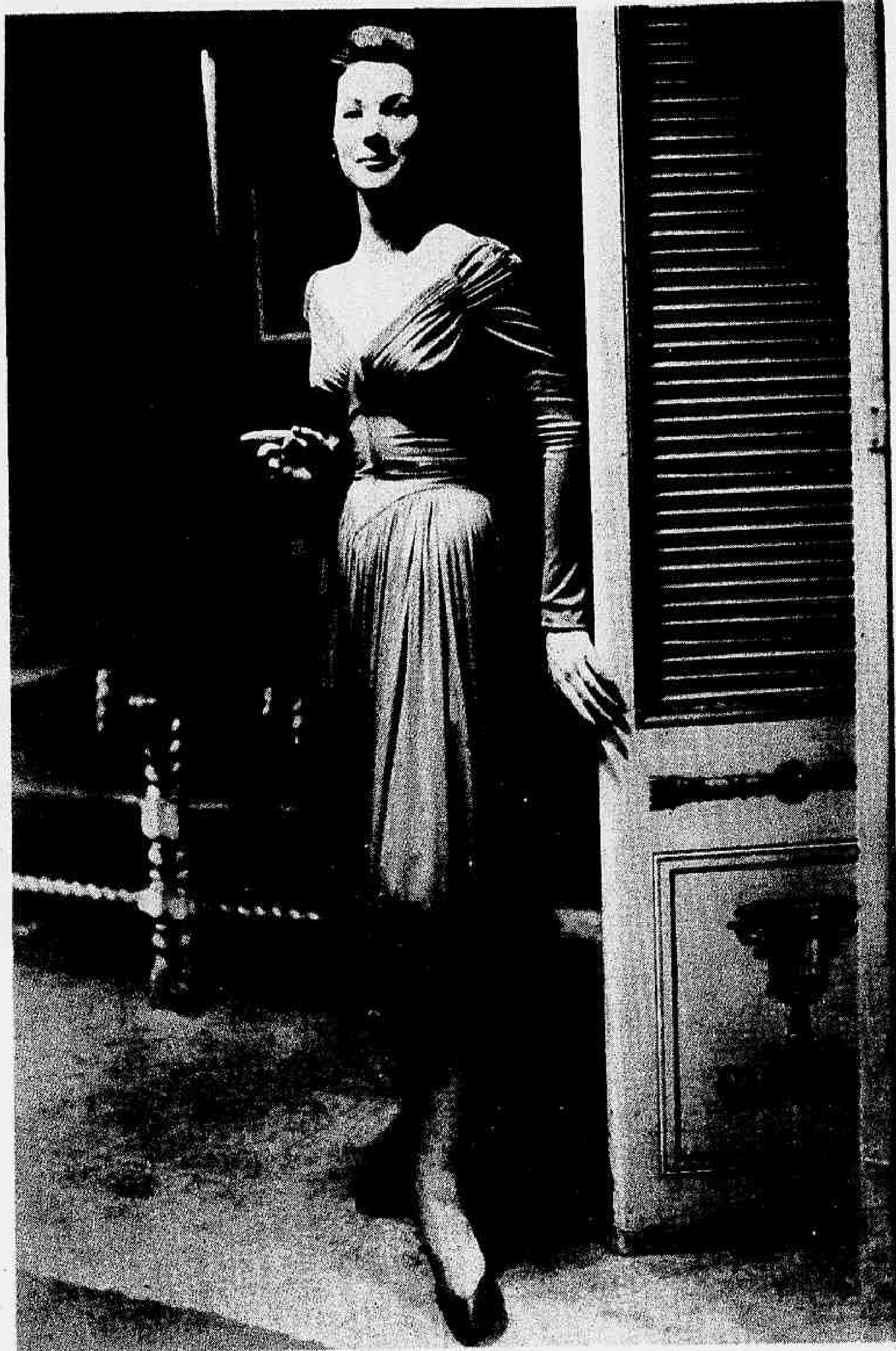
OS desastres de avião são quase sempre fatais para pilotos e passageiros. Raramente se lêem notícias de jornais em que alguém se salva de uma queda de avião, comercial ou militar. Nos aviões de combate, de acrobacia ou de treinamento, a possibilidade do pilôto saltar de pára-quedas ainda tem poupado vidas. Mas nos aviões comerciais a queda é em sua quase totalidade impossível de escapar à morte ou a ferimentos graves. O impacto contra o solo se faz com grande velocidade. Ora, um avião comercial bimotor de 20 passageiros pesa, carregado, cêrca de oito mil quilos. Imagine-se um golpe dêsse pêso à velocidade de duzentos ou trezentos quilômetros por hora!

Técnicos e cientistas norte-americanos e inglêses têm estudado a possibilidade de reduzir o perigo de morte nos desastres de aviação e aproveitando-se das experiências feitas durante a última guerra mundial chegaram a algumas conclusões positivas quanto a essa possibilidade.

Um dos fatôres favoráveis aos passageiros em caso de emergência é a colocação dos assentos em posição tal que fiquem servindo de apoio ao corpo, isto é, que os passageiros fiquem de costas para a frente do avião. Em diversos desastres ocorridos, estando os assentos nessa posição, verificaram-se uma grande redução no número de vítimas. Outro fator que protege a tripulação no modêlo que vemos no desenho é a cabine de comando ficar sôbre as asas e não no nariz dos aparelhos, tal como são atualmente à maioria dos aviões comerciais, onde a tripulação é sempre a primeira a sofrer o impacto da queda.

Outros detalhes que evitarão no futuro conseqüências graves nos acidentes é o uso de tanques suplementares que poderão ser desprendidos durante o vôo, a fim de evitar incêndios, que são como que o golpe de misericórdia sôbre as vítimas. Os inglêses advogam ainda pelo uso de um combustível menos fàcilmente inflamável, como o querosene, por exemplo. Finalmente há dois processos de atenuar o perigo: um que reside na instalação de aparelhos extintores junto aos motores para evitar o incêndio dos mesmos durante o vôo e outro o uso de um pára-quedas gigantesco que funcionaria como um grande freio externo no caso de uma aterrissagem forçada ou uma queda violenta. No pior dos casos êsse pára-quedas atenuaria a velocidade do aparelho que tocando o solo a cinqüenta quilômetros por hora evitaria pràticamente a morte de qualquer pessoa. Essas são opiniões de técnicos que teòricamente estão certos de seus cálculos. Resta ainda saber se as fábricas estariam de acôrdo em levar a efeito êsses melhoramentos preventivos. Sobretudo porque o custo de produção naturalmente seria bastante aumentado pelo uso de aparelhos tais como os que aqui são lembrados.





JENNIFER é considerada uma das modelos mais lindas de Nova York. Aqui ela exibe um vestido de jersey vermelho-cereja, bem ajustado e pregueado.



EM SHANTUNG CHAMPAGNE êste vestido simples nas suas linhas, porém elegante, cai como uma luva no corpo perfeito de Muriel, outra Ansco Girl.

Sinfonia colorida



BETSY PICKERING é êste brôto que aí está. Mostra-nos um «short» de «lastex» marrom e blusa listrada com pequenas flores douradas. Traje esplêndido para ser usado em veraneio.



BARBARA ROLF é o nome desta linda pequena que vemos. O vestido que usa é côr-de-rosa claro todo enfeitado de jasmins. Cinto fino confeccionado do mesmo tecido. Simples.



A luta é coletiva, uns avançam contra os outros soltando gritos estridentes. E' como se estivessem em pleno campo de batalha. Presume-se que êste duelo seja uma reminiscência dos que se processavam na Idade-Média do Extremo Oriente.

A LUTA SANGRENTA DOS SAMURAIS

Texto de **DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR**

Fotos de **ANTÔNIO PIROZZELLI**

S. Bernardo do Campo, Est. S. Paulo, janeiro.

GRITOS selvagens, numa língua rápida e gutural, enchiam o ar pesado da sala de terra batida e coberta de sapé. Vinte homens, trajando pesadas armaduras de couro, máscaras de ferro e luvas acolchoadas, lembrando-nos os cavalheiros lendários dos tempos de Gengis Khan, digladiavam-se, ferozmente, sob as vistas plácidas de um homem de quimono negro.

Uma ordem ríspida, quase despida de palavras, soou, acima do violento respirar dos guerreiros. A luta cessou. Os homens postaram-se, dois a dois, uns à frente dos outros, formando um longo corredor humano. Com as espadas em punho, curvaram-se, cerimoniosamente, dando fim ao ritual do **kendo**.

O RITUAL SAGRADO DAS ESPADAS MILENARES ★ ENTRECHOQUE DE LÂMINAS ★ PROFESSOR DE CAMPEÕES ★ UMA ARENA ENTRE OS MONTES

Outra ordem, nova investida. Os pés descalços levantando poeira fina e vermelha, as lâminas entrechocando-se, os golpes acertando, tórax, cabeças, braços. Uns ganhavam, outros perdiam deixando, pouco a pouco, a arena improvisada.

A LUTA DOS SAMURAIS

A luta chama-se **kendo**. Lembra o tempo dos samurais, quando os homens tinham de ser bastante fortes para carregar espadas com mais de um metro de altura, usar máscaras e armaduras de aço temperado, montar corcéis fogosos, em batalhas sangrentas.

Hoje, o **kendo** é apenas um esporte, uma espécie de esgrima oriental, pesada e **bruta**, pois as espadas, ao invés de apenas **tocarem** os lutadores, se abatem sôbre êles com **fôrça** e violência.

Tudo no mundo mudou, tomou novas feições, inclusive a indústria bélica. As espadas, as flechas, as lanças, foram se tornando objetos ornamentais ou de museu. Os revól-

A LUTA SANGRENTA DOS SAMURAIS



Assim principia o ritual do «kendo». Os contendores — como se observa — ficam de cócoras e apresentam armas. As saudações se repetem e o mestre fixa seu olhar firme nêles.



Já em pé, preparam-se psicològicamente. Estudam as possibilidades de enganar o próximo para que êste não suspeite onde será ferido. E' um minuto de bastante perigo.



Um golpe sêco de «shinai» cruza o espaço. A lâmina ameaçadora se não encontrar pronta defesa poderá decepar um braço ou mesmo o pescoço do adversário. E' preciso destreza.

veres, os fuzis, as submetralhadoras, foram substituindo as armas primitivas dos samurais e estas foram copiadas, em bambu, para transformar a luta guerreira num esporte agressivo.

Quando isso sucedeu, no Japão, várias escolas de **kendo** foram surgindo, isso há muitos anos, e os rapazes que não gostavam nem do **jiu-jitsu** e nem do **base-ball** foram aprender **kendo**. Nas lojas esportivas, adquiriram os aparatos: **mens, cotês, tarês, hanakas, keiko-guis** e **shinais**.

MINORU NAKAHARA, PROFESSOR DE CAMPEÕES

Minoru Nakahara foi um dêsses rapazes que não gostavam de **jiu-jitsu** e nem de **base-ball**. Quando tinha apenas 7 anos de idade, ao mesmo tempo que era matriculado na escola primária, tinha sua inscrição garantida numa academia de **kendo** de Myasaki, sua cidade natal.

Nakahara, de início, levou muitos golpes, na cabeça, nos braços, no tórax. Perdeu dezenas de lutas, mas foi aprendendo a manejar a **shinai**, a estranha espada feita com quatro talas de bambu. O menino cresceu e, com êle, a malícia, o aperfeiçoamento que, tempos depois, dêle fizeram campeão nipônico do esporte dos reis.

Sua fama cresceu. Venceu todos os campeões. Correu o Japão, foi para os Estados Unidos e, um belo dia, recebeu um convite da União da Mocidade Nipo-Brasileira, para vir ao Brasil, lecionar **kendo** aos japonêses e **niseis** aficcionados do esporte.

Chegou sem alarde. Fêz demonstrações com espadas reais — em câmara lenta, é claro — deu aulas em dezenas de núcleos nipo-brasileiros da Capital bandeirante, partindo, posteriormente, para Marília.

Minoru é homem simples. Rosto largo, de sorriso fácil, fala inglês com sotaque de Oxford, tem 56 anos e parece ter apenas 40. Saúde de ferro, bebe pouco, come bem, não tem hábitos extravagantes.

Em São Bernardo, hospedou-se num sítio simples, cuja casa era de sapé e terra batida. Só usava o quimono à rigor e, em casa, vestia-se como qualquer ocidental.

O RITUAL SAGRADO

O homem que pratica **kendo**, via de regra, é forte. Músculos de aço, habituados aos golpes fortes das **shinais**, agilidade e fôlego de gato, que lhe permite a movimentação rápida pela arena, a despeito do pesado equipamento que veste.

O rosto e a cabeça se protegem com máscara de couro, acolchoado e ferro, denominada **men** e o tórax fica encerrado numa armadura de couro rijo, com abas acolchoadas dependuradas, para protegê-lo dos golpes baixos. O lutador traja calças de pernas larguíssimas — **hanakas** — que mais parecem saias e camisas sem gola, chamadas **keiko-guis**. Nas mãos calçam luvas fortíssimas, as **cotês**, e empunhando sua **shinai**, sai à campo, pronto para a luta.

Os homens, dois a dois, uns em frente aos outros, dão início ao ritual do **kendo**. Curvam-se, com respeito, cruzam lâminas, separam-se e investem furiosamente. Os pontos vulneráveis são muitos e, uma vez atingidos, o lutador é considerado vencido. O pulso, a cabeça, o pescoço, são os pontos mais visados.



A juventude se adestra usando bastões de bambu. As máscaras protegem o rosto. Os ombros e a cintura também ficam resguardados por grossas cotas de malha e anteparos de couro solado. Os golpes obedecem a um ritmo certo.



Jovens «niseis» de S. Paulo se assemelham em tudo aos seus antepassados.



Hierático como Buda, porém cheio de surprêsas nos golpes — eis o lutador.

A LUTA SANGRENTA DOS SAMURAIS

A peleja não oferece surprêsas, para os contendores. Antes de bater ou de estocar, êles se avisam, mùtuamente. Gritam o nome do lugar onde vão atacar, ao mesmo tempo que estocam. E, entre o entrechocar das lâminas, o barulho sêco de pés arrastando-se no chão de terra, a respiração ofegante dos lutadores, vamos ouvindo os brados de alerta: «Mem, cotê, tarê, yoko-mem!» Minoru, ao lado, de braços cruzados, é um observador paciente e dedicado.

O KENDO E A MORAL

Mas o **kendo** não é só bater e vencer. Tem seu código de honra, mais velho do que o próprio esporte, pois foi elaborado antes. Nenhum lutador, em caso de briga real, poderá utilizar-se de um pau, ou outro qualquer objeto contundente, para se defender. E' contra as regras.

No Brasil o **kendo** é muito difundido, entre a colônia. No Japão, a despeito de ser um esporte pesadíssimo, é praticado pelo sexo frágil, porém, com espadas mais longas e menos pesadas.

(Cont. na pág. 41)







Minoru Nakahara é um campeão completo, não temos dúvida em afirmar. Venceu todos os rivais japonêses. Hoje em dia dedica-se ao ensino do perigoso e tradicional esporte. Antes da luta veste cuidadosamente a pesada indumentária. Tem cinqüenta e seis anos de idade.

Semana Literária

EDMUNDO LYS

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

De JOTAGÊ

● Sentença indiscutível: «Tôda anarquia, pela sua mesma natureza, não só é destrutiva, mas autodestrutiva». Thomas Carlyle, «História da revolução francesa», prefácio e tradução de Antônio Ruas, Edições Melhoramentos, sem data.

● Diz C. M. Bowrs em seu extraordinário «Vergílio, Tasso, Camões e Milton»: «Êstes poetas dão majestade e complexidade aos seus assuntos contemporâneos relacionando-os com o passado e produzindo um quadro que explica o presente pelas suas origens remotas e cria uma unidade que pode chamar-se metafísica, porque demonstra como certos fatos fundamentais se mantêm inalteráveis através dos variados acontecimentos de longa seqüência histórica». (Livraria Civilização, Pôrto, 1950, pg. 24, tradução de Antônio Álvaro Dória)

● Em sua admirável «A Selva», pg. 14 da 1ª edição brasileira, Moura Fontes, Rio, 1935, confessa Ferreira de Castro: «Eu devia êste livro a essa Amazônia longínqua e enigmática, pelo muito que fêz sofrer os primeiros anos de minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida».

● Júlio de Lemos é secretário perpétuo do Instituto Nacional do Minho — o Minho, a mais formosa flor do «jardim da Europa à beiramar plantado». Autor de importantes obras, o confrade português escreveu utilíssimo «Pequeno Dicionário luso-brasileiro de vozes de animais (Onomatopéias e Definições)». Fruto de novas pesquisas, já estampou o 1º Suplemento ao notável livro, edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1951. Júlio de Lemos aceita colaborações, para que realize, no gênero, trabalho definitivo — ou quase...

NO MUNDO DAS LETRAS



HÁ NA OPULÊNCIA MENTAL de Coelho Neto, belezas que raros brasileiros conhecem. Editadas por Lello & Irmão, de Portugal, suas obras nem sempre se dispendiam suficientemente entre nós. Muitas delas estão esgotadas há longos anos.

Entretanto, desde 1934, que seus herdeiros vinham tentando pôr em prática o seu direito de publicar, no Brasil, os livros de Coelho Neto. Só agora, porém, conseguiram — graças, especialmente, aos esforços de Paulo Coelho Neto — que aquêles editores lusos reconhecessem que a família pode estampar os volumes do escritor maranhense.

A notícia, evidentemente, é das mais alvissareiras para as letras e a indústria editorial do nosso país. Teremos, assim, ao nosso alcance, as magníficas páginas de quem foi admirável em todos os gêneros literários e infatigável em seu trabalho pela cultura e pelo patriotismo. ★ A OBRA DE GRACILIANO RAMOS vai ser tôda ela reeditada pela José Olympio. Boa notícia para os que não tomaram conhecimento de um dos mais significativos escritores contemporâneos, cujos livros representam todo um capítulo de nossa história literária. ★ CIRO DOS ANJOS vai deixar antes de sua partida para o México, onde permanecerá cêrca de dois anos, visitando também os Estados Unidos e o Canadá, uma obra inédita, para a editôra de Jorge de Lima, de prelo manual e chamada Miraceli. ★ FOI UM DESASTRE o filme, produzido em São Paulo, cujo argumento foi adaptado da obra de Galeão Coutinho. O nosso cinema ainda não está maduro para o aproveitamento da obra de nossos escritores consagrados. Pelo menos enquanto tiver a opinião de que a história é o que menos conta para uma fita. ★ E, POR FALAR EM CINEMA: Malaparte, cuja estréia cinematográfica foi um fracasso, com «Cristo Proibido», vai fazer outro filme. Veremos se acertou a mão. ★ UM ACONTECIMENTO NO TEATRO infantil: a apresentação de «O Filhote do Espantalho», de Ricardo Braga, no teatrinho do Copacabana. Devemos registrar aqui, também, o êxito que obtiveram os recitais de poesia de João Villaret, no Serrador.

UM AUTOR:

OCTÁVIO DE FARIA



A obra de Octavio de Faria que agora se coroa com o sexto romance da «Tragédia Burguesa», «Os Loucos» — é uma das mais significativas de escritor nosso e das mais expressivas para as letras brasileiras. Iniciando-se em 1933 com um ensaio político, «Machiavel e o Brasil», saudado como dos mais profundos que já se publicara entre nós, todos supúnhamos que o ensaio seria a direção constante de Octavio de Faria. Realmente êle prosseguiu por essa via, com o mesmo brilho, através de outros livros. Entretanto, seis anos depois, iniciou esta série de romances sob a epígrafe geral de «Tragédia Burguesa», tendo revelado ao Brasil, com surprêsa, um novo romancista dos mais dotados, um jovem ficcionista cujas histórias não são de forma alguma gratuitas, antes se elevam pelo alcance de sua mensagem e pela consciência de um tempo e de um meio.

Octavio de Faria vem com «Os Loucos» (cuja leitura, como nos outros volumes, independe do conhecimento das obras anteriores do ciclo) juntar o sexto volume a êste estudo sob forma de romance, da época atormentada em que vivemos. Diríamos que o ensaísta, o sociólogo, o homem de fé, o político, se reuniram em Octavio de Faria que, com a vocação de ficcionista, preferiu essa forma, para melhor se comunicar com o seu meio e o seu tempo, apresentando-nos uma contribuição inestimável, no sentido da solução dos problemas, pelo contato mais vivo do drama de nosso destino.

Tomada de consciência de nosso tempo, de suas falhas e aflições, a «Tragédia Burguesa» permanecerá, em todos os seus volumes, como uma das obras principais, como criação palpitante de vida, de interêsse humano, no nosso romance, ao mesmo tempo que depoimento emocionante sôbre a atualidade do mundo e do meio, visto através dos dramas de seus personagens o grande drama da angústia universal.

UM LIVRO:

"BATENDO ÀS PORTAS DA VIDA"

JOÃO GASPAR SIMÕES já nos havia falado sôbre as grandes qualidades de ficcionista de Maria Archer, escritora portuguêsa, autora dêste romance, quando escreveu sôbre um de seus livros anteriores. Mas, não tivemos oportunidade de conhecê-la senão agora que, por gentileza da Livraria Antunes, recebemos seu último volume — «Bato às Portas da Vida»...

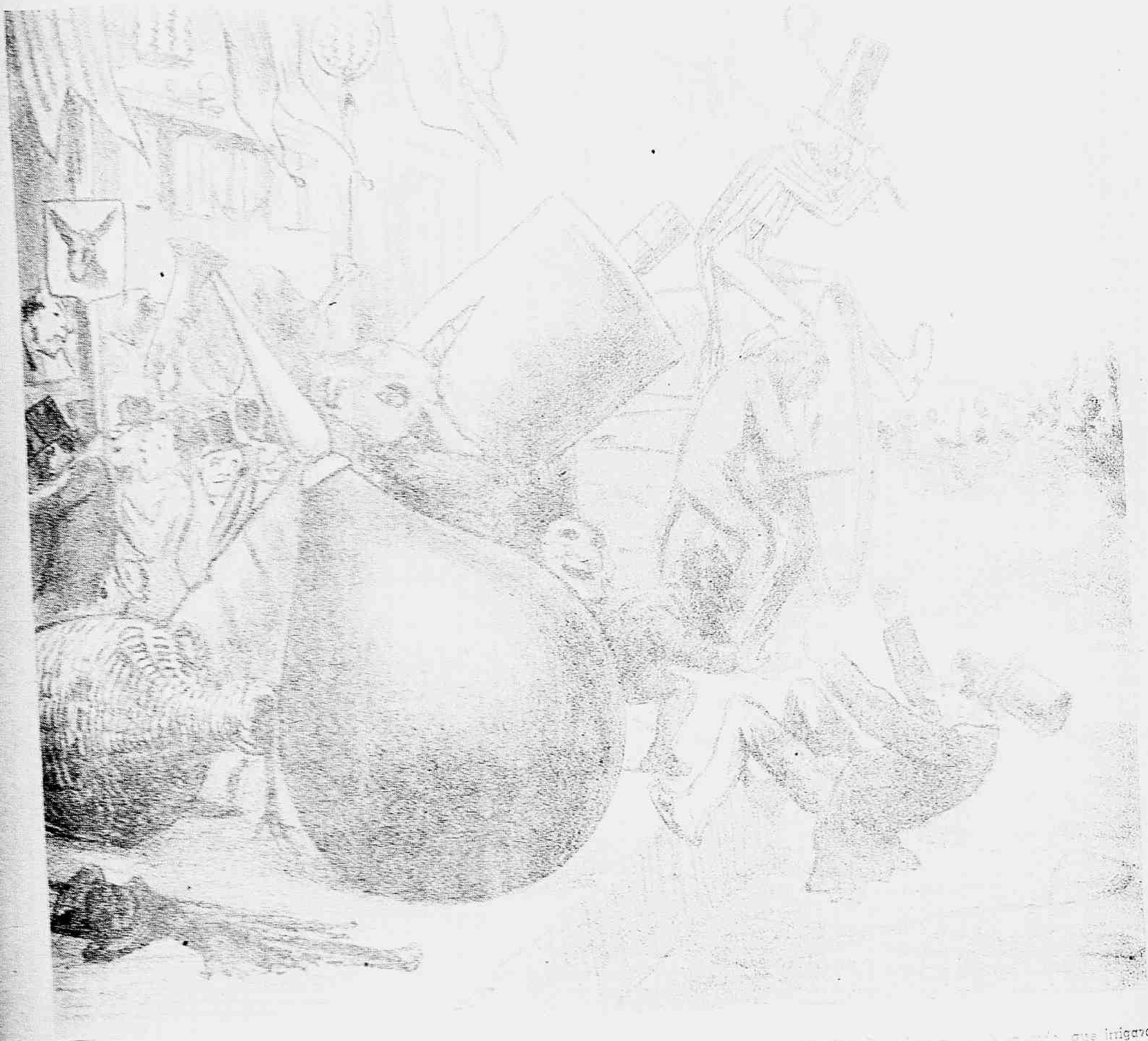
Maria Archer nos parece realmente um dos novos valores das letras portuguêsas. Êste livro dá uma excelente medida da romancista, menos como romancista do que como escritora, de um modo geral. Se não nos enganamos, esta é sua primeira incursão no romance, em que investe armada de duas qualidades essenciais: estilo literário e vivência do assunto. Por isso mesmo, assinalam-se aqui algumas naturais deficiências da autora, dentro do mundo cuja visão nos proporciona.

Fazendo a história de uma mulher, desde a infância, ela traiu sua narrativa, concentrando-se na personagem principal, abandonando tôdas as outras figuras à sombra. Como vemos, trata-se de um romance psicológico, feito em profundidade, não horizontalmente. Não há pròpriamente uma ação, neste romance tão bourgetiano. Todos os episódios e os demais personagens são meros reativos para projeção da heroína. Não «vemos» as demais pessoas do livro e, daí, estarmos como que diante de uma biografia, por tal forma Mariana centraliza e domina todo o romance, sempre em primeiro plano — e não só porque seja narrado na primeira pessoa.

Isso nos faz sentir muito de autobiográfico na obra: não queremos dizer que a autora tenha vivido exatamente o destino da heroína, porém que há muita recordação, observação direta, reminiscência pessoal no seu livro.

Esta Mariana nos faz lembrar outra heroína recente de romance feminino, a de «Banco de Três Lugares», de Maria de Lourdes Teixeira, onde se verificam as mesmas qualidades e defeitos de «Bato às Portas da Vida». Em ambos encontramos a marca de um sofrimento sincero, de um heroísmo obscuro que inserem em nossa estima essas massacradas figuras de meninas, êsses inocentes e trágicos destinos.

Maria Archer nos dá um belo e emocionante livro. E nos proporciona um livro muito bem escrito que marca, na autora, um estilo e uma vocação de primeira ordem. «Bato às Portas da Vida» merece o maior interêsse por parte dos leitores brasileiros que encontrarão neste romance com uma história comovedora, um grande nome de escritora nova do velho Portugal.



A GRAVURA [illegible] que irrigava os foliões [illegible] pelo lança-perfume. Mas o interêsse em [illegible] até hoje.

O CLAMOROSO CARNAVAL CARIOCA

PEDRO CALMON
Da Academia [illegible]

O [illegible] Carnaval [illegible] meados do século passado. [illegible] as sociedades carnavalescas que tomaram a responsabilidade do [illegible] bailes elegantes [illegible]

[illegible] apelido uma [illegible] de Janeiro; [illegible] Nestes [illegible] lírica, [illegible] que as [illegible] muita gar- [illegible] hábito [illegible] do dia, [illegible] os [illegible] a Igreja [illegible] que a [illegible] expor ao [illegible] sob [illegible] propaganda [illegible] sagaz- [illegible] efeito, [illegible] de modo [illegible] ções so- [illegible] da praça [illegible] dema- [illegible] as [illegible] cris- [illegible] Estava na [illegible] imitar [illegible] Carnaval ve- [illegible] das fan- [illegible] Petrópolis,

EM 1870 venciam os Democráticos. Ao longe vê-se a flâmula dos Tenentes. Vale a charge como documentário da época e mostra como os clubes carnavalescos já [illegible]. As máscaras predominavam e o povo dava preferência ao carnaval de rua. Os blocos de «sujos» não eram conhecidos.

principalmente nos [illegible] antecederam a [illegible] Carnaval lembrava [illegible] de [illegible] do [illegible] Ouvidor, [illegible] — [illegible]

O que foi o Carnaval dos primeiros tempos da república, o de [illegible], o da avenida Rio Branco entre 1910 e 1921, podemos avaliar, pela tradição que chegou até nós, da opulência dos carros, do entusiasmo do povo, do seu formidável regozijo ao som das músicas, num desfile interminável. A decadência veio com os cafés [illegible], com as atrações noturnas que substituíram o movimento das ruas, com o [illegible] proibitivo dos preços, certa fadiga do [illegible] [illegible]

[illegible] o descrédito de outras formas de divertimento popular. Onde está a [illegible] a rua do Ouvidor de outrora, e a [illegible] dos boêmios, dos poetas, dos [illegible] que davam ao Carnaval [illegible] a sua alma? A cidade [illegible] e do bocal dos an- [illegible] do seminudismo [illegible] o povo [illegible], abrindo alas; [illegible] passaram a recolher a [illegible] das ruas assaltadas por [illegible]

[illegible] decaído o Carnaval do Rio [illegible]? É temerário afirmar, é difícil negar. [illegible] decadência com reno- [illegible]. Temos o direito de [illegible] para ele mais arte, mais docu- [illegible] expressão, mais espiritualidade, uma vez que é insubstituível como uma planta indí- [illegible] que se respira na atmosfera, como o bate- [illegible] dos velhos cariocas. O Carnaval sofre [illegible] que é também de [illegible] o problema é regenerá-lo. E aí [illegible]

FOI ASSIM que o «crayon» de Ângelo Agostini fixou um folião que na quarta-feira vê os resultados de sua farra na rua do Ouvidor...

O S   S E G R E D O S   D A   A L M A

Á LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIZ FRAGA

A despeito do desdém do racionalismo pelo particular, pelo pessoal e pelo nebuloso, o rumo de tôda a evidência parece conduzir-nos acentuadamente para a crença em alguma forma de vida sôbre-humana, da qual nós podemos, embora sem o sabermos, ser co-conscientes. E' possível que estejamos no universo como animais domésticos ficam em nossa biblioteca, vendo e ouvindo, sem ter, entretanto, a mínima noção do que se passe. As objeções intelectualistas a isto desfazem se quando a autoridade da lógica intelectualista é minada pelo criticismo, e fica então de pé a positiva evidência empírica. As analogias com a psicologia usual e com os fatos da patologia, com os das investigações psíquicas e com os da experiência religiosa, estabelecem, quando tomados em conjunto, uma probabilidade decididamente formidável em favor duma concepção geral do mundo quase idêntica à de Fechner.

● **Os princípios gerais da consciência super-humana assim tornados prováveis, permanecem, não obstante, muito vagos, e o número de «eus» funcionalmente distintos, que ela comporta e traz, têm de ficar inteiramente problemáticos. Podemos conceber isto politeìsticamente. Fechner com a sua distinta alma da terra funcoiando como nosso anjo da guarda, pahece claramente poleteísta; mas a palavra «politeísmo» ofende geralmente, de modo que é talvez melhor não a empregar... Se é verdade que os povos vivem e morrem com os seus deuses, podemos anunciar aos povos cristãos uma vida igual à duração do globo.**

● Assim, longe de nos assustarmos pelas mudanças acontecidas na religião, nelas encontraremos a prova da sua origem celeste; admiramo-nos com que facilidade ela se presta ao movimento dos espíritos e ao progresso da razão. Não que estas mudanças toquem na sua essência; pois são feitas à sua volta, e não nela. A ignorância rodea-nos de véus; e a cada um que de si ela expele, Deus torna-se visível. Nesta mobilidade eterna, a religião mede a verdade pelas nossas fôrças, e coloca-se sempre ao alcance de nossa inteligência. Quando Jesus veio à terra, tôdas as religiões eram mortas e todos os povos moribundos; a sua missão foi renovar crenças e impérios; é possível negar que ressuscitara mortos; mas não se pode negar que ressuscitou o gênero humano; o título de Salvador do Universo, que toma para si, não poderia achar um incrédulo; se não se quer invocá-lo, como um Deus, é mister venerá-lo como um benfeitor.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas proprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal 449 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

TRABALHOS GRÁFICOS
LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.° 15 — Rio. Telefone 22-8647.

OS CAMINHOS DA...

(Cont. da pág. 26)

jôgo do bicho e do meretrício. Era o caminho mais curto da liberdade, um belo convite à evasão. A plantação só não produzia verdura e legumes...

Hoje, a horta está em Bangu, onde trabalham cêrca de 40 homens, com bons resultados.

O líder comunista Honório de Freitas Guimarães, entretanto, é o autor da maior façanha. Atirou-se ao mar bravio em meio da travessia Mangaratiba-Ilha Grande — 14 milhas — e enquanto funcionavam os holofotes, êle mergulhava. Certo de que fôra tragado pelo mar, a embarcação da polícia, posta em seu encalço, rumou para o continente e o condenado a 80 anos de prisão, por crime político, seguiu a nado, dentro da escuridão da madrugada, para Parati, onde foi prêso.

O campeão de fugas frustradas é «Luís Sujo», com 56 anos. Já fêz 36 tentativas e nunca saiu da Ilha Grande. Uma vez foi prêso por uma lavadeira, fato que o levou à desmoralização.

O troféu de campeão está em poder de «Carne Sêca», atualmente, na Ilha Grande, o que muito agrada aos guardas da Penitenciária...

Um detalhe curioso: até hoje não fugiu uma só mulher.

A RELIGIÃO REGENERA OS CRIMINOSOS

O chicote não modifica o temperamento do delinqüente. Pelo contrário. Torna-o cada vez mais revoltado e o seu ódio não tem limites. Gino Amleto Meneghetti é um exemplo. Viveu mais de 21 anos como uma fera, dentro do cubículo, uma espécie de jaula. Um dia o pastor protestante Boa-Morte conseguiu entrevistá-lo. Ficaram amigos e Meneghetti, depois de cinco lustros, pisou pela primeira vez no pátio do recreio, obtendo, em seguida, a liberdade condicional com bom comportamento.

Na Penitenciária, os detentos que têm as maiores penas, encontram consôlo na religião. Funcionam as igrejas católica e metodista e uma escola espírita. A que reúne maior número de fiéis é a dos protestantes, cujo pastor, diàriamente, assiste aos seus fiéis. O padre católico, com os seus afazeres de vigário da Matriz da Glória, só aparece no Natal. Enquanto isto crescem as atividades dos espíritas.

Ao sair do presídio, depois de passar por dezenas de portas de aço manejadas por guardas, dentro de cabines intransponíveis, olhei para o alto de um muro e vi a rendição da sentinela. Com tantas providências enérgicas e eficientes, ainda haverá fugas na Penitenciária?

Onde existir um prêso está presente o anseio de liberdade, a qualquer preço. Fogem até de Sing-Sing e da Ilha do Diabo!

D A   M O C I D A D E   À S   P O R T A S   D A   V E L H I C E

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica os seus incômodos se repetem todos os meses — refletindo muitas vêzes, enfermidades que, se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantalhos. Não se deixe prezada leitora, dominar por êsses males. Não permita que êles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier fabricado em duas fórmulas diferentes — o nº 1 e o nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades — pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier nº 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier nº 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuidas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas conseqüências. Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos — consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER — assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde que é a chave e o segrêdo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CORREIO DA REVISTA

Centro de Estudos, Rua Cedofeita, 228 — Pôrto — Portugal.

Exmos. Senhores: — Tomo a liberdade de escrever a V. Excias. para lhe pedir a especial fineza de me informarem de um ou dois editores dessa capital. Trata-se de romances históricos, escritos no estrangeiro e duma humanidade surpreendente.

Tenho, além dêstes livros, um folheto sôbre as responsabilidades da América do Norte. Esta obra conquanto de caráter político-social, só a negociarei a pêso de ouro. Desejaria publicar, igualmente, as minhas viagens; mas, se ainda não puder ser, elas terão sempre oportunidade. Estas, porém, podem ser publicadas em jornal ou revista.

Conheço o Brasil e já fiz conferências sôbre a sua história; se eu publicar aí as minhas obras, é muito possível que volte ao pa.s onde vivi belos tempos.

Agradeço as informações pedidas e envio a V. Excias. as minhas melhores saudações. — Pôrto, 7-12-1952. — **Maria Afonso**.

★

Recebemos a seguinte carta:

São Paulo, 26 de janeiro de 1953.

Senhor Diretor.

Causou-me admiração ter sido despercebido dos responsáveis pela «Revista da Semana» que os pensamentos de Victor Hugo, publicado no número de 24-1-1953, página 16, (Paralelo Entre o Homem e a Mulher), saíram como sendo de autoria de Manoel S. Wanderley, puro plágio do famoso escritor francês.

Um leitor amigo dessa revista.

A. **Gonçalves**

★

Avellaneda, 31 de Enero de 1953.

Es un gran placer para mí el dirigir una missiva a un país que pertenece a la Confraternidad Americana. Na Nación hermana, Brasil, es mi brújula ha de ser, y mis angustiosas horas se convertirán en alegría inmensa y sin precedentes en la historia de la Humanidade entera.

Señor Director de REVISTA DA SEMANA: En nombre de Dios le dirijo la presente, solicitando a Ud. se sirva publicar en las páginas de REVISTA DA SEMANA mi mensaje, dirigido a las nobles mujeres brasileñas, de ias cuales espero el AMOR.

Agradecendo desde ya su atención, humana y cristiana, para conmigo, me es gratíssimo saludar a Ud. con mi más distinguida consideración.

E. Zagoroski

★

EN BUSCA DE UNA INTERPRETACIÓN ARMÓNICA DEL UNIVERSO A TRAVÉS DEL AMOR

Un caballero, de mediana edade, escritor, poeta y uno de los más descollantes filósofos contemporáneos, autor de la tragirresurreccional novela «Moribundo de Amor» y de la Doctrina Filosófica AMESTODISTA, cuyos tesis y compendio fueron depositados en el Ministerio de Justicia de la Nación Argentina, Registro Nacional de la Propriedad Intelectual, bajo los números 377495 y 395430, respectivamente, desea entablar relaciones amistosas, tendientes hacia el matrimonio, con una dama que habita en la hermosa tierra brasileña. En consecuencia invita a las personas interesadas en conecer a uno de los más exuberantes conocedores de las tragedias humanas a causa de las luchas fratricidas, que son las guerras, y del vuelo del corazón, a escribir a: Eustaquio Zagorski, 24 de Mayo 769, Avellaneda, F.C.N.G. Roca. Buenos Aires. Rep. Argentina.

Quem disse isto?

1 — O general Foch, na primeira grande guerra.
2 — Clemenceau aos parlamentares franceses.
3 — Confúcio.
4 — O Marechal Foch, quando Clemenceau o convidou para substituí-lo na presidência do Conselho.
5 — Napoleão, depois da batalha das pirâmides.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica. da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS:

1 — 1862.
2 — José de Alencar (então Ministro da Justiça).
3 — Ao aumento de um vintém nas passagens de bondes.
4 — Parque da Aclamação.
5 — 1881.
6 — João Batista Viana Drumond.
7 — Dezesseis.
8 — Aurélio de Figueiredo.
9 — O da Misericórdia.
10 — Frei Caneca.
11 — O Itamarati.
12 — 1 695.
13 — Quatro.
14 — Para forçar o fechamento dos portos aos inglêses.
15 — Quinze mil.

DE SEREIA À RAINHA...

(Cont. da pág. 41)

Porque não basta um lindo rosto. Não que o Rei goste que a Rainha apareça em trajes menores diante dos seus súditos, mas mesmo vestida, uma rainha tem que ser sempre perfeita. Agora um lindo rosto, dentes alvos, sorriso tracnte, "sex-appeal", tudo isso vai marcando pontos até que o espírito foliônico seja pôsto à prova. Imaginem só uma Rainha linda, muito linda, com um corpo escultural mais completamente sem graça. Poderia ser Rainha do Carnaval com todos os direitos?

A sucessora de Elvira Pagã e Eleonora Amar naturalmente terá que resumir qualidades porque suas antecessoras além de bonitas souberam tornar-se famosas, no teatro e no cinema. Assim tendo em mira não só o reinado efêmero de três dias de folia fica o horizonte da rainha aberto para um reinado mais duradouro nos cenários da cidade e sob a luz dos "babys" nos estúdios cinematográficos. Não somos juízes (graças a Deus) mas ficamos na espectativa do resultado do concurso para poder completar a nossa reportagem com a eleita que reinará durante o pagode sôbre tôda a população carioca.

A SAÚDE DO BEBÊ

BRINQUEDOS AOS 3, 4, 5 E 6 ANOS

Dr. SABOIA RIBEIRO

De três maneiras diferentes se proporcionam à criança os meios com que divertir-se e expandir-se.

A primeira, dando-se-lhe espaço e larguesa para os seus folguedos.

A segunda, dando-se-lhe a companhia de outras crianças.

Terceira e úutima, dando-se-lhe brinquedos adequados à sua idade e que favoreçam o seu desenvolvimento corporal e espiritual.

Aliás, em muitas ocasiões, as três coisas se acham reunidas para constituir, de fato, o divertimento da criança. E' fácil observar que os brinquedos tornam-se mais interessantes sempre que praticados por várias crianças reunidas, em conjunto.

Não se pode dissociar a idéia de brinquedos infantis, da idéia de movimento e exercícios. Certos brinquedos infantis destinam-se principalmente a estimular na criança o seu espírito de imitação, entretendo-a por êsse modo. Dê-se, por exemplo, a uma criança um macacão e algumas ferramentas, e logo se verá como ela se julga um mecânico, e se entreterá horas inteiras num fim correlato.

● **A maioria dos brinquedos, porém, visa antes satisfazer o desejo de expansão e movimento da criança. Por isso, uma bola é sempre um bom brinquedo para menino. Num ambiente apropriado, com uma bola, êle sempre se divertirá muito mais do que com brinquedos caros e complicados, mas que o obriguem à quietude e atenção concentrada. Um bom brinquedo deve reunir os seguintes requisitos:**

1º — Um conteúdo conforme com o espírito e as tendências da criança.

2º — A possibilidade de que possa ser compartilhado por muitas crianças reunidas.

3º — Constituir um meio ginástico ou esportivo.

Com vistas à criança já crescida, damos a seguir uma lista de brinquedos correspondendo às condições antes referidas, a qual extraímos de interessante livrinho do professor Pedro de Alcântara, eminente pediatra de São Paulo.

● BRINQUEDOS PARA OS 3 E 4 ANOS

Para atividades ao ar livre: Bolas. Balanço com dispositivo para a criança não cair. Gangorra pequena e baixa. Cavalinho de pau. Patinete. Velocípede. Para atividades manuais: Blocos de construção. Balde e objetos para brincar na areia. Lápis de côr e papel sem pauta. Puzzles de peças simples.

Para atividades de dramatização: (Vida doméstica) Bonecas. Panelas, serviços de mesa de brinquedos, etc.; (Vida urbana) Automóveis, bondes. Objetos e vestuário para a própria criança dramatizar as várias profissões. Nesta idade basta um boné e uma roda para qualquer criança brincar de «chauffeur». Tambores, caixas, clavas ou pauzinhos, reco-reco, apitos, cornetinhas, realejos, guizos. Canções que se associem à marcha, palmas, brinquedos de gangorra, bolas, bonecas, cavalinhos, etc. Livros: Histórias simples e ilustradas com repetições freqüentes como a dos «Três Porquinhos».

● BRINQUEDOS PARA OS 5 E 6 ANOS

Atividades ao ar livre: Patinete. Instrumentos de jardinagem. Atividades manuais: Blocos de construção de tamanhos variados. Lápis de côr, papel sem pauta. Baldes e objetos de brincar na areia. Massa de modelagem. Cola, papéis coloridos e tesoura rombuda. Contas de madeira colorida, fáceis de enfiar. Bordados de alinhavo. Caixas de madeira, Matador (00). Para atividades de dramatização: (Vida doméstica) Bonecas, mobílias, panelinhas de brinquedo; (Vida urbana) Meios de transporte: bondes, automóveis, etc. Tendas de feira. Bonecas e palhaços de circo; (Vida na roça) Casa, vegetação e animais domésticos em miniatura; (Vida internacional) Navios mercantes, bonecas com trajes regionais de vários países. Tambores, reco-reco, pratos, blocos de lixa e de madeira, xilofone de madeira e metal, campaínhas, cornetas, acordeões (sanfonas) pequeninos e leves. Vitrolas e discos apropriados. Livros: Histórias simples e ilustradas, no gênero Chapèuzinho Vermelho. O essencial dos brinquedos é que possam interessar vivamente à criança e não levem nunca à monotonia ou ao cansaço.



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

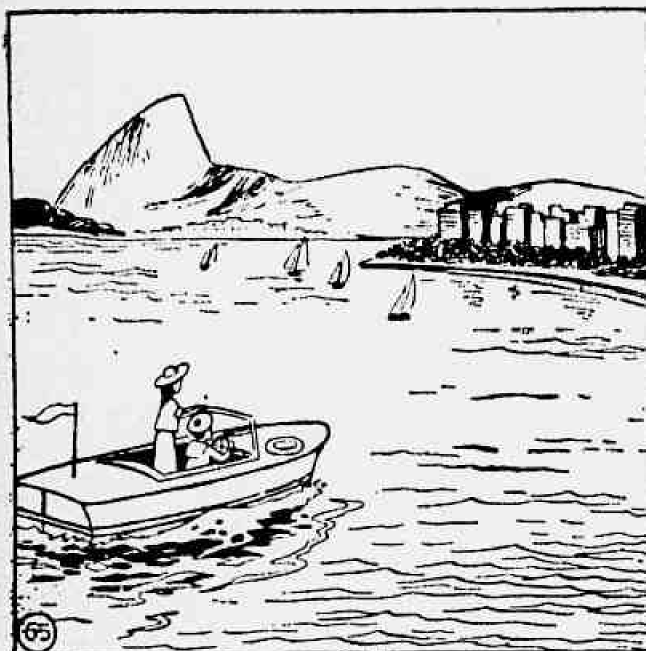
Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

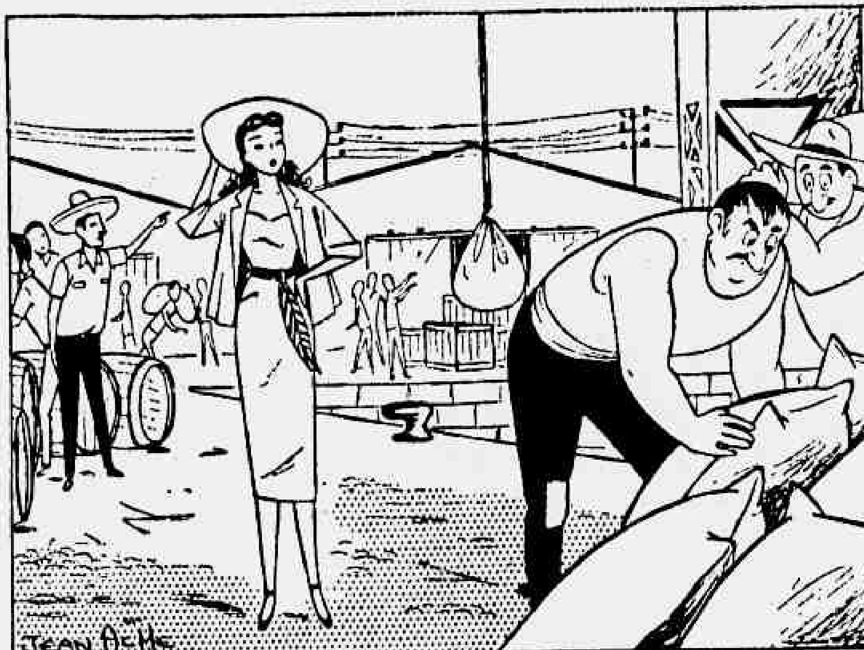
Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

ARABELLE a última sereia



Foi com o coração pulando que Arabelle seguiu na lancha privada do comandante, a fim de antecipar-se ao desembarque e abraçar seu amado.



Arabelle chega, enfim, ao cais e se deslumbra com a Guanabara reluzindo
cavam no pesado serviço de carga e descarga dos navios. Mas o que ela
ao sol. O pôrto estava cheio de gente e os trabalhadores se multipli-
desejava ardentemente era encontrar o seu querido Jacques Pommier.



Ela recorre ao escritório da companhia marítima e um empregado não sabe onde anda Pommier, mas a convida para um chá, naquela tarde.



Arabelle procura dar o fora e continua a procurar Pommier e Bimbleton e vem a saber que os mesmos já estão no Rio há vários dias.



Ela sabe pelo «boy» da Agência de navegação que Pommier e Bimbleton estão hospedados no Copacabana-Palace, mas só poderá ir de táxi, para chegar depressa e não se perder. A jovem se enche de alegria e se dirige à bela praia e fica lisongeada com as amabilidades dos cariocas.



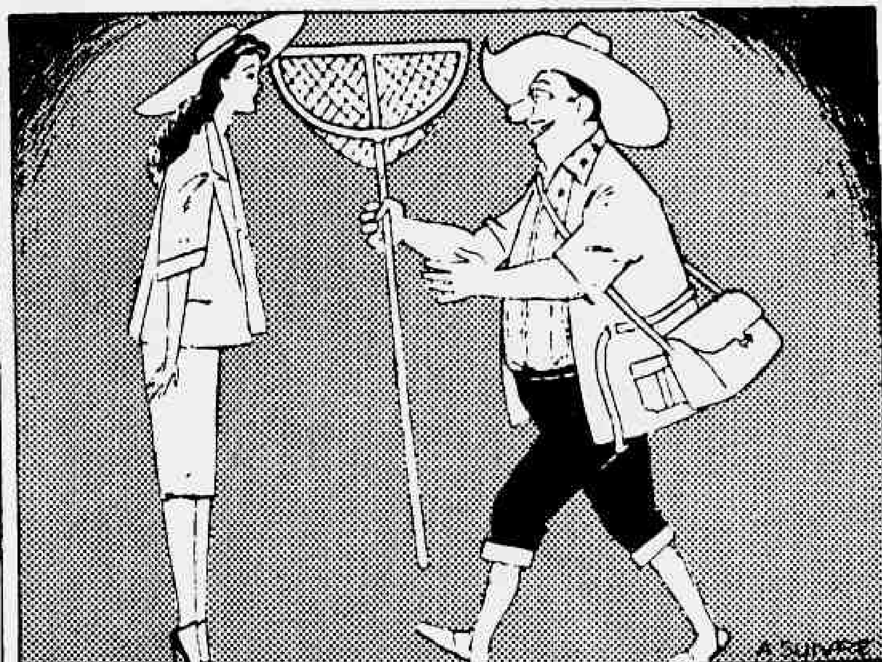
Arabelle fica estonteada com o esplendor do hotel e ali sabe que Bimbleton foi à pesca e que Pommier, como sempre acontece, está no bar.



Arabelle se dirige pressurosamente ao bar, a fim de abraçar o seu eleito; mas, ao entrar ali, sofre grande choque. Jacques Pommier se divertia a valer, entre duas garôtas que riam e bebiam refrigerantes, tudo na intimidade. Arabelle, decepcionada, rodou nos calcanhares e se afastou.



Sua dor é imensa. Ferida em seu orgulho de mulher, ela nada diz, e seu amado, nada mais percebe dela, que não uma indefinível sobra de mulher.



Ia tomar rumo indefinido quando chega Bimbleton, que a recebe com alvorôço, abrançando-a efusivamente. Mas nota a tristeza de Arabelle.



Bimbleton sabe de tudo e procura acalmá-la. Quer levá-la até Pommier. E' preciso desfazer o mal. Mas Arabelle chora e quer voltar ao navio.



Bimbleton não pode detê-la e Arabelle deixa o Copacabana-Palace em prantos. Bimbleton corre e narra o acontecido a Pommier, que se mostra desolado. — Que fazer? Bimbleton aconselha-o a ir ao navio e se explicar, de maneira que Arabelle retorne à felicidade com que sonha.



O detective deixa o hotel e declara a Bimbleton que não sabe como Arabelle pensa que êle a ama para casar. Êle tem apenas admiração por ela.

A LUTA SANGRENTA...

(Cont. da pág. 34)

Nakahora, com seu permanente sorriso, vai contando coisas do kendo. Esporte nobre, êsse, que dá vigor, saúde, alegria e desenvoltura. Cada lutador representa um guerreiro medieval e sabe da responsabilidade que tem, em vestir-se com a complicada indumentária guerreira.

O professor japonês foi campeão nipônico e quando não encontrou mais adversários, passou a «fabricar» campeões. Essa a razão da sua popularidade, no seio da colônia. Já não luta, simplesmente, porquanto não tem adversários para êle. Demonstra, apenas, com espadas gigantescas, de aço brilhante, como são as posições corretas dos golpes.

E, quando partimos, deixando uma arena improvisada, incrustada entre os montes de São Bernardo do Campo, levamos, conosco, ainda por grande trecho do carreiro enlameado, os gritos cortantes dos lutadores.

Lá ficavam os **shinais**, batendo umas nas outras, nas cabeças, nos corpos. As **cotês**, as máscaras de ferro, as calças que, de início, pensáramos serem saias. Minoru Nakahara também permanecera na arena. No dia seguinte, embarcaria para Marília, onde iria ensinar. Ficara com vinte jovens **niseis**, das mais variadas idades, ensinando os truques que aprendera até aos 56 anos, dos quais 49 gastara na prática incessante do **kendo**, que, para êle, não passa de um esporte violento, mas foi a razão da sobrevivência de seus antepassados e do Império do Sol Nascente.

TAMBÉM TU PALHAÇO ! !...

(Cont. da pág. 11)

Afonsinho por sua vez não lhe regateava palmas e grilos, era o seu fã incondicional e número um. Mais uma vez, da situação, tirou vantagem o garôto que para desespêro da petizada, fazia grande alarde da sua amizade com o palhaço; Afonsinho tornara-se quase um pistolão junto a Zé Manco.

A amizade cresceu e com isto iniciou-se a via crucis dos dois, como acontece a quase todos os namorados; guardadas as proporções a situação era idêntica.

De um lado era o sr. Rizini que advertia Zé Manco: que não podia ser, que não estava ali só para distrair aquêle garôto, que todos pagavam, que assim não podia continuar. De outro lado era o sr. Oliveira, meigo e delicado aconselhando: que aquela gente não era boa, que não tinha educação, que assim Afonsinho não seria nunca um homem de bem, e por aí a fora. Mas a amizade prosseguia.

★

Um dia houve festa na casa do sr. Oliveira e a casa, apesar de grande, transbordava; gente de todo tipo e de todo canto era atraída pelo charuto, barriga e automóvel do negociante.

Afonsinho é que não se sentia feliz: a falta do circo devorava-lhe as entranhas, negras nuvens começaram a toldar seu coração; desolado, buscava esperança ou consôlo, de canto para canto, sem que ninguém o percebesse, o borborinho não o permitia; o próprio pai, sua última esperança, fôra isolado pelas visitas. Restava o chôro, e foi o que aconteceu; a chuva desabou grossa e convulsa, em forma de lágrimas, em cima de d. Ana, mãe do menino.

Desabrigada, d. Ana foi atingida em cheio, buscou, nervosa, refúgio no marido:

— Filho, olha como está o menino.

— Mas que posso fazer?! Como vou deixar esta gente tôda!

— Deixe-os comigo, homem! é um instante... não seja mau...

— Mas o espetáculo já deve estar no fim, filha...

— Melhor ainda! você não perderá tempo, logo estará de volta.

— Mas...

— Que mas, senhor! vá logo! leve o menino!

— Está bem... está bem...

E foi assim que o sr. Oliveira se deu por vencido: pouco depois estavam no circo, pai e filho.

Infelizmente, para Afonsinho, o espetáculo atingira o fim, talvez restassem uns 15 minutos, se tanto; Zé Manco mesmo, já estava fora de cena; no camarim o palhaço se transformava no empertigado Carlos Vasconcelos.

Os números que restavam, um ou dois, não despertaram a atenção da criança, que aos poucos, foi se entristecendo, para no fim desabafar:

— Quero ver Zé Manco!

O sr. Oliveira resistiu um pouco, um pouco apenas, e logo se entregou; já estava cansado de lutar e, afinal, já estava ali.

A pessoa e o prestígio do negociante, romperam fácil as poucas barreiras, e logo depois, a lona do reservado de Zé Manco, era afastada por mãos infantis.

— Zé Manco! Zé Manco!

— Ah! é você, Afonsinho? Julguei que estivesse doente, entre! venha cá!

Mas o diálogo não prosseguiu; quem ali estava era Carlos Vasconcelos, e o menino buscava o palhaço; mudos se defrontaram; o olhar triste e frio do menino percorreu o homem de alto a baixo; Zé Manco submeteu-se; qual um garôto pilhado em travessuras, tremia diante de Afonsinho; aguardava o castigo que não tardou.

— Zé Manco... você não é capenga?

— Não, meu filho... não sou!

E o palhaço desatou a chorar.

CARNAVAL DE CAMAROTE...

(Cont. da pág. 6)

sôbre poucos metros quadrados de tablado. Rei Momo entra em cena, as «vedettes» mostram fantasias que os brotos gostam de usar no tríduo: quanto menos roupa melhor. Não vem no palco a mania do nu, talvez venha da praia e seja um dos sinais dos tempos. Contudo o carnaval de Dercy tem seu lugar na vida do carioca. Os quadros de Geysa de Boscoli, conquanto alguns já sejam do conhecimento público, sempre agradam pelo espírito.

«VIVA O CARNAVAL»

E' a Ari Barroso que devemos o melhor «show» de carnaval de 1953. O que êle chamou despretenciosamente de «passatempo» foi realmente um espetáculo de qualidade, tanto pela partitura, quanto pelo texto. Ari, como dizia o velho e sempre querido Noel, «sem ser bacharel faz samba». Em duas palavras anuncia o espetáculo o próprio autor. E muito discretamente mistura o sério e o gracioso, o alegre com o triste, o presente com o passado. E o enrêdo é todo ilustrado com belíssimas «girls», vestindo fantasias ricas e de indiscutível bom gôsto. Valendo-se dos nossos elementos tradicionais, o português, a mulata, o funcionário público mal pago e filósofo, o rei Momo em plena ressaca, o príncipe Gandaia, muito feliz no seu desempenho, Ari conseguiu fazer um ensaio-geral com Escola de Samba e tudo. Brilharam as cabrochas da Jupera. Juntou-se o morro ao asfalto. o Trio de Ouro canta em «Viva o Carnaval», um samba de primeira ordem e consegue alcançar tôda a intensidade melódica dolente e gostosa do verdadeiro samba. Com apito na bôca Herivelto Martins foi um perfeito mestre-de-cerimônia. E para dar margem à apresentação de fantasias de luxo, Ari, sem recorrer ao alegórico, fêz desfilar lindas fantasias, ligando-as ao enrêdo e mais algumas que nos esquecemos de escrever. Parabéns Ari, mais uma vez você mostrou que a massa além de cinzenta e inspiração que não são as Academias que dão, é preciso o coração pôsto todo inteiro em cada obra que a gente quer criar.

No «Night and Day» tomaram parte saliente neste espetáculo pré-carnavalesco as bailarinas Marlene e Eva Lanthos, que sem cair no pedantismo do gênero clássico demasiadamente rígido, fizeram bem os seus papéis e mostraram que carnaval também se dança.

Agora esperemos ver o Carnaval no duro, nas ruas e nos salões. O povo se desabafando de um ano inteiro de trabalhos e canseiras mais ou menos inúteis.

DE SEREIA A RAINHA

(Cont. da pág. 52)

vens pretendentes à mão do vetusto Rei Momo. O "tes!" principal até agora vem sendo o de plástica. E' fundamental que as linhas sejam harmoniosas.

(Cont. na pág. 39)



PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 40

A	Queimam; causam ardência	15	32	60	91	123	■	■
B	Cadeira professoral	116	20	63	36	79	58	138
C	Aprisco; curral de ovelhas	126	12	44	136	■	■	■
D	Cobra da família dos Crotalídeos	8	69	98	19	135	■	■
E	Hábito ridículo; sestro (pl.)	10	61	2	108	140	81	■
F	Refutado; rebatido	11	50	74	107	117	97	42
G	Viajar por mar	29	53	109	47	66	124	92
H	Virtuosa; conforme à honra	82	46	96	77	141	39	21
I	Combinado com oxigênio; enferrujado	55	75	100	24	93	120	80
J	Arma branca, de lâmina comprida e ponteaguda	4	18	27	119	111	70	■
K	Cangote	34	3	134	73	■	■	■
L	Saquelos	62	25	7	67	105	129	■
M	Um, entre dois ou mais	1	101	22	37	106	■	■
N	Determinas, obrigas	17	38	56	76	128	104	■
O	Fiz mal; lesei	83	43	6	45	90	51	■
P	Densa; opaca; consistente	9	122	113	49	78	103	59
Q	Espécie de gramínea	52	121	72	64	84	■	■
R	Variedade de mica pardo-amarelada	95	137	125	31	57	■	■
S	Alvas como a neve	86	110	16	26	40	71	■
T	Ofereça; dê como oferta	102	132	30	14	41	85	■
U	Mordedura; mordidela	118	114	127	139	68	48	33
V	Causa; faz cair (em êrro)	131	65	54	23	99	■	■
W	Capacete de alambique	94	112	88	133	35	28	5
X	Sacos feitos de pele para transporte d'água	89	130	115	13	87	■	■

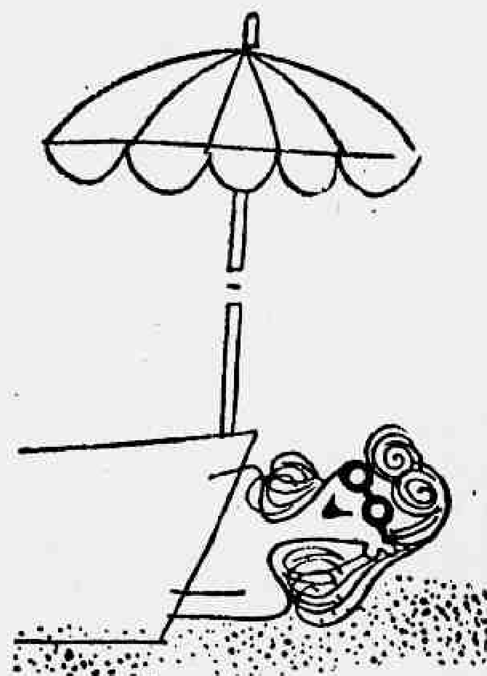
EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras •, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

■	■	■	■	■	M 1	E 2	K 3	J 4	W 5	O 6	■	L 7	D 8
P 9	■	E 10	F 11	C 12	X 13	T 14	■	A 15	■	S 16	N 17	J 18	D 19
B 20	■	H 21	M 22	V 23	I 24	L 25	■	S 26	■	J 27	W 28	G 29	T 30
R 31	A 32	U 33	K 34	W 35	B 36	■	M 37	N 38	■	H 39	S 40	T 41	F 42
■	O 43	C 44	O 45	H 46	■	G 47	■	U 48	P 49	F 50	O 51	Q 52	G 53
V 54	I 55	■	N 56	R 57	B 58	P 59	■	A 60	E 61	L 62	B 63	Q 64	V 65
G 66	L 67	U 68	D 69	■	J 70	S 71	■	Q 72	K 73	F 74	I 75	N 76	H 77
P 78	■	B 79	I 80	E 81	■	H 82	O 83	Q 84	T 85	S 86	X 87	■	W 88
X 89	O 90	A 91	G 92	I 93	■	W 94	R 95	H 96	F 97	D 98	V 99	I 100	■
M 101	T 102	P 103	■	N 104	L 105	M 106	■	F 107	E 108	G 109	S 110	J 111	W 112
■	P 113	U 114	X 115	■	B 116	F 117	U 118	J 119	■	I 120	Q 121	P 122	■
A 123	G 124	R 125	C 126	U 127	N 128	L 129	■	X 130	V 131	T 132	W 133	K 134	D 135
C 136	R 137	B 138	U 139	E 140	H 141	■	■	■	■	■	Ofaner·Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 39 — L. COELHO. — ELOGIO HISTÓRICO. — "Newton, êste espírito que reverenciava a natureza como a manifestação sensível do CRIADOR, pôde na aparente e estranha anarquia do universo descobrir os pergaminhos da sua lei fundamental."

CONVERSA DE MULHER

CALOR



A cidade, mole de calor, retroage para o surrealismo. Esfumam-se os contornos, as massas arquiteturais baloiçam, surgem vultos estranhos formados por nuvens baixas que querem descer para o chão. Mesmo o colorido escapa às gamas previstas e o azul vivo se torna nublado e cinza cambiante no denso vapor atmosférico, o amarelo do sol não é mais de 18 quilates, o verde das árvores perde a nitidez no excesso de luz. A senhora gorda que anda pela calçada está parada: ondeiam e prosseguem os mosaicos de pedrinhas. O homem magro a seu lado vai furar os céus num impeto de Flash Gordon. As ruas se visitam, reunindo as bôcas para conversar. A perspectiva desapareceu no prisma do ar rarefeito de temperaturas diversas.

● Os cartazes nas fachadas dos cinemas são espectros de uma civilização ultrapassada. Sorvete, sorvetinho é de ilusão e as confeitarias permanecem desertas. O próprio sol blefou o relógio para se pôr a pino, que a hora é de verão. A paisagem urbana pousa para um éden inaproveitável: naquela esquina de vento uma Eva que desprezasse as roupas copiadas de Jacques Fath poderia oferecer uma maçã a um Adão de óculos escuros sôbre o gramado da praça Mahatma Ghandi. Na incompreensão e na inutilidade dos seus movimentos a multidão rala é de fantasmas cretinos. Onde as rêdes de uma parede e outra nos edifícios de apartamentos nas ruelas mais estreitas e sombrias, onde os abanos de palha, onde as flores nos cabelos e em colares para agir como olorosos barbitúricos? As horas absurdas e superpostas correm com pés inchados sem tocar o asfalto que escalda e se derrete. Ninguém sabe nada, ninguém quer nada.

● Um Estrêla superior ao qual não foi necessário agregar nenhum Padilha vela pelo tráfego e os veículos — as notas mais nítidas do cenário — preguiçosos, disparam. Não há jovens na população tropical, apenas criaturas sem idade que atravessam fatigadas o tempo. Quando surgir a primeira mocinha com a brisa precursora do entardecer, ela há de sonhar com o sono numa fôlha, mais amorosa que Aníbal Machado. — **ISOLETTE**

ROTINA DE BELEZA

A CELULITE DO ROSTO



O rosto é também, muito mais do que se pensa, sujeito à celulite — e os prejuízos estéticos resultantes são grandes. As feições engrossam, o oval do contôrno perde a finura, edemas, inchações surgem e se desenvolvem. Não há beleza que resista a tais deformações. No entanto, assim como a celulite do corpo é combatida por massagens especiais, existe um tratamento específico para a celulite do rosto. O tratamento consiste na aplicação de uma máscara especial, redutora, que tanto pode ser feita num salão de beleza como usada em casa.

● Inicialmente deve ser feita uma boa limpeza da pele, empregando-se um tira-cravos de preferência rolante (elétrico) depois de um bom banho de vapor. A seguir, massagem elétrica, com corrente bem dosada, para enrijecer os músculos. Afinal é aplicada a máscara, de preferência não só no rosto mas também no pescoço. Essa máscara com finalidades especiais, que é fabricada por diferentes especialistas e pode ser adquirida em potes ou tubos, algumas vêzes precisa ser dissolvida em água, outras é para ser usada conforme apresentada. A melhor forma de aplicação doméstica é em geral por meio de um pincel, o que permite espalhar o produto, com homogeneidade.

● Só quando sêca deve ser retirada a máscara. Algumas são retiradas por arrancamento, despregando-se suavemente, outras amolecidas com água. A repetição indicada do tratamento oferece resultados seguros. Êsse tratamento é também de muito bom efeito para evitar e corrigir o «double menton» (papada que se forma pelo relaxamento dos tecidos), inchações, infiltrações, certas olheiras balofas, excesso de oleosidade. E' ainda interessante notar que muitas mulheres sujeitas a certas dores de cabeça se livram dêsse mal quando fazem o tratamento adequado da celulite.

A Moda para 1953

NESSA passagem de ano a moda sofre modificações e três estilos e três técnicas se opõem. O corte preciso e nobre que caracteriza a coleção de Christian Dior constitui técnica nova, que renega os panejamentos vistos nas demais casas. Êsses panejamentos, com muita graça, tornaram-se o apanágio de Jacques Fath e dos demais que empregam o drapeado, os panos soltos, tirando o maior partido de tecidos como jerseys, crepes e mousselines. O terceiro aspecto dêste tríptico é apresentado por Balenciaga, com seu traço inconfundível, muito à vontade num gênero de tendências diversas. Christian Dior, buscando uma silhueta muito marcada, tornou-se um solitário inspirado. Do pescoço até à barra da saia o corpo fica literalmente modelado, por suas novíssimas criações, sem pregas nem drapeados que, se existem, são tão apagados no conjunto que coisa alguma interrompe a linha pura e nítida. Essa silhueta um tanto armada — pois Dior não renunciou a barbatanas e ligeiros enchimentos, alonga o corpo ao máximo, fazendo descer a citura, anulando o busto. Talvez seja um estilo que faz perder em confôrto o que dá a ganhar em distinção. Dior, que exigia quilômetros de tulle e renda para seus modelos, renunciou à execução fácil das saias que lembravam guarda-chuvas abertos e hoje quando precisa dar qualquer amplitude à saia o faz disfarçadamente, unindo-a ao corpo por um jôgo de recortes, freqüentemente em retângulos, na altura das cadeiras. O vestido fica assim com uma composição perfeita, de saia armada, ombros estreitos, usado por um mulher de cabelos curtíssimos penteados de trás para a frente, com chapéus que são "nadas", às vêzes umas antenas de plumas. E' o estilo "Formiga", sengundo a denominação do próprio criador. Balenciaga, aperfeiçoando a sua descoberta da estação passada, isto é, os vestidos que se ajustam à cintura só na frente e ficam folgados nas costas, obtém uma linha muito pessoal, como por exemplo, no modêlo que tem um veludo negro passado como cinto pelos quadris, outro na cintura e outro sob o busto — marcando três alturas diferentes. Abusa dos modelos em renda, tratados com simplicidade e bom-gôsto





Vestido em algodão de fundo branco com estampado azul, vermelho e prêto. Bolero de veludo prêto, como a fita que guarnece. ● Para cocktail, em algodão listrado de azul, prêto e cinza-prateado. Decote ajustável. Cinto de verniz prêto.

Modelos





VESTIDO PARA A TARDE, da famosa costureira parisiense, Madeleine de Vramant; em crepe beige.

MODÊLO DE CARVEN, num belo jersey côr de coral sàbiamente drapeado, com ricos franzidos na saia.

em desfile



CRIAÇÃO DE BALMAIN para 1953. Corpete de veludo negro, manteaux negro, saia drapeada em crepe vermelho com raposa preta.



"COURANT D'AIR", vestido em organza azul marinho bordada a pois dourados, criação de Pierre Clarence.

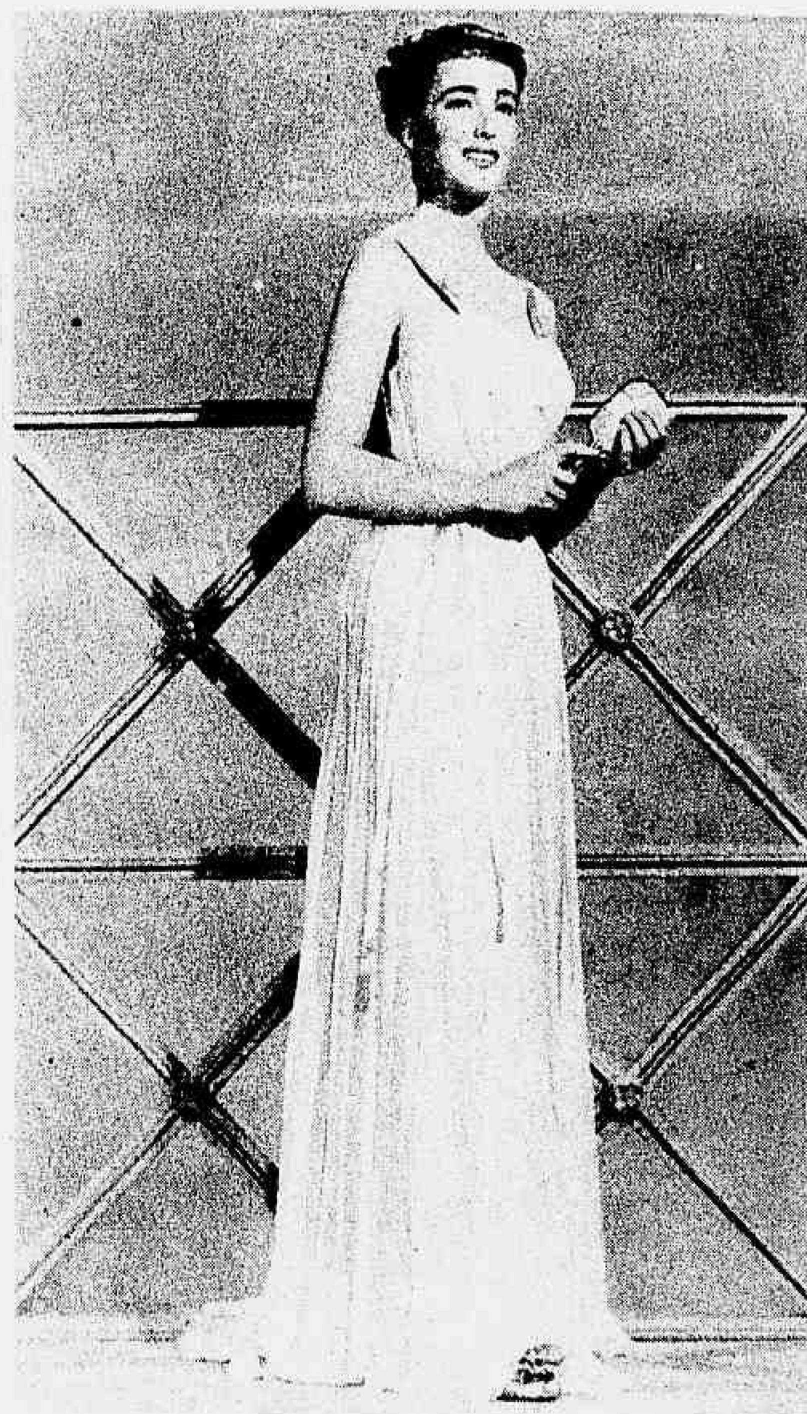


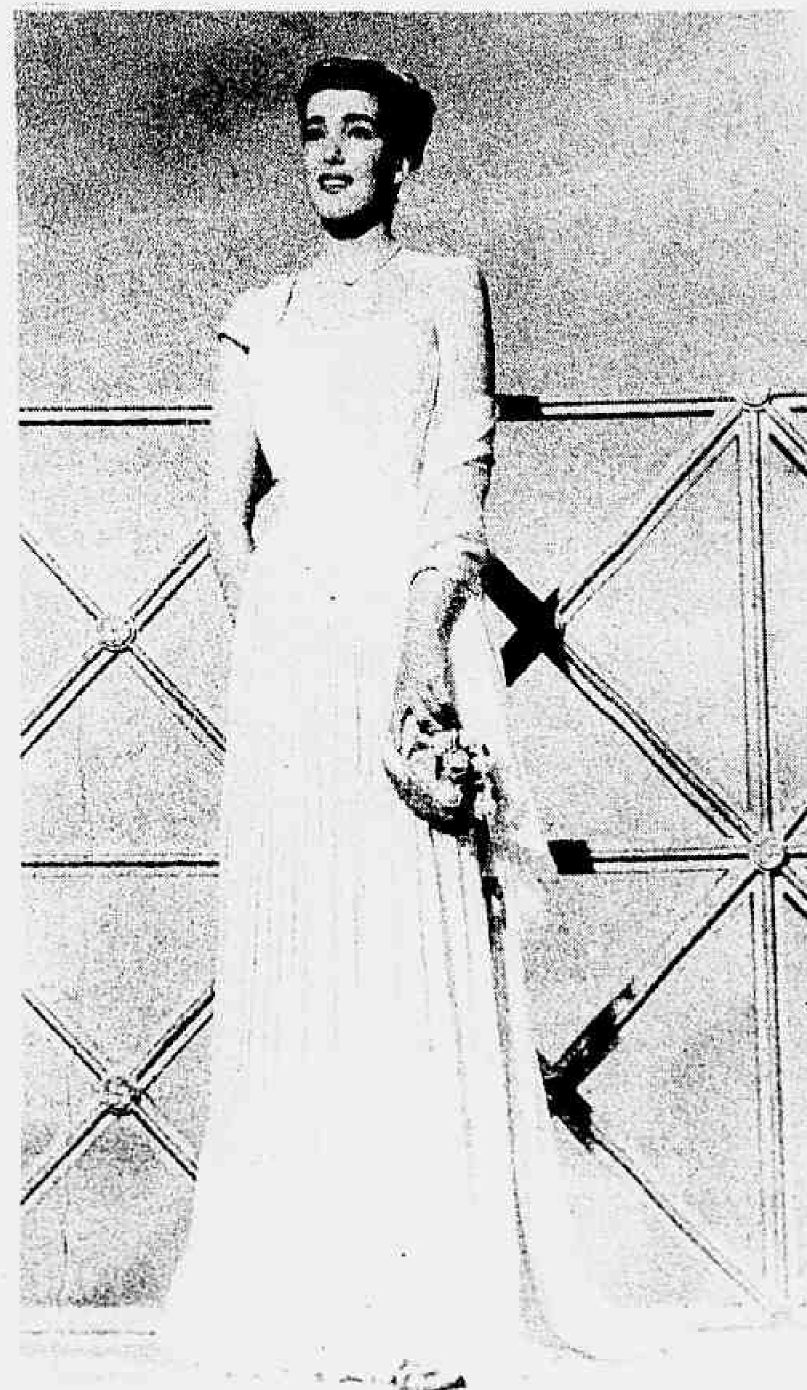
MODELO DE BALMAIN: "corsolet" em setim amarelo, saia em organza escocesa em xadrez cinza, prêto e branco.

Camisolas



A NOIVA — Em "chiffon", com o decote e os punhos artìsticamente decorados com uma bela renda, esta camisola é quase um "negligée" e seria ideal para a noite de núpcias.





A MODELO — U'a mulher que sabe possuir um corpo de Vênus, usaria u'a camisola que se assemelhasse a um vestido de noite, como vemos nas duas fotografias de Julia Adams

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Album-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO

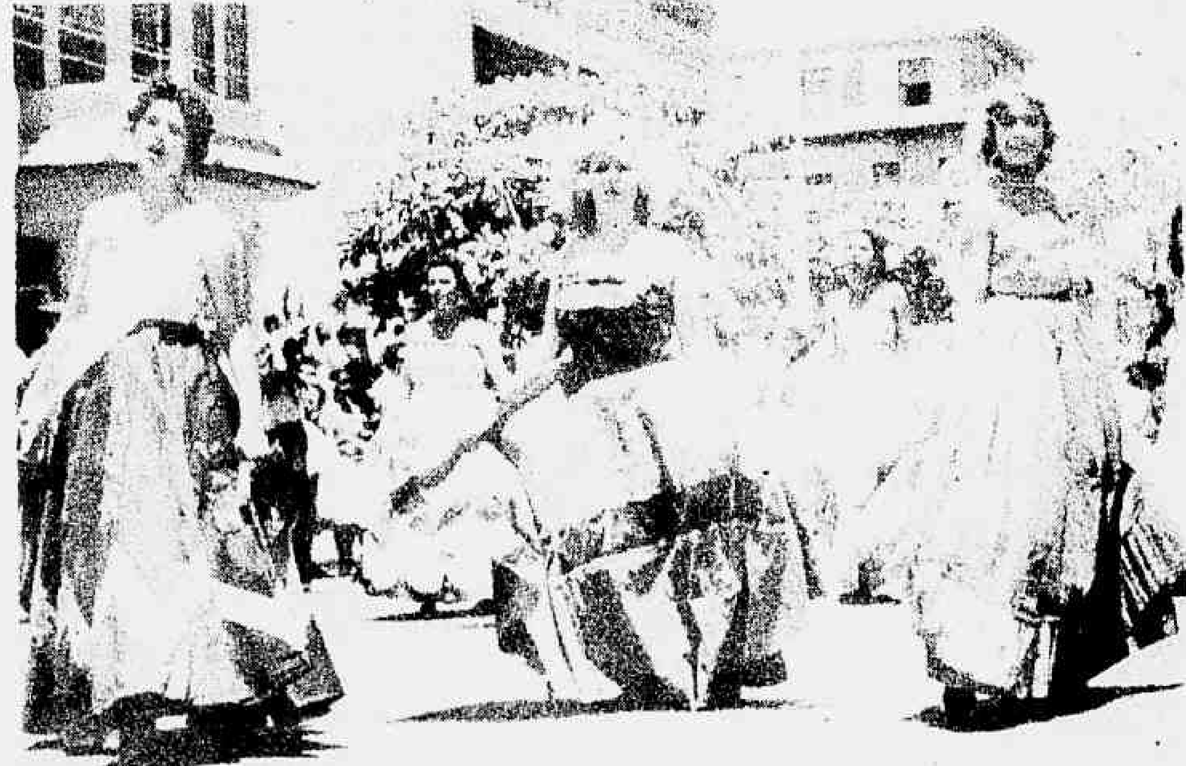
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO



SOB A SOMBRA das figueiras e dos guarda-chuvas, o povo foi se amontoando e as fantasias foram colorindo o asfalto negro e fervendo das quando o sol já tostava tôda a cidade. Cuícas e tamborins não foram poupados um instante sequer. O entusiasmo era, de fato, contagiante. De



ESTAS CAMISAS que parecem camouflage são apenas imitação do gôsto norte-americano. Vêm abrindo alas para o grupo nipônico de papel



LOURAS, MORENAS, ruivas, pretas e brancas. No carnaval não há separação. A democracia vai da liberdade para a libertinagem, sorrindo...



NO ASFALTO DO PÔSTO 6

CARNAVAL COM PAPEL DE SÊDA

SOB UM SOL AFRICANO, O PESSOAL DO MORRO DESCEU PARA BATUCAR NA AVENIDA ATLÂNTICA ★ ALEGORIAS E GRUPOS NUMEROSOS COLHEM APLAUSOS ★ A MULATA CONTINUA SENDO A RAINHA DO MOVIMENTO ★ TAÇAS E PRÊMIOS.

Texto de JOÃO ALVARENGA **Fotos de A. MIRANDA**



ruas. A animação começou lá pelas onze horas, sombrinha em punho os «japonêses» abafaram...

DOMINGO de manhã a praia de Copacabana nestes dias de verão inclemente constitui um espetáculo só comparável com a praia de Long Island, em Nova York. Isto é a variedade dos tipos, dos gordos, dos magros, dos moços, dos velhos, das matronas e dos brotos é qualquer coisa de caleidoscópico. E como se o colorido das barracas, e dos maiôs não bastasse, vem rei Momo com sua troupe de malucos e entra pela areia e pelo asfalto e no fim da festa até pelo mar a dentro com gente fantasiada, com batedores de tamborins, com mulatinhas que deixam a patroa no fgão e vêm para o sol batucar em pleno meio da rua.

E os grupos se organizam, estudam durante semanas a fantasia com a qual irão disputar o prêmio concedido pela Prefeitura. Mas o que mais ambicionam não são as taças, nem os prêmios oficiais, são os aplausos, são os comentários que servirão de assunto do dia durante os meses que se seguem ao carnaval. Porque para o carioca o carnval é qualquer coisa de vital, de insubstituível. Haja fome, haja morte na família, haja inflação, carestia, epidemia, nada o demove de vestir sua camisa



COM UM QUADRO da batalha dos Guararapes êstes conseguiram com o material frágil do papel «crepon» fazer o prodígio dos uniformes usados àquela época. Brilharam.



A confusão foi geral. Os cordões de isolamento não puderam conter o entusiasmo popular. O ritmo carnavalesco é eminentemente contagiante e quente.



A MULATA em azul-e-branco sacudiu-se como ninguém. Em matéria de ritmo não há como a mulata, o melhor artigo nacional. O mais é conversa.



OS PESCADORES também entraram na folia. Como domingo é dia de pescaria, aí vão êles. Mas parece que o peixe ficou na Lagoa.

de malandro, meter um canivete na cinta e sair por aí...

Domingo último o local escolhido foi o Pôsto 6, rincão tradicional da praia de Copacabana, onde ainda resta um pouco de pitoresco, algumas árvores, figueiras bravas que por milagre foram poupadas da sanha destruidora dos prefeitos, canoas de tranqüilos e pacíficos pescadores que descansam suas rêdes bem pertinho dos grandes canhões do forte de Copacabana, também famoso. E ali tendo já encontrado a decoração externa da AABB, os foliões se espalharam à vontade. Alguns grupos foram sem fantasia alguma. Outros conseguiram até mesmo caminhões enfeitados e guardadas as proporções apresentaram seus préstitos.

Os personagens em foco foram Francisco Alves e Marcílio Dias, dois heróis, digamos assim, da Praça Onze falecida. Grandes grupos homogêneos nas fantasias foram aplaudidos e se regosijaram com o êxito; entre êstes um que, com chapéus de camponeses do Japão e sombrinhas, sambou abrigando-se do sol na própria fantasia; outros, de azul e branco e estrêlas prateadas, vieram do morro do Ladrão e esqueceram a falta d'água, o barracão pendurado no morro, pedindo socorro à cidade a seus pés. E dançaram até derreterem o papel de sôbre a pele.



COM A BANDEIRA do América Futebol Clube, que tem torcedores até mesmo se o grêmio de Campos Sales perde o campeonato, esta linda jovem exibiu um lindo e elegante modêlo.



OS INDEPENDENTES do Leblon fizeram a homenagem ao saudoso Chico Viola. Cada folião levava na cabeça um violão prateado. Tristezas não pagam dívidas — diz o provérbio.



ÊSTE PAR QUE parece vindo da Abissínia com trajes estapafúrdios são dali mesmo, do Pôsto 6. Tamancos, porta-bandeira, violão na cabeça. Têm muito ritmo e muita convicção.



AI ESTÃO ELAS em fila indiana — morenas, louras, altas e baixas, tôdas sorridentes e com esperança de ver a coroa de rainha sôbre os cabelos (louras ou ao natural?). Mirela? Sílvia Fernanda? Lucinda Rosa? Lucemy Dias? Eis aí a questão. Mas como na côrte só pode haver uma rainha...

DE SEREIA A RAINHA



SILVIA FERNANDA, um caso muito sério. Tem corpo, tem pinta, tem bossa, tem tudo o que a baiana tem e ainda mais alguma coisa.

A COISA ESTÁ FEIA PARA OS JUIZES ★ MUITAS BELAS, ATRAPALHAM ★ VERDADEIRO DESFILE DE "MAILLOTS" ★ RAINHA POR TRÊS DIAS APENAS!

A Associação de Cronistas Carnavalescos vem patrocinando o concurso da Rainha do Carnaval. Há Rainhas em tôdas as coisas. Por que não há de haver também uma Rainha do Carnaval? Seria uma injustiça querer que o Rei Momo I e Único ficasse celibatário já na idade provecta a que chegou para eternizar-se. E naturalmente que a Rainha tem que ser jovem. E não só jovem mas também parecê-lo, tal como a mulher de César. E aí começa um grande problema que tem pôsto os juízes em polvorosa. Porque as candidatas quando se apresentam é porque de fato já têm qualidades para usar coroa e sentar-se no trono ambicionado.

Durante duas horas as candidatas desfilaram e passearam de um lado para o outro desafiando a paciência dos juízes. E naturalmente a eliminatória fêz-se em sigilo para não magoar assim de frente as jo-

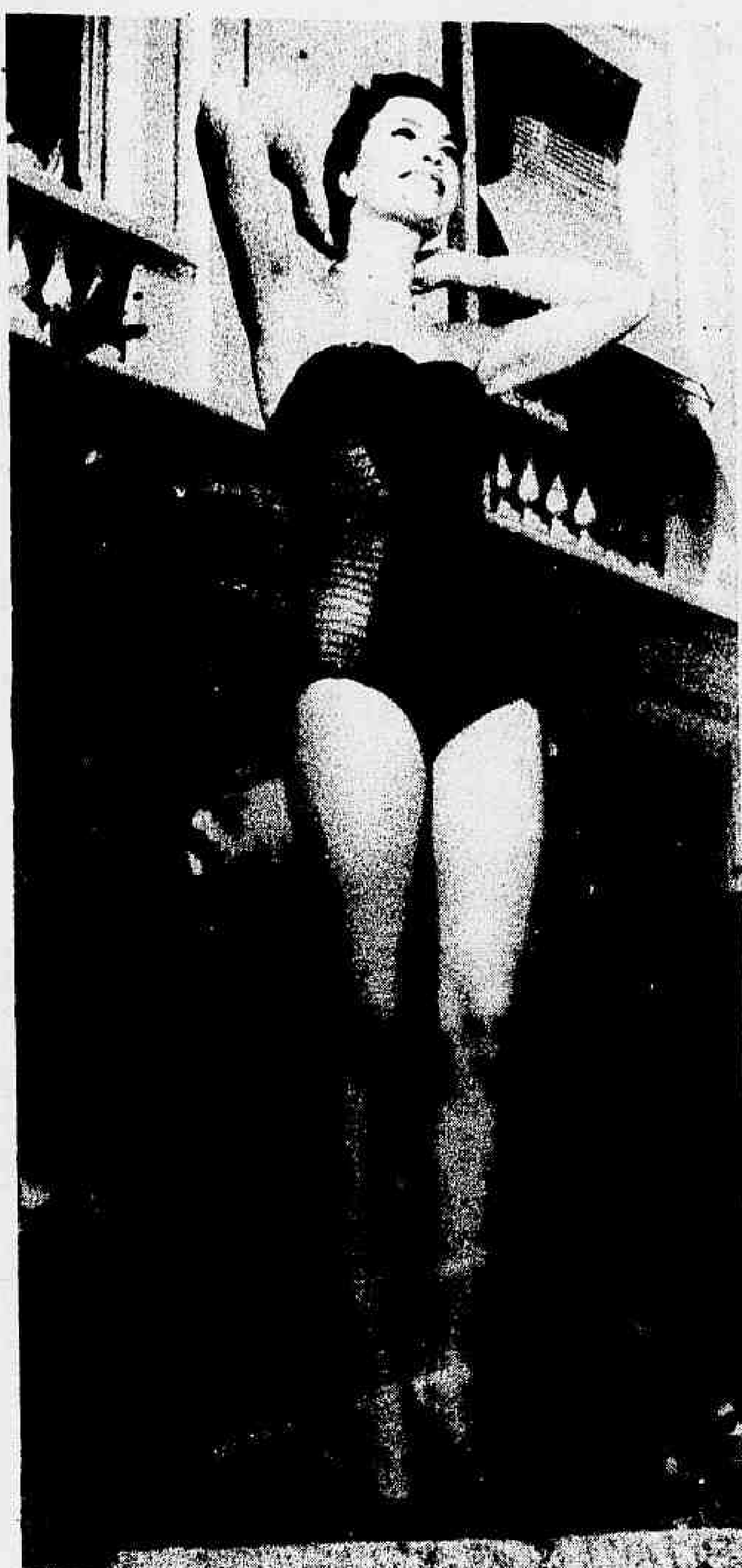
(Cont. na pág. 41)



HELENA MARTINS tem um sorriso largo e franco. Na frente dela Ivana Rodrigues. Outra dupla que também concorre com «handicap».



IVANA RODRIGUES exibe uma plástica de perfeita sereia. Que acontecerá com a consciência dos juízes? À beira da piscina ela é atraente...



SILVIA FERNANDA com o seu maiô que é feito para não esconder o quanto ela é bem feita de corpo. As dificuldades são intransponíveis.



DORA LOURDES, um brôto com as sinuosidades de uma gatinha. Com os cabelos soltos e a graça própria da carioca quer ser a vencedora.



LA GRACIA, o nome diz tudo. Com seu maiô estranho ela não parece disposta a nadar. Mas anda como se os olhos a levassem para longe.



AIDA SALLAS é chilena. O Chile se tornou famoso pela beleza das chilenas. Será que ela manterá a tradição e será rainha no Brasil?



DULCIMAR SANTOS, um lindo palminho de rosto. Se chegar a ocupar o trono com certeza que fará um bom papel. Tem linhas perfeitas.



ÚLTIMO FLASH

O alpinismo brasileiro acaba de colhêr sensacional vitória, com a escalada do gigantesco Aconcagua, o mais alto pico dos Andes e um dos mais difíceis do mundo, pelos esportistas brasileiros Ricardo Menescal e Orlando Lacorte, no dia 24 de janeiro último. O Aconcagua é uma montanha com mais de 23 mil pés de altura, entre o Chile e a Argentina, com grossas camadas de neves permanentes e sujeita a permanentes tempestades. Por várias vêzes os alpinistas brasileiros tentaram chegar-lhe ao cimo, tendo de desistir em face das condições atmosféricas. Mas, no dia 24 de janeiro, depois da terceira arremetida, conseguiram a ambicionada vitória: vencer o majestoso Aconcagua. Não sem grandes perigos que os dois brasileiros chegaram ao pico mais alto das Américas, enfrentando uma temperatura de vinte graus abaixo de zero e violentas tempestades de neve. O outro alpinista que teria partilhado da glória dessa ascensão, foi Antônio Marcos de Oliveira, que teve que desistir por ter sofrido um mal súbito. Os três da foto são: Antônio Marcos e Ricardo Menescal, tendo o guia ao centro; isolado, Orlando Lacorte. O glorioso feito foi patrocinado pelos nossos colegas de «O Globo» e «Panair do Brasil»



MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

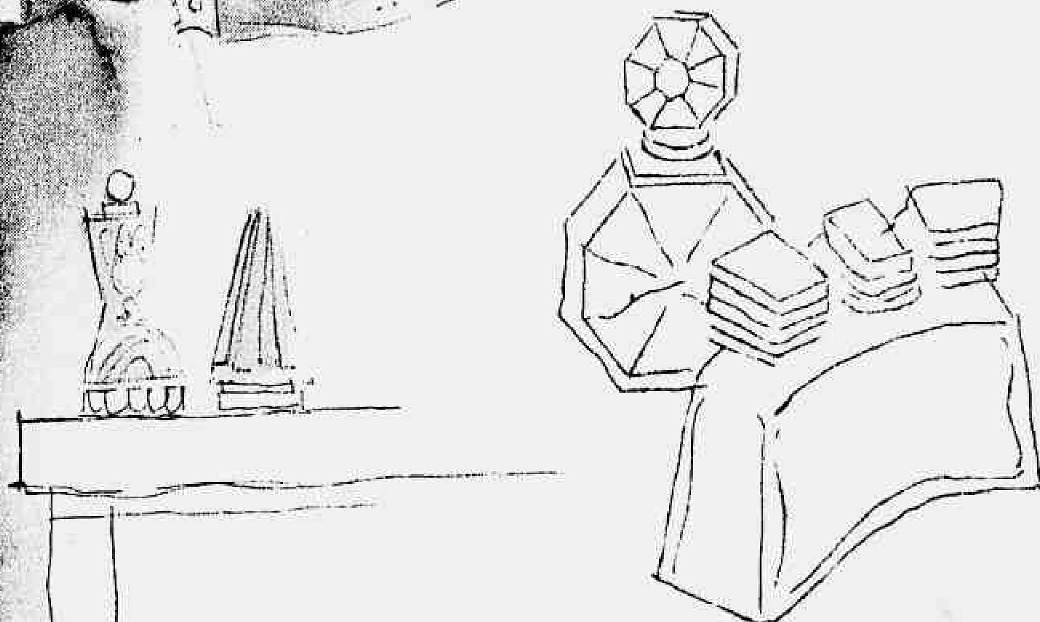
de grande beleza e originalidade



Uma legítima consagração...



O mesmo apurado bom gôsto de uma elite, que se distinguiu pela elegância ao consagrar os perfumes francêses como os mais finos e raros, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ